

GAEL RODRIGUES



PARE
DE TENTAR
ME FAZER
FELIZ



Pare
de tentar
me fazer
feliz

Gael Rodrigues

São Paulo-2019

Copyright © Gael Rodrigues
Todos os direitos reservados

Capa: Gael Rodrigues e Paulo Assis
Imagem de capa: Demonstration with Mme. Alberti's flying contraption,
Boston Public Library

As colagens utilizadas entre capítulos foram feitas a partir de fotos do acervo pessoal e familiar de Gael Rodrigues, modificadas digitalmente por Gael Rodrigues e Paulo Assis.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares e quaisquer acontecimentos são resultado da imaginação do autor ou foram usados

ficcionalmente, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, negócios, companhias, acontecimentos, ou locais são inteiramente coincidência.

para os monstros

Era este menino que eu pedia, e o Senhor concedeu-me o pedido.
Samuel 1:27

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05.](#)

[06](#)

[07](#)

[08.](#)

[09.](#)

[Epílogo](#)

Sentei num dos galhos da goiabeira. A coitada estava velha e seca, os poucos frutos que brotavam eram miúdos e infestados de bicho, como se depois de certa idade estivesse cansada de gerar goiabas saudáveis. Podres desde sua seiva. Para sorte da frágil madeira, eu me confundia com um graveto entre as folhas amareladas. Onze anos, torto e magrelo como a maioria dos meninos da rua, apesar de ser diferente dos meninos da rua. Do alto da copa, os telhados vermelhos das casas borbulhavam. O sol de quarenta graus derretia o que encontrava pelo caminho, proibindo seres viventes de sobreviverem. Procurei por todos os lados. Nenhum sinal dele.

— Nada ainda?

Minha irmã perguntou debaixo da árvore. Estranhei ela estar preocupada com ele, ou com minha preocupação. O mais provável é que estivesse se divertindo com minha busca. Tinha dois anos a mais que eu, mas, por ser menina, parecia ser uns seis mais velha. Eu ainda criança e ela quase mulher. Agia como. Se sentia como. Apesar de brincar de boneca comigo às escondidas: ela para não ser descoberta pelas amigas e eu pelo resto do mundo. Um dos muitos segredos que carregávamos mesmo jovens.

Desci do galho, era quase hora do almoço. O cheiro do feijão se misturava e digladiava com o das outras casas. Era a batalha silenciosa das mães e donas de casa: ao meio-dia deviam receber os filhos que chegavam da escola e os maridos do trabalho. Haviam limpado a casa, varrido o terraço, preparado o almoço. Um item a menos as transformariam automaticamente em mulheres desleixadas e desatenciosas. Uma cidade pequena onde a maioria almoçava em casa e em seguida tirava um cochilo. Depois os maridos voltavam ao trabalho, as crianças iam para a escola ou ficavam em casa— e a batalha para limpar novamente cada cômodo, ainda limpo, e preparar o jantar até as 6 da tarde, se reiniciava.

Há tempos não volto a Pedra Bonita, mas acredito que pouco tenha mudado. O tempo em cidades pequenas se arrasta, e na minha estacionou junto ao ar quente abafado. O cheiro, a cor, o gosto devem ser os mesmos dos anos 90. Com o tempo parado posso voltar àquela época. Ela me espera até hoje, para relembra-la e assim poder voltar a seguir. Contando o que

aconteceu, ela e eu seremos libertados.

— Vai tirar essa farda, seu pai está chegando.

Ele está atrasado, eu podia ter respondido a mainha. Nos últimos dias vinha demorando no almoço e no jantar. Ainda bem. Eu preferia comer sem ele à mesa. Éramos repreendidos pela forma que nos portávamos ao comer, mas ele agia como queria. Entrava na cota daqueles que agem da forma que querem, sem nosso questionamento: mais velho, autoridade, pagava as contas. Me incomodava o barulho que ele fazia enquanto comia. Deixava a boca aberta, fazendo com que o mastigar se misturasse à respiração. Por vezes, parecia o som de um porco indo ao abate. Como era vedado repreendê-lo, cabia a mim apenas o desejo que se atrasasse.

Mainha havia terminado de preparar o almoço e, após tomar banho, remendava na máquina de costura uma calça, das duas que eu tinha para o colégio.

— Não sei se você tem cadeira na escola ou sai ralando esse rabo no chão.

Cada vez mais estava mal-humorada, pouco carinhosa. Lembro de ela ser mais cuidadosa quando eu era menor, mas são memórias tão fugazes que tenho medo de tê-las inventado na ânsia de perdoá-la. Eu tentava tomar mais cuidado no meu agir, mas fazia pouca diferença. Era fácil irritá-la. Acho que ficar em casa, repetindo os fazeres, evitando o ser, deixou ela amarga. Despende o dia cozinhando e limpando a casa por treze anos seguidos também me endureceria. Atividades tão óbvias e banais que tiveram elogios no início, mas desgarrados aos poucos logo após casar. Tenho dúvidas se um dia recebeu elogios por algo que foi ensinado como sua obrigação. Estou sendo otimista. Eu a irritava simplesmente por existir, e talvez esteja aí o germem de minha paranoia— minha mãe me odiava, a primeira a me odiar, depois o resto do mundo.

Corri para o pequeno banheiro com a porta cheia de frestas. Tomava cuidado para que os remendos encobrissem minha nudez, então tirava a roupa com pressa e me escondia atrás da cortina que separava o chuveiro da privada. A água gelada caía sobre minha cabeça, refrescava meu corpo suado e o sabonete dava tudo de si para fazer espuma. A água da cidade era salgada e sem muito tratamento. Lavava o cabelo quando minha irmã entrou. Odiava quando ela fazia isso. Sempre fazia. Sentou na privada de porta aberta e urinou, ignorando minha presença. Tinha uma relação com o corpo diferente da minha. Me sentia torto e desengonçado e queria esconder cada pedaço possível. Ela andava com os peitos de fora, mesmo crescidos, sob os gritos de

minha mãe. Prendi a respiração debaixo d'água atrás da cortina esperando que fosse embora.

Após o banho tomado, de short e camisa, apesar do calor que já me arrancava suor, voltei a procurar. Embaixo da mesa só alguns de seus pelos. Levantei o lençol da cama e do escuro abaixo do colchão nenhum sinal dos olhos verdes brilhantes. Pela centésima vez fui ao beco. Só lama e mato. A vasilha com sua comida continuava cheia, intocada. Há uma semana evaporou-se. Era comum sumir às vezes, mas voltava.

Numa cidade pequena como a minha, gatos diferem de animais domésticos como um cachorro ou pássaro. Por terem a liberdade dos quintais, portas abertas, é mais fácil encontrá-los em muros, telhados. Juntos, em bando miando, tramando formas de dominar o mundo ao invés de dormirem na sala de estar. Voltam para as casas, muitas vezes para descansar das aventuras, não necessariamente para seus donos. Por isso são tão intercambiáveis: a cada ano, as casas têm novos bichanos, uns morrem do veneno que o vizinho velho mal-humorado espalhou pela rua, outros atropelados, e alguns simplesmente somem como canetas. Gatos de rua são como canetas. É comum os donos manterem o mesmo nome para todos que vão se substituindo, de modo que ninguém chora pelo gato morto ou perdido. Em dias haverá outro.

Fofinho não era caneta. Só havia ele. Ele era meu. Estava comigo há tanto tempo que seu nascimento se misturava à minha curta vida. Apesar de quatro camas na casa, um terraço, um quintal e tantos cantos possíveis onde pudesse dormir, era na minha cama, aos meus pés que passava as madrugadas. Numa vida tão sem carinho, eu sentia o carinho dele. Eu por ele, ele por mim, como se isso fosse possível. Eu, acostumado a apanhar de mainha, dos meus irmãos, tios, e avó, via nele a centelha da possibilidade: se eu desse amor, receberia em troca. Deveria receber amor. O amor havia sumido.

O barulho no portão avisou que painho havia chegado e era hora de comer. Alarme falso. Era meu irmão, que demorou um pouco mais no caminho da escola para casa, afinal é isso que pessoas com amigos fazem, demoram-se. Eu chegava muito rápido.

Tinha um ano a mais que eu. Um a menos que minha irmã. Por um mês eles tinham a mesma idade, o que levava às pessoas fazerem contas, soltarem risinhos, perguntarem como se é possível, esquecendo que a gestação difere de um ano, apesar de parecer ser permitido apenas um filho anualmente. Nossos pais nos tiveram de uma vez para tirar logo da lista a obrigação de ter

filhos, assim, no plural. Gostavam de repetir que éramos uma escadinha, um jeito divertido de esconder sermos itens riscados da lista.

Da sala, ouvi um barulho no quarto de algo sendo jogado no chão. Corri para lá.

— Já falei para tirar suas coisas do meu território.

Meu irmão falava assim comigo. Usava um vocabulário bélico ensinado nos Cavaleiros do Zodíaco ou qualquer outro desenho japonês violento que de segunda a sexta parava para ver. Dividíamos o mesmo quarto, mas ele o repartia milimetricamente como se fosse uma trincheira. Eu, desorganizado, esquecia as regras que em nenhum momento me foram colocadas para negociação. Ele como irmão mais velho ditava as normas, justas sim, para que mentir: metade era meu e metade era dele. Mas essa tensão permanente me deixava ansioso num sentimento que se aproximava muito, espero estar errado, ao ódio. Apesar das camas lado a lado, ou exatamente por essa proximidade, éramos soldados de exércitos opostos. Diziam que era normal a briga entre irmãos, que com o tempo iríamos ser melhores amigos, mas eu brigava com minha irmã sem desejar sua morte.

Peguei minha mochila do chão e coloquei na cama, calado, sem revidar. Dentro estavam os livros do colégio. Levava a maioria todos os dias. Achava que em algum momento da manhã precisaria urgentemente verificar alguma coisa, ter certeza de outra, e de nenhuma forma poderia esperar. O peso da mochila quase igual ao meu me causou uma hipocifoescoliose, meio torto para frente, capengando para o lado, como um médico do posto de saúde diagnosticou. Adorava essa palavra. Hipocifoescoliose. Repetia com orgulho tal qual um troféu. Era a prova de meu esforço nos estudos. Ser feio e desengonçado fazia parte do pacote. Beleza era contraponto de inteligência. Era o mais inteligente de minha sala, e isso bastava.

Além dos livros das matérias normais dentro da mochila, havia outro de ficção que pegava na biblioteca. Sorte minha a existência dela depender mais de alguma obrigação moral da escola do que de demanda. Vivia vazia. Muitas vezes assinava o empréstimo de um livro logo após minha própria assinatura de dias atrás. Pouco gostava de brincar com os outros meninos, na verdade, me dava mal com a maioria deles, então lia às tardes. Quando começou? Sei que mainha comprava livrinhos baratos para a gente no início do ano, painho trazia gibis da Turma da Mônica, mas poucas vezes os vi lendo. Da minha família, lembro apenas de meu tio mais velho com um livro aberto. Era o único que havia estudado na verdade. O único que vivia longe

da cidade de meus avós. Todos os cinco tios e tias moravam juntos, meus pais em nossa cidade a uma hora deles, mas meu tio vivia em São Paulo há anos. Diziam que éramos parecidos, e sempre que diziam, eu ficava feliz. Também queria viver longe de todos.

Enquanto separava o livro que havia pegado para ler à tarde, entrevi meu irmão tirando da mochila uma pequena revista. Fingindo que arrumava a cama, colocou-a embaixo do colchão. Em meio à nossa batalha, evitávamos o confronto direto, fosse verbal ou corporal; brigávamos pouco na verdade, e, com isso, desenvolvemos técnicas silenciosas de fingir. Por exemplo, eu fingia que ele não tinha essas revistas de safadeza embaixo da cama e ele fingia desconhecer que eu as ‘lia’ quando estava longe. Ele, propositalmente, deixava na mesma posição, com alguma página amassada, com algo em cima que seria deslocado caso eu pegasse. Eu tentava apagar vestígios, mas era impossível. Ele era muito meticoloso. Às vezes bufava ao perceber que a cama estava com o lençol um pouco remexido. Deixava claro, bufando, que sabia que eu era um bisbilhoteiro, mas, ao mesmo tempo, continuava escondendo no mesmo lugar. Acho que era sua forma de manter uma tênue cumplicidade de irmãos.

— Você viu Fofinho?

Balançou a cabeça. Evitou meus olhos. Tentei decifrar se estava com raiva por causa da mochila ou porque sabia algo sobre o gato que eu desconhecia.

— Venham comer logo.

Mainha chamou para a mesa, ela iria logo depois. Que comêssemos o necessário, nosso pai devia chegar em instantes. Nessa época, as regras antes duras foram se afrouxando. Nesse dia, pela primeira vez, não precisamos esperar painho; pouco depois comer à mesa deixou de ser obrigação, a televisão estava liberada, o que parecia um pecado capital até pouco tempo antes. Sinais dos anos vindouros em que pouco a pouco ela relaxou mais e nem comida no fogão era garantido ao meio-dia.

Nós três comemos calados à mesa. Sentíamos mesmo em outro cômodo que mainha estava mais irritada que o normal, e isso devia ter alguma conexão com os atrasos de nosso pai. A nós estava vedado o direito a perguntas, mas eu era bastante atento aos pequenos sinais. A comida, que de praxe estava longe de ser boa, estava pior. Normalmente, o feijão era gostoso, mas o resto era bastante comum: um arroz branco, um macarrão sem molho. Alguma carne cheia de nervos e gordura acompanhava. Enchíamos de farinha ou maionese para no final ter sabor nenhum.

Havia uma certa tensão para acabar logo, ou para evitar barulho, manter a ordem, ou fingir que a comida era boa, ou porque detestávamos conviver naquele momento na mesa. Não sei quais as questões deles, mas as minhas eram todas essas. Eu tinha onze anos, mas o peso que me acompanharia pela vida já me assomava desde o acordar. Quando começou, desconheço, mas eu era pesado.

Crack.

O copo caiu no chão. Meu copo caiu no chão. Sem intenção, e normalmente isso acontecia, eu deixava objetos caírem, se quebrarem. O vidro espatifado e o suco de acerola espalhado pela cozinha. Me tremi por dentro. Ouvi mainha levantar da máquina de costura. Eu sabia o que ia acontecer. Veio gritando meu nome, sabia de antemão que era eu, e eu, por conhecer o roteiro do que aconteceria, continuei sentado. Depois de tanto apanhar, não corria mais para evitar. Sabíamos o que acontecia. Nossa vida desde cedo era uma mera repetição, como se Deus fosse avesso a gastar muitas narrativas com uma família tão pobre e sem graça. Minha única rebeldia e desrespeito ao arco instituído divinamente era aceitar o tabefe que estava me dando com a sandália. Um na cara, outro nas costas, outro no braço. Doía sim, deixava marcas que durariam a tarde inteira, mas continuei sentado esperando ela parar, assim eu voltaria a comer.

— Menino ruim, nem chora.

Choraria sim, mas distante dela ou dos meus irmãos. Doía muito. Mas se eu chorasse na frente deles estaria perdendo duas vezes. Sim, talvez fosse um menino ruim desde cedo.

Como apanhei sem chorar, e ela me acusou de deixá-la nervosa, mandou eu sair da mesa, direto para o quarto. Meus irmãos continuaram comendo como se nada tivesse acontecido. Se sempre acontecia, nunca acontecia. Levantei calado, feliz por poder ir para minha cama chorar sozinho, quase sucumbindo. Deitei na cama, coloquei o lençol em cima do rosto e chorei tentando calar o som. Até hoje choro tendo espasmos, por tentar conter o som que o choro tem. Choro mudo dói como se eu estivesse apanhando novamente. No fim eu havia perdido mais que duas vezes. Ao menos, não suspeitavam.

Continuei deitado na cama para as lágrimas e espasmos se dissolverem. Ainda bem que Fofinho desapareceu. Quando eu chorava, me olhava com olhos arregalados como que entendendo, como que tentando me ajudar de alguma forma.

Meu irmão voltou para o quarto, minha irmã foi para o dela. Ambos se deitaram para dormir. Nossos quartos careciam de portas, e o meu dava acesso ao da minha irmã. Essa falta de privacidade me incomodava. Sem porta um quarto não é um quarto, e uma pessoa se torna metade-pessoa por ignorar o limiar de sua intimidade do restante da casa.

Em pouco tempo, eles adormeceram. Eu não. Tentei, mas lembro de poucas vezes ter conseguido dormir depois do almoço. Mesmo à noite, demorava horas para cair no sono. Minha cabeça numa ebulição de pensamentos que impediam o descanso. Minha cabeça para meu terror nunca descansava.

Peguei o livro da biblioteca, levantei silenciosamente, sem saber se podia sair do quarto que nem quarto era, porque minha esqueceu de definir regras para o castigo. Uma forma de eu estar errado em qualquer circunstância. Pelo silêncio, imaginei que ela também estivesse dormindo. Andei na ponta dos pés até chegar em frente ao quarto dela. Esse era um quarto, tinha porta e a porta estava fechada. Também dormia. Ao redor tudo dormia. Mesa, sofá, a televisão desligada. O calor que derretia também colocava a casa para cochilar. Menos eu.

A casa de telhados estava escura, apesar de ser uma hora da tarde. Tínhamos poucas janelas, as casas eram muito próximas umas das outras, e apenas uma telha de vidro na sala clareava um pouco o ambiente. Aproveitei o cochilo coletivo e fui para o terraço. Gostava de ler no terraço porque o chão vermelho era friozinho. Colocava uma almofada na parede e deitava, apoiando o livro na barriga. Havia poucos carros, algumas bicicletas, uma ou outra pessoa que cruzava falando alto, e as pessoas falavam muito alto, mas fui desenvolvendo uma concentração apesar do permanente barulho ao redor.

A bibliotecária havia me indicado um livro que chegara há pouco. Ela era jovem e bonita, uns vinte e poucos anos, mas eu a chamava de senhora, por ser incapaz de tratar sem cerimônia qualquer pessoa que tivesse um ano a mais que eu. Me entregou toda animada, orgulhosa de saber como agradar um dos poucos usuários de seu trabalho. Era de uma coleção que eu devorava, Vagalume acho, isso, Vagalume, com histórias de suspense, jovens em aventuras, crimes, algo parecido com os filmes da Sessão da Tarde. Lembro o desse dia: um grupo de garotos que buscam um amigo desaparecido. Me deixou a sensação de estar pouco fazendo na prática pelo sumiço de Fofinho. Deveria, assim como eles, sair pelas ruas, juntar esforços. Mas quais amigos para conclamar a sair numa aventura? Minha única ousadia

era pular de um parágrafo para outro e desvendar os mistérios à medida que os personagens também conseguiam. Quando dava partida na leitura, esquecia os tabefes, os gritos, a falta de amigos e tantas faltas. Enquanto as engrenagens do livro estivessem em movimento eu estaria completo.

Virei a primeira página, segunda, terceira, lendo, indo, afundando, e em alguns instantes estava junto com aqueles garotos pela Rua Quinze à procura do personagem desaparecido. Os minutos corriam, as pessoas gritando pela rua, o carro de som cantando algo, minha casa que já acordava após o cochilo, e eu continuava ali como que coberto por uma capa de invisibilidade. Era isso. Mainha abriu a porta e passou a varrer o terraço. Nada falou comigo. Meu irmão correu com uma bola e foi chamar outros meninos na rua para brincar. Me ignorou. Minha irmã saiu apressada, atrasada para a aula de educação física no colégio. Passou direto por mim. Com o livro nas mãos, eu era invisível. Isso era bom.

— O que você está lendo?

Invisível, mas nem tanto. Era o menino que morava algumas casas acima da minha, no meio da ladeira. Douglas. Ele cruzou o portão, entrou no terraço e se sentou ao meu lado no chão. Sem perceber, prendi a respiração. Toda vez que mainha me via com ele, depois a sós, brigava comigo, dizia que era má companhia, ninguém daquela rua era boa companhia e muito menos ele, ele era um menino errado. Errado nem parecia um adjetivo correto para acompanhar uma criança. Custava entender como alguém de minha idade seria tão prejudicial a ponto de ser proibido me fazer companhia. Ao conversarmos, soava inteligente. Não conseguia ler, como quase todos dali, mas eu percebia algo diferente nele. Era falante, sabia de tantos assuntos, tantas histórias, como se a rua também pudesse ensinar. Tinha a vida como professora e era prático. Eu aprendia nos livros e era metódico. Mas éramos muito parecidos. Acho que era esse o medo de minha mãe. Que eu entendesse que era diferente, assim como ele. E diferente era um adjetivo possível.

— Sobre um menino que desaparece na rua, daí os quatro amigos saem para procurá-lo.

— Que nem o Tiquinho.

— Tiquinho?

— Ele desapareceu mês passado. Acharam o corpo dele perto do rio. Todo aberto e sem as coisas de dentro.

— Os órgãos?

— Só tinha sobrado as tripas. Disseram que era pra vender o que tinha

dentro.

Contou num ar adulto se divertindo ao me ver assustado com aquela história. Ele, acostumado às ruas, achava normal. Eu era o menino que, mesmo num lugar pobre, vivia isolado num mundo em que inexistiam palavrões. Depois que falou, saiu correndo sem se despedir. Fiquei com a imagem na cabeça de um menino que nem eu, sem nada dentro. Um menino oco.

Tentei ler novamente, e lia, e lembrava do meu gato, pensava se ele estaria também oco em algum lugar, ou se um dia na volta da escola eu seria raptado também e tirariam meu órgãos para vender, e se antes disso alguém daria falta de mim, se eu atrasasse algum dia alguém daria falta de mim?, e se notassem, se alguém se disporia a me procurar, a fazer uma comitiva de busca, ou se as pessoas ficariam felizes que eu sumira, meu irmão ficaria feliz por ter o quarto só para ele, minha mãe teria todos os copos inteiros, e eu chorava um pouco lendo porque imaginava possibilidades cada vez piores, e temia porque parecia tarde e meus irmãos estavam atrasados e tinha medo que eles também tivessem sumido e teria que viver sozinho naquela casa, e eu os amava tanto apesar das brig

Ouvi minha mãe lavando os pratos. Fiquei mais tranquilo porque ela estava por perto. Levantei e fui para cozinha. Fiquei olhando para ela e sorri, sorriu de volta, mas mandou ir pra meu canto. Eu sabia que tinha meu canto e ela o dela. Meu irmão voltou suado com a bola, jogou na parede perto de mim, e ela quicou de volta para as mãos dele. Gritei algum desaforo, mas ele riu e também ri. Lia novamente o livro quando minha irmã voltou da escola, toda feliz, provavelmente tinha beijado algum garoto. O livro estava cada vez mais emocionante cheio de suspense e os pensamentos ruins foram se esvain

O telefone tocou.

Telefone era o nosso único luxo mesmo sem ser nosso. A empresa de painho havia instalado para facilitar o contato. Mainha proibia que ligássemos para qualquer lugar. Deixava claro que era só para o trabalho, mas às vezes ligava para voinha. Qualquer exceção às regras cabiam somente a ela.

Corri para atender, adorava atender o telefone, mas mainha alcançou antes o gancho.

Atendeu, ficou séria, ficou calada, como se a alma tivesse saído para tomar água enquanto o corpo continuava no telefone. A boca mexia, mas sem alma nenhum som saiu. Minha irmã correu para o meu lado, procurando

diversão sem encontrar. Hoje não. Olhou para mim, como se eu pudesse adiantar algo por estar ali desde o início. Eu também custava a entender, mas sabia que era desagradável.

A alma de mainha voltou para permitir que chorasse. Chorou. Lágrimas que nem estavam ali um segundo atrás escorriam. Tremia um pouco. Colocou o gancho de volta e falou sem nos encarar.

— Morreu.

Foi o que conseguiu balbuciar antes de desabar no sofá. Minha irmã chorou instantaneamente, por se comover junto à minha mãe, antes mesmo de entender o que estava acontecendo. Parei por alguns segundos. Fofinho havia morrido, era isso? Por isso não o encontrava em lugar nenhum. Só quando meu irmão chegou ao lado e perguntou se algo tinha acontecido com painho, entendi. O atraso de painho. Juntei os pontos.

— Painho morreu — falei para ele, que também começou a chorar.

Mainha estava desfalecida, e minha irmã pedia que ela falasse, vomitasse algo. A palavra daria início ao processo de luto reconhecendo a vitória da morte. Muda. Tentava sorver o ar, achar palavras, achar sentido. Minha irmã gritou por água, meu irmão correu, mesmo aos prantos correu.

Continuei parado.

Mainha por alguns centésimos de segundo me olhou e analisou. Notou meus olhos secos. Notei meus olhos secos. Como agir quando alguém morre? Horas atrás estava feliz por meu pai atrasar para o almoço, mas, ao receber a notícia, me trouxe um gosto estranho de ter participado da sua morte. Como se meu querer de sua ausência tivesse ido para a fila errada dos desejos, e sido prontamente atendido pelos anjos que dizem sim aos pedidos puros infantis.

Fugi para o terraço. Esconderia deles que eu era o culpado. Meus olhos secos de lágrimas e corpo duro revelavam meu crime. Fechei os olhos e pedi a Deus que trouxesse meu pai de volta. Eu havia pedido antes errado. O amava. Queria tê-lo por perto. Mesmo comendo de boca aberta e chegando bêbado às vezes, eu o amava. Tentei chorar para provar a Deus que estava arrependido, mas em vão.

De olhos ainda fechados, ouvi o portão a minha frente ser aberto. Abri os olhos. Era ele.

Eu ainda era religioso, mas um tanto cético quanto ao sobrenatural. Fiquei parado sem gritar enquanto o fantasma de meu pai se aproximou. Tinha o mesmo tamanho e cores, ao contrário da crença de os fantasmas serem

transparentes, ou pálidos. Vestia a farda que usava no trabalho, no que supus que morrera trabalhando.

— Cadê sua mãe?

Minha voz sumiu. Fiquei com medo de, ao responder, me conectar com o mundo dos mortos. Voltei a fechar os olhos e a rezar. Dessa vez rezei para que Deus o encaminhasse e não o deixasse vagando a esmo. Falei devagar para que ele pudesse entender tantos pedidos incoerentes em tão pouco tempo.

Painho passou ao meu lado e fez carinho em minha cabeça. Consegui sentir o toque. Era um fantasma diferente do filme da TV. Ao invés de trespassar a porta, abriu e entrou. Seguiu para a sala. Do terraço ouvi o choro e grito dos outros ao vê-lo. Entendi que era desprivilegiado, não tinha um dom, afinal todos enxergavam ele. Ao me aproximar e ouvir o que falava, concluí que meu pai não era um fantasma, estava vivo, mesmo assim portava más notícias.

— Seu tio morreu, Júnior.



No outro dia, logo cedo, mainha nos chamou. Eu já estava acordado, na verdade. Despertei a noite inteira com medo de perder a hora de ir para Garças, a cidade de minha avó. Mesmo sendo pequena, era maior que a minha, então era uma cidade grande. Íamos para lá nas férias escolares de julho e janeiro. Deixava a minha monotonia: lia as Vejas de meus tios, ouvia os últimos cds que haviam comprado, brincava com oito primos. Dessa vez, seria uma viagem rápida, participar do enterro de titio, meu primeiro enterro. Até então ninguém da família, pelo que lembrasse, havia morrido. Talvez por desconhecer a morte e a dor no seu encalço, me comportava como se estivesse indo para uma miniférias.

Pulei da cama para ser o primeiro a tomar banho. Adorava a água gelada desse horário. Somente acordava às cinco da manhã quando precisava viajar, sair da cidade, o que me fazia cantarolar mesmo tirititando de frio.

— Hoje não é dia de música — mainha ralhou próximo à porta.

Ela usava essa expressão normalmente na sexta-feira santa ou outros dias religiosos, e dias religiosos tinham cheiro de morte. Por causa dela (painho nunca fez questão), estava vedado comer carne às sexta-feiras, às seis horas da tarde ouvíamos a ave-maria e, no domingo pela manhã, íamos à missa. Só quando ela associou a proibição da música ao sepultamento de meu tio, farejei o odor dos dias santos. O sagrado da morte. E da mesma forma que na sexta-feira santa me sentia culpado — feliz pela crucificação de Cristo porque sabia que um dia depois, no sábado de aleluia, iria comer ovo de chocolate —, agora o incômodo vinha por perceber meus pés iniciando passos de dança apesar da morte de titio.

Meu tio preferido. O único que nunca me bateu, que me levava para passear de carro, contava histórias da época da faculdade. Contava como se eu pudesse entender, como se fosse um igual, ou porque sabia que assim como ele, eu também iria conseguir fazer uma faculdade, estudar, ter um futuro. Futuro. O dele se foi. O que estudara e construía havia sido em vão. Mesmo fugindo para longe da família ia ser enterrado onde meus tios e avós moravam. Soava como algo que ele rejeitaria. Recordei que ao contrário de meus outros tios e tias, ele não tinha filhos. Nem era casado. Deveria ter casado porque era bonito, vestia-se com roupas que lembravam os galãs da

novela das oito, exalava uns perfumes cheirosos. Eu queria ser cheiroso igual ao meu tio.

— Mainha, por que titio não teve filhos?

— Porque não era casado.

— Por que não era casado?

Me encarou sem paciência. Sabia que ela evitava me machucar nos dias santos. Era pecado bater nesses dias. Coisa de Judas. Uma vez me encheu de chineladas, e muitas, mas ficou pedindo perdão a Deus, rogando que a culpa era minha, era muito danado. A mim se esqueceu de pedir perdão.

— Vai se arrumar senão fica sozinho em casa.

Era costumeiro a ameaça de me largar sozinho. Apesar de minha preguiça de acordar cedo aos domingos para ir à missa, apesar da raiva de visitar no natal a mãe do meu pai que morava a poucas quadras de casa, apesar de vários apesares, tinha medo de ficar sozinho. Me apressei sem suspeitar dos vários abandonos que a vida me reservaria. Se soubesse, aceitaria de bom grado as ameaças: uma preparação para o futuro.

Meus irmãos ainda sonolentos se dividiram entre tomar banho, reclamando da água gelada, e se arrumar. Eu estava pronto, balançando as pernas na cadeira de madeira.

Painho sentou numa das cadeiras ao lado. Reparou em mim e riu. Sempre ria. Eu cobria a boca com as mãos para esconder os dentes tortos, mas ele, com os mesmos dentes tortos, dava gargalhadas que eram ouvidas na esquina de casa. Literalmente: ouvíamos ele rindo mesmo antes de cruzar a porta. Me foge da memória se com onze anos já tinha vergonha desse riso exagerado ou se ria junto. Não, lembro sim. Retribuí o riso. Estava feliz em viajar e ele ao ler meus pensamentos se divertia. Até o fim de minha infância, acreditei que painho lia meus pensamentos. Tinha esse poder apenas quando estávamos próximos. Eu tomava cuidado no que pensava para não o magoar.

Painho era muito alto, muito magro, desde sempre teve bigode. Tirou apenas uma vez. Chorei muito. Era como se fosse outra pessoa. Como se tivesse nos enganado com a versão anterior e, na verdade, era um homem alto sem bigode. Mainha parou de falar com ele até os pelos voltarem por completo. Uma semana. Ameaçou: havia o conhecido com bigode e da próxima vez o deixaria. Nunca teve coragem de largá-lo, mas era movida a ameaças.

Ele não terminou o ensino fundamental. Desde adolescente trabalhava numa agência de vendas de passagem de ônibus e assim continuou. Falava

errado e de preferência alto. Tinha o costume de antes mesmo de chegar em casa tirar a camisa ou andar com ela desabotoada. Era estranho quando no colégio falavam sobre pai herói, pai exemplo. Eu tinha vergonha de meu pai.

Ao contrário das crianças da rua, estudávamos no colégio particular. Titio pagava nosso colégio (futuro!), então eu estudava com crianças que pareciam ser ricas. Era uma cidade pobre, não havia ricos, o que ainda eu nem desconfiava. Sabia que era muito mais pobre que meus colegas. Sem dinheiro para o lanche no intervalo, reutilizava os livros didáticos de meus irmãos e morava longe de todos. Mainha era quem participava das reuniões de pais ou ia ao colégio resolver algo. Portava-se como se fosse daquele mundo, apesar de eu reconhecer a mentira. Nosso segredo. Mas quando painho ia me buscar, ou participar de alguma das festas, me sentia constrangido. Nosso cuidado, meu e de minha mãe, em fingirmos ser de outra casta, indo por água abaixo. Ela cochichava para ele abotoar a camisa, falar baixo, *pare de gargalhar*. Ele nem se importava. Eu ficava torcendo para que ele desistisse de ir às festas ou tivesse algum compromisso que o impedisse de chegar. Era desses pensamentos que tinha vergonha que ele lesse em minha mente.

— O senhor vai com a gente?

— Não consegui folga. Se comporte lá, tá? — ele falou, nada sério, ciente de minha má fama.

Mainha apareceu com meus dois irmãos, foi fechando as portas, reclamando de minha cama desarrumada, avisando que íamos comer no ônibus mesmo, fazendo mil recomendações de como deveríamos agir, o que dizer e o que calar. Deveria estar ouvindo, mas corri para dentro para pegar o livro que ainda lia. Ela reclamou mais uma vez comigo, mas havia tantos itens ainda para se queixar que se esqueceu desse rápido.

A cidade ainda estava nascendo. O homem vendia leite na bicicleta se anunciando na rua, algumas mulheres varriam as calçadas de casa, e nós cinco seguimos em procissão silenciosa para a rodoviária. Entramos no ônibus fedorento de poltronas desconfortáveis que me deixava feliz. Gostava de ficar numa poltrona com janela e ver o mundo correndo. Quando o mundo corria, eu corria junto.

— O senhor lembra de colocar comida para Fofinho? Ele pode aparecer.

Pedi pela janela me despedindo de painho. Por um segundo senti aquela dorzinha no peito relembrando o dia anterior em que pensei tê-lo matado. Prometi a mim mesmo: nunca mais pediria a Deus que painho se atrasasse, apenas que comesse de boca fechada e abotoasse a camisa. Assim diminuiria

o risco de mal entendido no céu.

O ônibus se espreguiçou, soltou um ronco alto, arrancou, foi se despedindo da cidade, saudando o sol que despontava, o verde que pululava. Fazia questão de acertar os buracos da estrada, me fazendo pular a cada trinta segundos. De tão animado, comi pouco do que mainha trouxera na bolsa. Umas tapiocas, bananas e laranjas. Gostava de ver o mato verde, as vacas, uns lagos ali e acolá, o vento batendo no meu rosto. Intercalava com o livro que havia trazido.

De pouco em pouco, o ônibus estacionava. Novos passageiros entravam e o trajeto que seria de uma hora e meia se transformou em mais de duas. Ainda eram nove da manhã quando chegamos a Garças, mas era como se um dia inteiro houvesse se passado.

Um dos nossos tios nos esperava na rodoviária. Estava sério. Mainha o abraçou chorando, e ele, tentando se aguentar, cedeu e também chorou. Se recompôs rápido, lembrando de ser homem.

— Como foi que isso aconteceu?

— Você sabe como ele era.

“Você sabe como ele era” era uma frase que facilmente ouviria sobre mim. Quando era minha culpa pelo copo caído e quebrado, pela televisão ligada até tarde, quando a sandália era deixada na sala apesar de eu já ter ido para quarto, e tantas outras gravidades que se esperavam de mim. Torci para que, ao crescer, pudesse estar livre dessa frase; porém, se titio e eu realmente fôssemos parecidos, estava enganado quanto às minhas expectativas.

Eles conversavam meio baixo. Pensei que tentavam que nós ou outros passantes não os ouvissem. Falavam baixo para diminuir a chance de se ouvirem, com medo das próprias palavras revelarem o que tentavam esconder, as palavras tornando os fatos verdadeiros. Havia certo constrangimento. Evitavam mencionar do que titio havia morrido, e nem eu, tão excitado por viajar, perguntei. Morte como um substantivo intransitivo, se bastando a si mesma. Supus ter sido de carro. Ele gostava de dirigir para lá e para cá, sentir o vento na cara e ver o mundo correndo enquanto ele corria. Torci para estar errado. Ele era muito bonito e uma batida teria estragado o rosto.

— Titio morreu de quê? — perguntei para minha irmã enquanto colocavam nossas bolsas no porta-malas.

— Mainha disse que dormindo — ela respondeu baixinho.

Fiquei satisfeito. Imaginei ele como uma bela adormecida. Mãos postas

sobre o peito, bem vestido, cabelo penteado. Se tivessem se esquecido de perfumá-lo, eu mesmo colocaria o perfume que trouxera. Iriam me agradecer.

Entramos no fusca branco, nos apertamos no banco de trás, cada um abrindo mais suas pernas para ficar mais confortável para si e desconfortável para o outro. Mainha nos olhou por um segundo sem nada dizer e isso bastou para que nós três fechássemos as pernas e ficássemos quietos. Meu tio ligou o rádio, tocava um forró. “Ai meu vaqueiro meu peão, conquistou meu coração, e na pista da paixão, e valeu o boi.” Eu adorava forró. Me esquivava de dançar por ter vergonha, mas me imaginava num baile fazendo passos de dança misturando-se a um balé com todos me admirando e me invejando, até. Ao ficar maior, ficaria bonito e teria coragem de dançar. Cantarolei, mainha novamente olhou e parei. Se ela tinha um superpoder era esse. Um olhar que substitui a boca. A música, porém, continuou. O olhar dela tinha efeito nenhum sobre meu tio. Eram hierarquias que eu sempre estaria perdendo: ela respeitava o irmão dela, e cada uma ia se respeitando em seguida. Ao chegar em mim, o caçula, ninguém precisava respeitar.

Seguimos para casa de minha vó. A casa devia estar cheia com meus primos, tios, tias. Queria chegar logo lá, então, a cada semáforo, me impacientava e tamborilava no banco a frente. Normalmente, adorava semáforos porque em Pedra Bonita não tinha nenhum. Minha primeira noção de cidade grande foram os sinais de trânsito. A cidade é tão grande que necessita de algo mecânico que nos avise para sermos polidos e educados e dar a vez para o outro passar. O que é totalmente aceitável, afinal, a cidade é grande por ter muitos ricos, e ricos tem pressa, e precisam que os outros organizem as banalidades por eles. Se forem máquinas, melhor: dispensa-se o obrigado após o favor. Um dia eu seria rico também. Em Garças havia quatro semáforos, por isso eu supunha ser uma cidade enorme e com muitos ricos. Gostava de semáforos, mas, dessa vez, eles apenas me irritaram.

— Chegamos.

Era diferente de nossa rua, que mais parecia uma favela. Cheia de casas bonitas e grandes que precisam de muros. Casas-cofre. Se alguém estivesse varrendo as calçadas seriam provavelmente as empregadas. As donas de casa eram donas da casa, mas preferiam tomar conta do que realmente importava.

Meu avô fez dinheiro sendo vaqueiro e, após anos de trabalho, comprou um posto de gasolina. Foi o que me disseram. A família tirava o sustento de lá, menos o meu tio que acabara de morrer e minha mãe. Parece que ao escolher casar com meu pai, O Pobre, ela havia escolhido o amor em vez do

dinheiro. O que é engraçado vindo dela. Avesa a me fazer um cafuné, mas havia trocado uma grande casa e carro por um amor. Resmungava ter escolhido o homem errado, que era bonita à época e outros a quiseram, mas, ao dizer isso na frente dele, frisando que, apesar da família, e tudo e todos, o escolhera, seus olhos diziam apenas: ela o amava da mesma forma que do início.

Saí do fusca e corri para abrir o pesado portão de madeira. Antes de chegar à garagem, havia um caminho com jardim nas laterais. Estava cheio das rosas e um tanto de plantas que minha vó cuidava. Rosas rosas, brancas, vermelhas. Tremeram ao me ver chegar. Normalmente, quando voinha saía, brincávamos escondidos de vôlei ou futebol ou qualquer outra atividade que invariavelmente teria uma bola acertando em cheio as pétalas. Era certo eu levar umas chineladas. As rosas sorriam vingadas, mas temerosas do dia seguinte.

Corri para dentro de casa, mainha gritou, me chamou para perto, depois cochichou, chamou atenção para a bagunça, que eu evitasse correr, correr era um tipo de brincadeira, nenhuma brincadeira estava permitida. Segui sério. Andei até a sala e pude ver meus primos emburrados, sentados, como se estivessem de castigo. Entendi a expressão cara de enterro.

No meio da sala, uma enorme caixa suspensa, com flores ao lado, velas e uns enfeites dourados. Mainha e minha irmã choraram. Meu irmão tomou um ar solene como quando ouvíamos o hino nacional e mexíamos a boca errando a letra. Meus tios e tias, ao verem minha mãe, levantaram-se para abraçá-la.

Sobraram três homens e três mulheres. Engraçado que após a morte de titio formavam três casais. Ele como peça sobressalente. Talvez tenha morrido para reparar esse erro. Dizem que Deus age de formas misteriosas, e quem sabe ao perceber que havia mandado um filho a mais resolveu, mesmo após 25 anos — afinal, ele era Deus e para Deus inexitem prazos ou questionamentos —, resolveu, repito, levar o filho que sobrava. Ao olhar para a Terra, escolheu o mais diferente e que morava longe dos outros. “Você sabe como ele é”, disse Deus se justificando para um anjo que riu, riram juntos e continuaram o que antes faziam.

Aproveitei que o caixão havia ficado sem adultos em volta para me aproximar. De início corri, mas lembrei que era proibido correr, então andei, um tanto rápido, admito, esperando burlar nenhuma regra. Queria ver a bela adormecida.

Me aproximei.

Estava fechado.

— Titio ainda não está pronto?

Pela cara que meus primos fizeram, eu havia falado algo errado. Estavam de olhos arregalados só pelo fato de eu estar falando e não de castigo como eles. Talvez o jeito que eu tenha perguntado, se ele ainda ia chegar, provasse meu desconhecimento sobre o morrer, e que meu tio chegaria para participar do próprio funeral. Longe disso. Era inteligente. Queria saber por que ele não estava deitado dentro do caixão, da forma que vi na televisão, com pessoas beijando sua testa, chorando em cima de seu peito, com um ar sereno de quem assiste ao próprio funeral sem compreender o drama. “Estou apenas morto, oras, melhor que vocês.”

— Seu tio está dentro do caixão — minha mãe falou me puxando. Me tirando de perto impediria que eu levantasse a pesada tampa que o cobria, o que sequer imaginei fazer.

— Eu trouxe perfume pra ele.

Bastava. Deu um tapa em minha boca e por um segundo, por causa da surpresa, quase chorei. Todos ao redor me olhavam. Os adultos fazendo não com a cabeça, criticando minha postura, e meus primos fazendo que sim, se divertindo com o tapa. Segurei as lágrimas.

Corri, esquecendo da regra, e mesmo lembrando continuei a correr, saí da sala e entrei na primeira porta que encontrei.

Apenas dentro, me dei conta: o quarto de minha avó. Ela não estava na sala com os outros. Ao vê-la, a cada janeiro ou junho, tinha a impressão que ela estava diminuindo. Pouco notava meu próprio crescimento, mas jurava que minha vó, baixinha e ranzinza, cada vez se apequenava. Mais ranzinza também. Estava deitada na enorme cama, de vestido preto e sapato. Devia estar cansada. Ao me ver entrar, seus pensamentos se congelaram junto aos olhos fixos em mim e boca aberta. O que via? Assustei ela? Pedi desculpa. Ao ouvir minha voz, e talvez ao me ouvir, voltei a ser eu, aos seus olhos de memória, depois virou o rosto voltando a encarar o teto.

Sentei ao seu lado na cama e com os dedos senti a manta de crochê que ela tinha bordado. Balançando minhas pernas, ouvi minha barriga roncar, devia ter comido mais no ônibus, imaginei o que teríamos no almoço, a empregada de voinha fazia comidas gostosas, e periodicamente era outra empregada, porque ela era muito rabugenta, e odiava qualquer uma que ia trabalhar lá, ou era o contrário, ninguém que trabalhava lá aguentava minha vó, ou eram as duas alternativas, pensei nas revistas de meus tios, alguns meses acumulados

que eu lia, revistas que eles nem liam, mas gostavam de ter, porque ricos tem revistas que não são lidas mas são colocados no centro da sala, para que outros ricos cheguem e reconheçam, mesmo que também não tenham lido, mas reconheçam ali outro rico, porém, daria tempo?, teríamos que voltar ao fim da tarde, logo após o enterro, para assistir aula amanhã, minhas pernas balançando e eu pensando, mainha falou que melhor nunca perder aula, o que eu concordava, apesar de querer continuar mais um tempinho por lá, ao menos dorm

— Você parece com ele quando era pequeno. Por um segundo pensei...

Ela olhando para o teto pensava em voz alta. Parei de balançar as pernas.

— Titio?

Ela voltou a virar a cabeça e me encarou.

Sua feição mais uma vez foi mudando. Me olhava de uma forma que jamais experimentei vindo dela: como quem vê uma miragem e quer tocá-la, tocando, se materializaria. Foi a única vez que senti amor de minha vó, e naquele instante me calei, fiquei parado com medo de que o menor movimento trouxesse ela de volta à realidade e me reconhecesse — e não seu filho morto.

Tocou meu rosto, fez carinho, me amou, segundos de amor, mas com tecido de eternidade. De repente, algo pareceu errado. Uma culpa foi se assomando em suas rugas, dúvidas contorcendo cada sulco do rosto, tentando achar em meus poros respostas de uma vida que se foi. A pele de sua mão queimava minha pele fina.

— Onde foi que eu errei com você?

Ela falou chorando e chorando, e eu tentei me afastar quando sua mão no meu rosto queimava ainda mais. Nela brotou nojo e raiva. Gritou. Gritava com titio, ou comigo, com os dois.

Entraram no quarto e me puxaram.

— Onde eu foi que eu eu errei. Meu filho, meu filho — ela gritava me puxando.

— É Júnior, mamãe, seu neto — Mainha falou enquanto seguravam minha vó. — Heleno está morto.

Trouxeram um comprimido e fizeram ela engolir mesmo sem querer. Os filhos a arrodaram. Meus primos tentavam ver algo da porta, sabendo os próprios limites geográficos. Antes que voltassem a atenção a mim, corri mais uma vez, ciente de tantas regras que estava quebrando num só dia, e fui para o terraço ficar sozinho. Sozinho, as chances de errar seriam diminuídas.

Minha prima mais velha me seguiu. Ficou rindo da situação, dizendo que nossa família só tinha doido. Continuei calado. Gostava deles apesar de me sentir mal ao mesmo tempo. Me sentia na obrigação de gostar porque deve-se amar a família. Ou queria que eles me amassem a todo custo. Ouvi-la falando mal da própria família me fez perceber uma possibilidade ainda não aventada. Concordei. Todos birutas. Ela riu.

Pegou minha mão e ficou apertando, me deu uns beijos na cabeça. Encolhi os ombros, evitei encará-la, torcendo para que ninguém visse, que saísse logo.

— Você tem namorada?

Neguei com a cabeça, falei que tinha que estudar muito para ser rico como titio, que namorar era perda de tempo. Ela riu mais ainda e continuou me apertando. Era estranho. Era muito maior que eu. Uns cinco anos mais velha. Em suas mãos me senti um ursinho de pelúcia. Fui salvo quando a mãe dela a chamou.

Fiquei sentado sozinho no balanço gigante que havia no terraço. Me balançava devagarzinho, evitando barulho, para ser esquecido, para esquecer um pouco. Tantas ideias me fazendo companhia. Me balançando ali, para frente e para trás, os pensamentos iam para frente e para trás comigo, e descansaríamos. Minha vó, meu tio, meus pais, meus irmãos. Tantos meus para administrar logo cedo. Para frente e para trás eu esqueceria. Para frente e para trás fui me aconchegando em mim mesmo. Estava menos quente que em minha cidade. Senti um ventinho batendo no rosto. Para frente e para trás na cadeira de balanço. Havia acordado cedo demais, estava cansado. Para frente e para tr

Quando me dei conta de mim, ele estava na minha frente. Devia ter cochilado um pouco e não o vi se aproximar. Era magro, barbudo, meio alto. Vestia uma roupa social que discrepava do seu porte: fantasiado, sem querer a fantasia.

— Você deve ser Júnior.

— Mainhaaaa.

Por que gritei? Ele não havia feito nada. Estava sorridente e sabia, sabe-se lá como, meu nome. Devo ter gritado porque ainda estava sonolento e aquilo me parecia um sonho. Gritei para ser acordado. Mas ele continuou em minha frente, e o sorriso continuou, então senti que havia sido um erro gritar.

— Eu era amigo de seu tio. Fiz faculdade com ele em Frederica. Ele me falava de você. Disse que você é muito inteligente.

— Titio morreu.

Ele franziu o cenho, sabia, mas era difícil de acreditar. Um sorriso de "sim, morreu, porque ainda estou sorrindo?".

— Pois não? — mainha perguntou para ele, ao surgir na porta.

— Bom dia, sou Sérgio, amigo de Heleno.

Mainha fechou a porta atrás de si, e ficamos os três no terraço. Ela cruzou os braços tentando conter o transtorno que se assomava em suas veias, tentando ser polida, ao ponto de esquecer que eu também estava ali.

— Eu acho melhor você ir embora — ela falou com tom indeciso entre o pedido e a ameaça.

— Eu queria ver ele pela última vez.

Ela negou sem encará-lo, olhando para o chão. Braços cruzados fazendo força contra o próprio corpo. Algo nela doía.

— O caixão está fechado.

— Eu só queria me despedir pela última vez.

— Sérgio, mamãe está mal, se ela te ver aqui

A maçaneta atrás de mainha girou mas sem conseguir abrir a porta. Ela havia fechado.

— É melhor você ir embora.

Ele entendeu. Sem ser convencido mas entendeu. O rosto ainda achando alguma palavra mas o corpo se afastando. Era um dia santo. Devia-se evitar brigas. Ele devia ter tido uma mãe igual a minha. Sem brigas hoje, era o que o rosto dizia com o corpo se afastando. Cruzava o portão quando mainha abriu e o tio que nos pegara na rodoviária, o reconheceu. Foi até o portão e só voltou ao ter certeza que Sérgio não retornaria.

— O que esse viado queria?

— Deixa de coisa — ela segurou ele, ao mesmo tempo que se dava conta de minha presença entre eles.

— Se ele voltar aqui, eu mato ele.

*

Voinha não apareceu no almoço. A empregada levou um prato com comida, mas, depois de uns gritos, voltou com ele ainda cheio. Nas próximas férias, ela definitivamente estaria longe dali.

Eu estava sentado sozinho na cozinha admirando a desenvoltura dela. O cheiro do feijão era bom. Galinha ao molho, brilhando. Uma travessa grande

de arroz fumegante próximo ao meu nariz. Tirou da geladeira a jarra de suco de caju e a colocou em cima da mesa. Na sala ao lado há um caixão, mas também fome. Sentem o cheiro e aproximam os corpos amolecidos porém vivos.

— Tá com fome? — A empregada sorri ao meu ver salivar pela comida, orgulhosa do que pode fazer.

Respondo que sim, sorrindo de volta. Mas antes ouço uma tia gritando comigo.

— Júnior, sai da mesa, vai comer na sala.

O clima era diferente das outras vezes em que toda família se reunia. Todos calados e sisudos. A única regra que se manteve foi a divisão entre mesas. Na mesa grande da cozinha, os adultos. Os jovens e crianças na sala. Ficávamos em volta do centro ou nos sofás. Se o tom na sala subia, nos esquecendo de manter o silêncio, o psiu vinha da cozinha. Calávamos.

Era metade do dia e eu havia chegado à conclusão de que essa vinda tinha sido um erro. Queria voltar logo para casa. Tinha perdido aula, estaria lendo meus livros, deitado em meu terraço. Comia rápido para sair logo dali e me deitar numa das camas de meus tios, antes que um dos primos o fizesse. Ao tomar o suco segurava o copo com cuidado para não cair.

Meus primos estavam diferentes. Me sentia ainda criança e eles emulavam uns ares de adolescente, como o pessoal que eu via na escola. Uns corpos esticados, vozes meio robóticas, movimentos de quem dividia o mesmo mistério.

Nas últimas férias, meu primo gigante me chamou prum banheiro e perguntou se eu tinha pelos lá. Perguntei lá onde. Burro. Era a prova que tinha pelo nenhum. Ainda tentei remediar, disse que sim, tinha pelos sim. No sovaco, né? e mostrei o sovaco liso. Apenas piorei a situação. Ele riu.

Na mesa, me evitou, como se eu não fizesse mais parte do grupo. Criança demais para ele. Sentou ao lado de meu irmão. Sempre tiveram bom entrosamento, porém me incomodou mais porque tinha mesma idade que eu. Meu irmão tinha muitos amigos e não precisava dele. Conversavam, ele mostrava seu gameboy e disse alto que o deixaria jogar depois, só ele, fez questão de frisar. Eu nem queria mesmo.

Fiquei ao lado de minhas primas menores. Minha salvação eram as meninas. Os meninos brincavam de carrinhos que acabavam se chocando um no outro, robôs que comiam as cabeças de outros robôs, Street Fighter no Nintendo do meu primo. Tudo neles me remetia a uma violência incômoda.

Uma macheza que quando eu tentava repetir soava como uma armadura. Neles encaixava. Com as meninas, eu acumulava as possibilidades de conversar, ficar quieto, observar, fingir personagens. Via fitas VHS da Disney da minha prima e, quando os meninos permitiam, brincava de Mario no videogame. Se com os meninos as mãos deviam estar ocupadas, e brincavam muitas vezes calados, um ao lado do outro, sabendo seu papel complementar, com as meninas a boca estava em ação e todas de uma forma desempenhavam o mesmo papel, competindo uma com a outra. Eu não era uma delas de qualquer forma, eu sabia. Não sei se em algum momento quis ser menina. Acho que não.

Depois de comer, antes de ir para o quarto, minha prima me chamou para brincar. Falei que sim, mas mainha ia brigar. Hoje não era dia de brincadeiras. Ela foi esperta e pediu para a mãe dela que permitiu, desde que fizéssemos silêncio para deixar voinha dormir. Mainha fingiu surdez para evitar confronto com a irmã. Quando estivéssemos sozinhos, sabia que ela lembraria de termos brincado mesmo tendo proibido. Valia a pena.

Minha prima me carregou, junto às outras e minha irmã e um monte de barbies para a garagem vazia, aproveitando os carros estacionados fora. Minha irmã adorou porque aquelas eram barbies de verdade, ao contrário das que tinha em casa. Era a desculpa perfeita para que mesmo crescida se unisse a nós. Sentei junto a elas. Os meninos correram com bola ao nosso lado. Fiquei com vergonha. Minha prima percebeu e perguntou por que eu estava parado. Respondi que bonecas eram idiotas. Entendeu. Achou a solução na mesma hora: eu ficaria encarregado de inventar histórias pras bonecas sem nem tocá-las. Topei.

Os meninos chutavam a bola e vez ou outra caía próxima da gente. Eu evitava jogá-la de volta porque quando a chutava ia para outro lado, ou longe demais, ou pulava para fora do muro. Então ou jogava de volta com as mãos, ou deixava para que uma das meninas devolvesse.

— Vou dizer para mainha que você está brincando de boneca — meu irmão gritou quando passou com a bola por perto.

— Deixa ele quieto — minha irmã revidou.

Ele saiu sem se importar. Odiava quando ficava assim. Acontecia quando estava perto dos meus primos. Virava um hominho como eles. Quando estávamos sozinhos, lá em casa, me ignorava. Preferia ele me tratando como um ser invisível a isso. Odiava ser chacota.

Eu inventava as historinhas e as meninas iam mexendo nas bonecas,

trocando as roupas delas, colocando cada uma em suas casa, em seus afazeres domésticos, em seus relacionamentos com bonecas fingindo ser bonecos. Me elogiaram, eu era bom de inventar, e minha irmã orgulhosa disse que eu lia muito, que era muito inteligente.

Tinha tomado suco demais e precisava ir ao banheiro. Corri, mas estava ocupado. Estava apertado, muito, muito e corri para o beco. Chegando lá, também tinha gente: de cócoras, minha prima maior fazia xixi. Fiquei congelado de vergonha, mas ela continuou. Ficou me encarando enquanto o mijo escorria pelo chão do beco. O barulho do xixi encobria minha vergonha. Terminou, levantou a calcinha e ajeitou o vestido. Me chamou. Mesmo sem entender, me aproximei.

— Já viu uma?

— Uma o que?

Falei e na mesma hora sabia que estava sendo idiota mais uma vez. Ela não riu. Ficou séria e com as pontas dos dedos levantou o vestidinho acima dos joelhos enquanto me olhava. Pegou minha mão gelada e levou para perto de suas pernas. Olhos nos meus olhos. Parou. Ouvimos as vozes de nossas tias chegando e ela correu. Continuei no beco tentando entender o que tinha acontecido.

Quando voltei para a garagem, a outra prima disse que não ia brincar mais comigo. Não pedi explicações. Estava cansado de brincar também. Ia para cama dormir e esperar logo a hora de ir embora, torcer para que o funeral terminasse logo.

Assim que virei, senti a bolada na minha cara. Direto no meu nariz. Senti uma dor imensa. Os pedaços da minha cara soltos. Ao redor, os meninos riam e as meninas gritavam com eles. Queria gritar também, mas não consegui. Os adultos correram para fora, brigando por causa da gritaria apesar do momento solene e de nosso tio sendo velado na sala ao lado. Ao me verem chorando, brigaram comigo. Estava claro quem era o causador da confusão.

Sorte não ter quebrado ou tirado sangue. Mas havia dor e uma vergonha gigante. Precisava mostrar que aquilo não era nada demais. Se eles tinham jogado aquela bola em mim de propósito, não era nada demais. Meu rosto podia ter virado do avesso, mas eu era tão forte que nem chorava. Eu era homem.

*

Mainha se preparou para ir ao cortejo com meus irmãos e disse para eu

ficar deitado. Lendo, que era o que eu gostava. Sozinho, que era o que eu merecia. Um tio perguntou o que tinha acontecido e ela disse

— Você sabe como ele é.

, e ele concordou, balançando a cabeça em negativa, como se eu fosse um não em forma de criança.

Saíram, um carro levando o caixão, alguns ao redor, uma tia dentro do carro junto a voinha que aceitou de última hora acompanhar o cortejo.

Fiquei sozinho em casa com a empregada. Para todo lado que ela ia, eu seguia, com medo de ficar sozinho naquela casa grande. Perguntava para ela sobre sua vida, se tinha filhos, se tinha estudado, se gostava de ler. Respondeu no início com vergonha, para depois, percebendo que eu era como ela, contar de sua vida, sua infância, seus desejos que tinham ficado para trás. Desde pequeno, percebi que uma fraqueza une a todos: o prazer de falar sobre si mesmo. Eu gostava de ouvir como se estivesse lendo meus livrinhos.

Ela disse que tinha que arrumar uma caixa do meu tio, trazida do hospital. Fiquei curioso e continuei ao seu lado enquanto tirava item a item. Eram algumas peças de roupas, um relógio, papéis, óculos, umas bobagens de quem pouco tem para lembrar o que é si mesmo. Somente um item chamou atenção. Era um livro da mesma coleção que eu estava lendo. Enquanto a empregada foi ao banheiro, o peguei rapidamente e escondi dentro de minha bolsa. Para minimizar o roubo, acreditei piamente que titio havia comprado aquele livro para mim e faltara tempo para me entregar. Procurava desculpas que minimizassem meus pequenos furtos. Quando ela voltou ao quarto, nada notou. Algumas gotas de suor no meu rosto escorriam, mas enxuguei sem me dar conta.

Depois ela foi para a cozinha fazer o jantar. Aproveitei para ficar na mesa quieto terminando o livro do dia anterior. Queria uma vida assim, mil aventuras, reviravoltas, uma turma divertida ao meu redor. Se eu não tivesse eu iria escrever. Escrever talvez fosse algo próximo de viver. Ou até melhor.

Eram quase quatro da tarde quando ouvimos uma gritaria em frente à casa de voinha. Corremos. A empregada pediu que eu não fosse, mas reconheci mainha e minhas tias paradas longe. Pequeno, me enfiei pelas pernas dos adultos e pude ver de perto meus tios metendo socos e chutes em alguém no chão.

Sobre ele um tio, outro tio, outro tio, todos sobre ele, socando seu rosto, dando chutes, batendo seu corpo contra o chão, um tio, outro tio, outro, todos um só, uma entidade de tios, batendo no homem magro no chão. Acontecia

rápido e sem sentido. Gritos e gritos pediam para parar, ou apenas gritos de desespero. O homem no chão calado aceitando sua sentença. Eu calado por não entender. Apesar de rotineiramente apanhar, nunca havia presenciado violência contra um adulto. Pensava que só crianças apanhavam e depois de crescidas estariam protegidas e prontas para bater em outras crianças. O homem no chão também desconhecia essa possibilidade e, por estar despreparado, não desenvolvera formas de se defender.

Entre gritaria e sangue, consegui identificar o rosto do homem que conversou comigo pela manhã. Sérgio. O amigo de titio. Nossos olhos se encontraram, mas me afastaram dali antes que eu pudesse entender o que queria me contar.

*

No fim da tarde, um tio nos levou no seu fusca para a rodoviária. Não o mesmo que havia nos pegado pela manhã. Curiosamente, todos eles tinham fuscas brancos. Inclusive, por meu desinteresse em carros, ou por querer me distanciar dos gostos dos meus tios e primos, é o único modelo que consigo diferenciar até hoje... Os outros me parecem os mesmos. Nos despedimos, mainha prometeu voltar nas férias, e seguimos de volta para Pedra Bonita.

Aproveitei que a traseira do ônibus estava vazia e sentei numa das poltronas. Ainda sentia o nariz doendo, mas logo esqueci porque era a chance de abrir o livro que roubara na casa de voinha sem ser surpreendido. Ao chegar em casa, eu o esconderia na minha caixa secreta. Mantinha uma caixa de furtos desde os oito anos. O padre falava sobre algo assim, estava num dos mandamentos. Mas eu só roubava o que precisava e o que os outros não queriam mais. Ou nem precisavam. Fazia uma análise meticulosa, e normalmente podia levar comigo, Deus entenderia que eu precisava mais do que os donos. Estava certo disso e livre de culpa. Apesar de ser um pecado perdoado, mantinha esse costume escondido em meu quarto porque sei que mainha demoraria a concordar. Me obrigaria a devolver tudo. Me bateria antes que eu devolvesse. Me bateria depois que eu devolvesse.

O título era A vida secreta de Jonas e logo na capa a sugestão de qual seria o segredo. Em cima de um menino, uma espaçonave como o da apresentadora loira das manhãs ou da série que passava na televisão, Arquivo X. Mesmo irritado com a capa linguaruda, continuei e, quando percorri poucas páginas, as mãos se grudaram às folhas, um grupo de amigos

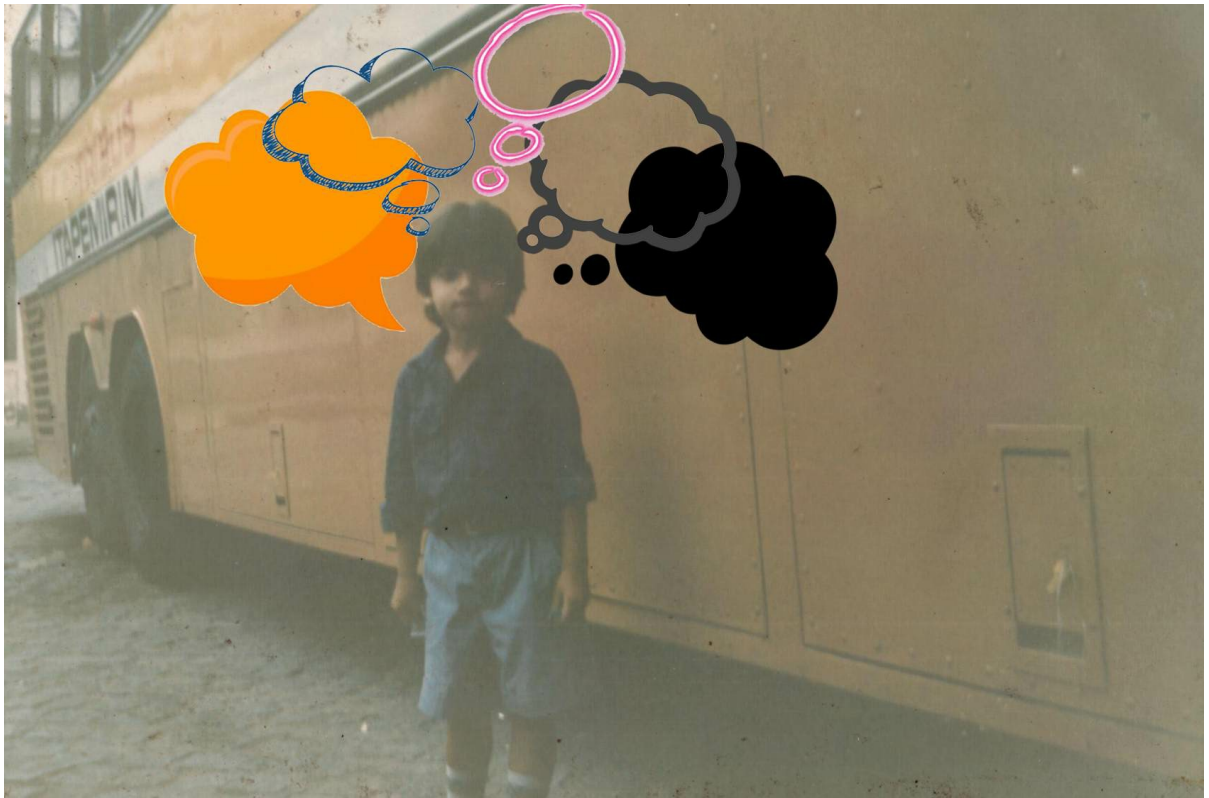
encontram um menino, e minha poltrona foi sendo engolida pelo ônibus, e o menino nada sabia sobre si próprio, e o ônibus foi sendo engolido pela estrada, e o menino era diferente de todos, estranho, Jún, Júnio, Júnior

— Júnior, o senhor quer sentar na poltrona dele.

Meu irmão mexeu no meu ombro voltei a mim. Lá fora estava escuro, e estávamos quase chegando em casa. Saí atrapalhado, colocando o chinelo nos pés, a estrada, o ônibus, a poltrona, e eu, voltando à realidade. Coloquei o livro de volta na mochila e, ao sair, o senhor me puxou pelo ombro. Pensei que fosse brigar comigo, bater em mim como outros se sentiam no direito, mas ele apenas falou sorrindo.

— Caiu de dentro de seu livro.

Até então não havia encontrado nada dentro do livro, mas o segurava com tanto medo de ser descoberto que devia ter passado sem chamar minha atenção. Agradei ao senhor e, antes de colocar dentro de volta, pude identificar no papel letras que pareciam a de titio. Ele escrevia e dizia para eu imitar sua letra redonda e cuidadosa. Eu o imitava meticulosamente. No cabeçalho havia data e local, então entendi que era uma carta. Seria para mim? Antes que pudesse continuar lendo, minha mãe fez sinal raivoso para que voltasse para meu lugar. Tive tempo apenas de ver uma frase em letra de forma com duas linhas embaixo. Uma frase que me persegue até hoje. PARE DE TENTAR ME FAZER FELIZ. Guardei a carta e sentei. Torci para chegar logo em casa.



Estava claro quando desliguei o despertador. Tinha um que me fez chorar por um ano para que mainha o comprasse: laranja com pintas pretas, no formato do gato das tirinhas. Mais porque achava bonito que pela necessidade: acordava antes de ele tocar. Nunca me atrasava para a escola. Espreguicei meu corpo magrelo e, ao sentar na beirada da cama, o pé se retraiu ao sentir o chão gelado. Mainha repetia que calçássemos a chinela por causa do corpo quente contra o chão frio, senão era morte na certa. Também morreríamos se após almoçar tomássemos banho frio, ao comer leite e manga ao mesmo tempo e, se eu dormisse sem rezar, o anjo da guarda se recusaria a me proteger de um engasgo fatal no meio da noite. Morrer parecia fácil, mas contornável se eu fosse um bom menino. De qualquer forma, preferia andar descalço e em poucos segundos meus pés se acostumavam ao chão gelado. Gostava de pisar firme em terra.

Na cama ao lado meu irmão dormia. Ele ressoava alto, mas longe de ser um ronco de verdade. Painho, sim, roncava. Mais quando bebia e de perto do quarto dava para sentir o cheiro de cachaça recendendo. Uma vez jurei ver um bafo verde saindo de sua boca como se fosse um vilão da Disney. Sabia que ele era bom, mas mainha se irritava quando ele bebia, praguejava ser coisa do demônio, que virava outra pessoa. Para mim, transformava-se num dragão que, ao dormir, esguichava um gás esverdeado.

Meu irmão se virou e me deparei com o volume no lençol. Hoje consigo dizer que ele estava com o ‘pau duro’, mas, naquela época, evitava a palavra pau e suas variáveis. Envergonhado, virei o rosto. Enquanto arrumava a cama, fingi não ver, mas estava lá, em pé, e continuei a arrumar a cama, e entrevia novamente. Olhei para meu pinto e continuava como o conhecia, mole. Lembrei do que meu primo dissera, dos pelos que eu desconhecia, e ele me ignorou o resto do dia. Meu irmão venceu. Era a prova definitiva de que estava crescendo mais rápido que eu. Claro que deveria crescer mais rápido, afinal era um ano mais velho. Mas eu não queria assim. Diziam o quanto éramos parecidos. O mesmo corte de cabelos arrepiados como picapau— tão engraçado hoje em fotos, mas que odiava na época. Nas mesmas fotos usávamos roupas iguais— um fetiche de minha mãe para que perguntassem se éramos gêmeos. E perguntavam. Ela num riso respondia que não. Bastava

essa pergunta para locupletar o desejo de ter parido gêmeos. Como não tínhamos dividido o mesmo berço, dividiríamos um mesmo quarto numa imitação de útero tardio. Se pudesse, dividiria o quarto com minha irmã. Dessa vez, porém, preferia ser como meu irmão e ter pelos e ter o pau duro mesmo sem saber para que serviam.

Depois eu arranjaría uma forma de resolver isso. Era melhor tomar banho e correr para escola. Não acordei meu irmão, ele então se atrasaria e assim me senti vingado. Ganharia mais uma vez, nem que fosse por algo passageiro. Quase chegando ao banheiro, um barulho do quintal me chamou atenção. Alguém na lavanderia. Mainha estava lavando roupas, pilha delas, sabão, prendedores de roupas, algo que eu só via no sábado.

— Se fosse para ir pra missa, não tinha acordado cedo.

Então entendi que era sábado. Não teria aula e poderia ter dormido mais. Era o único dia que dormíamos até um pouco mais tarde. De segunda a sexta era escola, e aos domingos logo cedo missa. No sábado, nos acordava umas nove para ajudar a limpar a casa. Normalmente eu esfregava óleo de peroba nas cadeiras de madeira, o que odiava, tinha que me concentrar em cada partição, cada talisca. Quando ela estava de bom humor, me deixava lavar o terraço. Isso eu gostava. Ficava escorregando no chão ensaboado para lá e para cá, irritava-se com minha brincadeira, me mandava de volta para as cadeiras e o óleo.

Olhei ao redor lembrando de Fofinho. Mainha já havia dito tantas vezes que ele devia ter morrido que aceitei. Nem tanto. Subi na goiabeira mais uma vez, prometi que a última e dei uma olhadela. Nenhum sinal de nada. Todo o mundo ainda dormia inclusive os gatos.

— Hoje é a missa de sétimo dia.

Costumava falar assim: sem se dirigir exatamente a mim, mas em voz alta. Estávamos a sós. Era comigo. Me sentia orgulhoso a cada vez que ela fazia isso. Conversar comigo, como se eu fosse um adulto que entenderia. Me contava em primeira mão móveis que ia comprar para a casa, o presente surpresa para minha irmã, planos que estava fazendo com painho. Por vezes deixava claro que era segredo, noutras nem dizia, confiando em minha discrição. Por me ver nos livros e estudando me considerava inteligente o bastante para compreender. Nesses momentos, ela era cuidadosa nas palavras, sem grito, nem tapas. Até um segundo misterioso que se cansava e eu voltava a ser criança, sem serventia para suas confissões.

— A gente vai?

— Muito gasto ir pra lá duas vezes.

— A gente pode rezar aqui mesmo — eu gostava de dizer o que iria agradá-la. Tentou esconder o sorriso que revelava sua vitória em me colocar no caminho de Deus.

— E seu pai está ruim de dinheiro.

Eu não soube bem o que falar, ao perceber isso, ela continuou.

— Vão tirar um dos dois cobradores. Se Deus é grande, o outro é demitido e seu pai continua.

Desde cedo me acostumei a esse Deus bom, mas bom para poucos. De preferência aos desejos de minha mãe, mesmo que fosse ao contrário do resto do mundo. De qualquer forma, fiquei preocupado e com medo de que painho perdesse o emprego. Éramos pobres e eu detestaria ser mais pobre ainda.

— Vou rezar para que painho continue no emprego.

— Você rezou quando acordou?

Não, não rezei. Ela mandava que rezássemos em várias ocasiões. Antes das refeições, mas eu pensava na comida que ia comer. Antes de dormir, mas eu ruminava os mínimos acontecimentos do dia. Pela manhã, em vez de rezar, eu me levantava apressado: continuar na cama era uma forma de diminuir meu tempo de vida útil na Terra.

— Rezei.

Era a forma de continuarmos a conversa de adulto. Mesmo sabendo que era errado não sentia culpa. Me sentia inteligente por mentir rapidamente e ninguém perceber. Num milésimo de segundo, o cérebro fazia os cálculos que permitiam chegar a uma resposta ao mesmo tempo em que controlava as reações corporais para evitar divergência do que sairia pela boca. Nessa época, tinha nenhuma noção da engrenagem da boa mentira, mas a exercitava livremente e com sucesso.

Continuei pelo quintal, enquanto minha mãe batia as roupas. De vez em quando pedia um copo d'água, que eu pegasse outro sabão, ia ajudando em mínimas tarefas e feliz por ajudar em mínimas tarefas. Tentando retomar nossa conversa antes que os outros acordassem, resolvi adentrar num caminho perigoso. Algo que me afligia desde que voltei do enterro.

— Mainha, por que bateram no amigo de titio?

Ela não respondeu de pronto. Continuou esfregando as roupas, ponderando pensamentos e espuma de sabão, tentando chegar à resposta possível pra mim.

Pluft.

O rosto endureceu. Era desse momento que eu falava. Tentei reverter.

— Ele foi bem legal comigo. Disse que titio gostava d

— Você é muito novo para entender, Júnior.

A frase decretava meu retorno à infância e o fim da conversa. Ao voltar a ser Júnior, findara o espaço para ouvir segredos, e dar opiniões. Ao ser Junior, me cabia apenas assistir televisão e seguir as regras dos pais.

— Vai ver televisão e me deixa quieta aqui.

Deixei ela em paz mas a inquietude seguiu comigo. Havia lido a carta de titio trocentas vezes, mas sem compreender sua totalidade. Resisti mostrar a alguém, evitando que tomassem de mim, como tudo que julgavam pertencer ao mundo dos adultos. Escondi na caixa de furtos e, quando me sentia seguro, tirava ela novamente, seguia os olhos devagar em cada linha tentando traduzir o que meu tio quis dizer.

Queria lê-la mais uma vez, mas tinha medo que meu irmão acordasse e pudesse descobrir meu esconderijo. Se eu fosse cuidadoso, quem sabe. Voltei ao quarto e continuava dormindo. Peguei o banquinho que servia para o ventilador e coloquei próximo ao guarda roupa. Subi, e nas pontas dos pés tentei alcançar a caixa. Estava atrás de umas malas que quase nunca usávamos. Quando minhas mãos a tocaram, ele se mexeu. Parei. Se mexeu outro tanto e roncou. Eu estava gelado de medo. Era melhor pegar log

Se mexeu novamente, e quando abriu os olhos, pulei do banquinho. Como estava ainda inundado das névoas do sono não descobriu o que eu fazia. Para aumentar ainda mais sua confusão mental, peguei o livro que estava lendo desde o dia anterior. Sentei na cama e folheei as páginas como se estivesse fazendo aquilo há algum tempo. Ele sentou na cama, e reconheceu a capa. Às vezes lia também, mas menos que eu.

— Já chegou na parte do Esqueleto-Vivo na Gruta dos Horrores?

— Idiota!

Respondi de volta com raiva. Ele fazia de propósito: sabia que eu odiava saber de antemão o que ia acontecer na história. Riu vitorioso para logo depois dobrar o lençol, calçar os chinelos e rezar de joelhos na cama. Às vezes acho que ele era tão organizado, e fazia o que mainha mandava, apenas para me irritar. Sim, claro, devia ter nos genes algo que o fazia arrumar a cama com tanta competência, ou deixar o chinelo no mesmo lugar, a mochila na cadeira, mas ao perceber o quanto eu era ruim em seguir qualquer regra, ele fazia cada um dos seus itens normais colocando holofotes gigantescos na tentativa de me cegar de inveja. Consequia. Mas nem assim eu mudava de

comportamento.

Aproveitei quando ele saiu do quarto, peguei a carta. Coloquei o livro na frente. Quem me visse deitado na cama com um livro cuja capa tinha uma bela borboleta, não suspeitaria que lia uma carta roubada. Na mesma capa tinha dois olhos abertos e atentos, era a pista que eu dava para o meu crime.

De início pensei que era uma carta de agradecimento.

Começava contando de um encontro, na primeira aula da faculdade. Amizade, cumplicidade. Depois falava de amor. Virava uma carta de amor em poucas linhas. Talvez fosse uma história de amor desde o início mas que ele levou algum tempo, pouco mas precisou desse tempo, para perceber o que era. Falava de viagens, de dias juntos, do quanto ele precisava dela, de quanto ela fazia bem a ele. Mas de repente a carta se transforma. Os verbos me avisaram que a carta estava mudando. Tudo ficava no passado. As viagens tinham passado. Os dias juntos estavam lá atrás. Ele precisou dela. Não precisa mais. Ele pedia distância para que os verbos pudessem acreditar que deviam ser conjugados no pretérito perfeito. Ele pedia para que ela parasse de tentativas. De procurá-lo. De tentar conjugar os verbos no presente. Parar com as tentativas de fazê-lo feliz. Fiquei confuso. Além de não entender o jogo de palavras, afinal não estava habituado a toda simbologia da língua, aquele pedido fazia sentido nenhum. Como alguém tentaria evitar a própria felicidade? Para me deixar mais confuso, a carta tinha o nome de Sérgio como destinatário. Quando estudei a forma das cartas, aprendi que colocamos antes de iniciar o que vamos dizer, o nome da pessoa com quem queremos falar. Titio usou 'Sérgio,' e aquilo era estranho. Por que ele não escrevera diretamente para sua namorada a carta? Sérgio precisava ler antes? Sérgio era o elo entre ele e ela? Era de Sérgio a culpa do fim no relacionamento?

— O que é isso que você está lendo?

Minha irmã foi a última a acordar. No susto pensei que perguntava sobre a carta, mas num segundo lembrei que a lia dentro do livro da Borboleta Atíria. Mesmo mais velha, ela não lia, e mesmo os livros obrigatórios do colégio, copiava o resumo de alguém ou pedia para que eu fizesse para ela. Fazia sem pedir nada em troca. Ler algo que seria da idade dela, da sala dela, me fazia sentir muito inteligente, o que me deixava satisfeito e feliz.

— Sobre uma borboleta que tenta descobrir quem matou as amigas do príncipe Grilo.

— Que bobagem.

E saiu. Somente quando falei para ela notei a semelhança entre eu a

borboleta do livro. Ambos estávamos envoltos num mistério. Tentando decifrar algo. A morte servindo de fio condutor de uma narrativa. E a borboleta me lembrou titio. Ela tinha uma asa defeituosa e não podia voar. Achei bonito uma borboleta impedida de voar, afinal isso a tornava tão única, mas no livro era tratada como algo ruim, ela era diferente das outras. O que me levou a titio na verdade, me desculpe se às vezes me perco em pensamentos, é que na carta ele fala algumas vezes de ser diferente, de ter um defeito, de não querer ser um empecilho. A borboleta inclusive quando vai ser adotada fica aflita por se entender como um estorvo, e diz que é melhor não, melhor ficar só, por ser diferente e defeituosa o caminho seria continuar sozinha.

Fiquei triste por tio Heleno e pela borboleta. Gostava de ambos e me parecia um erro a decisão deles. Tinham que dar o braço a torcer, ou asa, ou o que seja, eles deveriam aceitar que não estavam sozinhos, ninguém vive só, mainha dizia, e repetia que ele vivia longe de toda a família e isso dava errado. Não sei. Queria ter podido entregar a carta a Sérgio. Titio teria o último desejo realizado, como se pudesse ainda ter desejos realizados mesmo depois de morto. Viveria um pouco mais nem que fosse por um artifício.

Ouvi fora do quarto a televisão, as vozes dos meus irmãos, da minha mãe, cheiro de comida na cozinha. Eu sozinho. Sozinho no quarto, atolado em pensamentos que nem cabiam num parágrafo. Minha cabeça cheia de ideias. Era como se meu eu que vivia naquele tempo convivesse com outro mais criança que não desgrudava do passado e o eu de hoje, no futuro, pensando sobre o que se passou. Eu sou um nó. Eu era um nó. Um nó sozinho numa cama num sábado pela manhã. Era melhor me juntar aos outros.

*

Tivemos uma manhã tranquila. Sábados eram meus dias favoritos. Víamos um pouco de desenhos na televisão, arrumávamos a casa antes de almoçar. Um dos poucos momentos em que fazíamos algo juntos sem ser numa cerimônia religiosa.

Enquanto limpávamos a casa, coloquei na vitrola um disco. Já existia CD, mas havíamos acabado de descobrir os bolachões negros que cantavam ao entrar em contato com agulha. Ser pobre é viver alguns anos atrasados, quando não décadas. Nossos tios compraram aparelho de CD, e nos deram a vitrola usada, assim como a maioria dos objetos que repassavam. Junto ao

aparelho, muitos discos. Amava as capas dos discos, um com um homem coberto de lâmpadas, outro com o desenho da cabeça de um careca meio monstruoso com a língua para fora. Tinha também uns de forró pé de serra. Depois da vitrola, ganhávamos discos no aniversário. Eu, do novo da dupla de irmãos cantores,. O menino tinha meu nome, Júnior, e minha idade, e a menina a idade de minha irmã. Às vezes imitávamos os dois no colégio. Meu irmão tinha discos dos programas da Manchete (nunca entendi como ele conseguia ouvir um disco de robôs ou do leão samurai). Minha irmã gostava da loira com voz infantil que colocava X em tudo. Ela tinha todos dela, assim como as outras meninas.

Então, lavávamos o chão, pano molhado era esfregado nas janelas, o pó de cada móvel saía nas flanelas laranjas, enquanto revezávamos os discos, disputando quem ouvia o seu primeiro, ou o seu de novo. Por fim, minha brigava e colocava algum que ela preferia. Nesse dia escolheu uma lambada. Cantamos e dançamos. *Abre a rodinha meu amor*. Engraçado. Se tivesse mais sábados de manhã em outros dias da semana eu teria sido uma criança feliz.

Suado, descalço, vestindo um short, fui ao terraço que dava para o portão. Na casa ao lado, ouviam música brega. Na do outro lado, forró. E na frente, a vizinha evangélica explodia num louvor. Todos ouviam suas músicas muito alto, não sei se numa forma de concorrência, mostrar maior potência de seu aparelho de som, ou apenas por desconhecer as regras mínimas de convivência. Qualquer vizinhança tende a má educação mas a minha beirava a selvageria.

Algumas crianças brincavam na rua. Estava muito sol, e eu odiava o sol, o calor me incomodava. Tentava entender como elas conseguiam correr atrás de uma bola e sem morrer de calor.

Entre os rostos suados e dorsos sem camisa, um menino novo. Devia ter a idade de minha irmã. Parecia os meninos da turma da escola dela. Alto, magro, mas tinha um corpo mais largo, diferente de minha magreza. Uns pelos aparecendo no rosto, espinhas. O cabelo era liso como o meu, só que maior. A cada corrida na bola ele mexia o cabelo. Parecia um menino da capital. Devia ser um menino da capital. Notei que as meninas estavam sentadas na calçada além de assistindo aos outros jogarem bola, assistindo a ele jogando bola. Definitivamente, era um menino da capital. Não sei quanto tempo o admirei, mas saí de meu transe quando a bola que jogavam, cruzou nosso portão. Perto de mim.

Ele correu para pegar.

Corri para dentro de casa.

Bateu palmas, chamando alguém de casa. Escondido no quarto, atrás da janela, vi meu irmão chegando ao terraço, conversando com ele e entregando a bola. Antes de voltar, convidou para jogarem juntos. Meu irmão falou que à tarde estaria livre. E voltou para dentro de casa. Isso eu invejava nele. A facilidade que tinha para fazer amizades, conversar com estranhos, estar aberto a falar com alguém que nunca viu, e segundos depois estarem rindo juntos.

Eu precisava de tempo para me sentir seguro e fazer amizades. Tinha a cara sisuda como minha mãe. Tenho apenas uma foto da infância sorrindo e coincidentemente com ela. Em todas as outras, faço um bico indefinido, talvez de vergonha por estar tirando uma foto, ou por não ter controle de como eu sairia impresso no papel. Quem sabe a cara fechada servisse para afugentar as pessoas. Só as que conseguissem enxergar além daquela capa, teriam acesso ao meu resto. Eu tirava a capa e mostrava que não era tão chato assim. Outra possibilidade, e essa deduzi adulto: tinha medo que rissem de mim. Minha seriedade servia de muro para os outros. Para meu azar, o cimento usado nessa construção também me petrificava. Ficava tenso, com medo que julgassem minha voz e meu jeito de mexer as mãos. Falava baixo e devagar para manter um tom mais grave. Os braços duros próximo ao corpo para a mão não quebrar. Mainha dizia que às vezes eu quebrava a munheca, e eu não devia fazer isso. Lembro dela corrigindo meu jeito desde quando era muito pequeno, não sei a idade. Meus tios vez ou outra também me corrigiam. Mandavam eu falar com jeito de homem. Me escondia no banheiro falando em voz alta, tentando encontrar o que eles ouviam. A voz chegava a mim, se misturava com a de minha cabeça, e era tão igual a deles que eu era incapaz de identificar quando não acertava a voz de homem. Atento, durante uma apresentação na aula, numa conversa com mainha, ou comprando pão, percebi que quando estava feliz, ia ficando empolgado, e me soltando, e livre de amarras, falava sem pensar no tom, e mexia minhas mãos de um jeito que a atendente da padaria olhava para a colega com meio riso, meus colegas cochichavam entre si, ou mainha batia na minha boca. Então toda vez que eu ficava feliz e me empolgava, lembrava de me controlar. Essas tentativas de controle normalmente me davam uma dorzinha estranha na barriga, e meu coração parecia nossa televisão preto e branco que era cheia de interferências e que por vezes travava. Meu coração por vezes travava. Por isso preferia

ficar sozinho lendo. Calado e sem me mexer, eu não incomodava ninguém.

— Esqueceu de terminar de lavar o banheiro? — Mainha ralhou.

— Já vou.

Queria vê-lo mais um pouco. O menino continuou jogando bola, mexendo os cabelos, sendo observado pelas meninas, e por mim escondido atrás das frestas da janela. De repente ele se virou para o lado onde eu estava. Exatamente para onde eu estava atrás da janela. Por alguns milissegundos, acreditei que nossos olhos se encontraram. Ele conseguia me enxergar. Antes que eu conseguisse sorrir, a bola passou em sua frente e voltou a jogar.

*

Ao mesmo tempo em que limpava a casa, mainha também preparava o almoço, e lavava uma ou roupa que ia encontrando. Digladiava com o tempo como um adversário a ser vencido. Ainda trata na verdade. Levantava logo cedo e só parava cansada a noite para dormir. Ocupava cada segundo com tarefas a se fazer como se fossem imprescindíveis não apenas para sua vida, ou a nossa, como para o equilíbrio do mundo. Fazia porque tinha que fazer. Ser pobre era seu destino, e nosso, como fazia questão de repetir, e devíamos nos esforçar muito, trabalhar muito, sofrer muito. Mas não para sermos ricos. Não sei em que século mainha se perdeu mas o sofrimento dela findava-se nele mesmo. Seria recompensado no céu sim, mas percebo que ela sentia certo prazer na dor. Um de seus alicerces. Enquanto outras mulheres esperavam o elogio pelo corpo torneado, pelo cabelo luminoso, mainha esperava que notassem o suor e o rosto cansado. Os parabéns viriam por mais se parecer um animal que gente.

Terminamos de limpar a casa, e nos revezamos no banho. Esperamos em frente a televisão enquanto os pratos eram postos à mesa. Eu estava morrendo de fome. Sempre com fome. Se painho chegasse logo, comeríamos logo. Na tela, a loira dançava para lá e para cá com as paquitas no palco. Eu preferia a outra com pinta na perna, mas não tinha programa dela nos sábados de manhã. Mesmo se tivesse eu não teria poder de escolha. Quando ela dava o beijinho, beijinho, e eu completava junto tchau, tchau, ouvi da esquina a gargalhada de painho.

— Mainha, painho chegou.

— Eu sei.

Ela respondeu num tom que mais parecia ser uma sensitiva que sentia a

proximidade de alguém chegando, apesar de todos termos ouvido a gargalhada. Depois se seguiu o som do portão se abrindo, e logo ele estava na sala. Suado, sem camisa. Eu pulando numa mistura de alegria por vê-lo e por estar liberado para comer.

Corremos para a cozinha, enchemos os pratos, e com talheres a postos quase alcançamos a boca. Mainha mandou parar. Rezar antes. Fechei os olhos, fingi rezar, e os abri para observar cada um rezando. Talvez eles só fingissem como eu, ninguém rezava, mas ao observar o rosto do meu pai, vi a preocupação. A testa franzida, o rosto retorcido de quem realmente pede. Rogava a Deus. Daquela mesa simples de madeira, ele pedia para ser ouvido e atendido. Voltei a fechar os olhos, para pedir junto a ele para que não perdesse o emprego, mas assim que fechei, mainha falou para comermos, então deixei para rezar depois. Painho estava sorridente e feliz, e nem parecia o que estava três segundos atrás com a cara preocupada. Remexeu a comida com farinha, transformando numa maçaroca indistinta próxima a uma lavagem de porco. De boca aberta, comia e conversava com mainha, enquanto ela pedia para nós, crianças, comermos devagar.

— Já tem alguma resposta?

— Acho que segunda um representante da empresa vem e diz algo.

Meus irmãos tentaram achar alguma pista naquela conversa enquanto eu, receptor dos segredos de mainha, mastigava e encarava para meus pais, confiante, fazendo sim com a cabeça como se fosse um deles, e sentia o olhar de meus irmãos cientes de que mais uma vez eu sabia mais que eles.

Depois de comer, fiquei encarregado de lavar os pratos. Joguei os restos de comida no lixo, depois separei pratos, de copos, de talheres. Lavava primeiro os copos, e ouvia a sinfonia de ventiladores vindo de cada quarto. O calor era tanto que o vento saía quente das hélices. Tirei meu óculos fundo de garrafa e coloquei ao lado da pia porque com o suor ele ficava escorregando do nariz. Segui com os pratos e por fim os talheres. Sorri por ter conseguido lavar tudo sem quebrar nada, apesar de dois pratos e um copo quase terem escorregado de minha mão.

Peguei o pano de prato e fui enxugando com cuidado, cada copo, garfo, colocando no armário. Assim que terminei, feliz por ter terminado, corri para o quarto de meus pais para dizer a mainha que havia lavado e enxugado e guardado tudo. A porta estava fechada, virei a maçaneta, abri a porta. Escuridão. Apesar de entrevê-los em cima na cama, mal pude definir quem era quem dos dois. Mainha gritou e pulou do meio da maçaroca. Fechou a

porta, me empurrando para fora. O eu que tinha feito de errado? Voltei para a cozinha para pegar de volta meus óculos, ela saiu do quarto, vestindo a roupa. Pensei que ia me bater, mas falou baixo, quase se desculpando, como se tivesse sido pega fazendo algo errado.

— Eu e seu pai nos amamos, por isso na cama...

Falou como na carta de meu tio, fazendo voltas, inserindo símbolos, colando palavras desconjuntadas, incoerentes. Explicava-se sem nenhuma pergunta minha. Tentei em minha cabeça transformar as sombras do que tinha visto em algo mais nítido, assim enxergaria do que ela se desculpava. Era como nos filmes que minha irmã normalmente descobria antes quem era o assassino, via sinais antes que os outros. Dessa vez eu tinha presenciado, nem assim elucidava o mistério. Com meus óculos de volta, consegui dizer apenas que

— Já lavei e enxuguei tudo.

Saí da cozinha e deitei na cama. O ventilador girava e a cada volta me acertava com um vento cada vez mais quente.

*

Acordei com uma batida na janela que dava para a frente de casa. Nem lembrava de ficar sonolento e dormido. A cama molhada de suor. Ao lado, a cama de meu irmão vazia. Levantei, abri a janela e o sol ainda estava forte, umas três da tarde. Os meninos jogavam bola na rua e meu irmão estava entre eles. A bola caiu no jardim e ele viera buscar. Não sei como mainha havia deixado. O menino novo estava entre eles. Antes de ser hipnotizado novamente, fechei a janela. O quarto de minha irmã estava vazio, a casa silenciosa, e quente. Eu estava sendo cozinhado vivo. No quintal, minha irmã sentada em frente ao espelho fazia o que chamava de "momento da beleza": tirava uma das suculentas folhas da babosa, misturava com condicionador e mel. Batia tudo num liquidificador e espalhava no cabelo.

— Cadê mainha?

— Foi resolver as coisas.

Achava engraçado essa expressão. Mainha saía para resolver coisas. Usava um verbo pouco específico e o substantivo mais aberto de possibilidades. Não, não, nas próximas páginas não vai ser revelado que minha mãe traía meu pai ou praticava alguma atividade secreta quando saía. A vida dela nunca teve nada de interessante então usar um verbo e um

substantivo genéricos serviam para camuflar a carência. Se fosse para pagar uma conta, ou visitar alguém, ou resolver assuntos da igreja, já estaria englobado por essa explicação. Nem era explicação na verdade. E talvez daí venha minha liberdade em evitar dar satisfação. Ela sequer precisava: estava saindo porque podia. Tínhamos que nos explicar porque devíamos. Eram as regras do mundo que somente nos livrariamos ao sair de casa. Nosso sonhado portal. Após esta ultrapassagem, ela fingiria desimportar-se com nossas vidas, mas enquanto estivéssemos comendo a comida que preparava seria nossa dona, além de mãe.

— Quer colocar também? sobrou no liquidificador — ela apontou para o resto de mexido de babosa ao lado da cadeira. Tinha um cheiro bom.

Minha irmã costumava me tratar como a irmã que não teve. O que eu ansiava. Mas dessa vez algo lá fora me chamava: aproveitar a ausência de minha mãe para ficar na calçada vendo os meninos jogarem. Falei para ela que daqui a pouco voltaria.

No banheiro, para lavar o rosto, encontrei a torneira sem água. A seca devia estar chegando. Cada vez mais era normal a falta d'água. Quando eu era bem pequeno, houve uns três anos de estio e tínhamos que pegar em baldes noutra rua que tinha poço. Torci para que não acontecesse novamente.

Busquei água no tanque, escovei os dentes, penteiei o cabelo. No espelho, estava eu. Torto, muito pirralho. Feio. Meus tios quando havia oportunidade repetiam que eu era feio. Tinham prazer em dizer que era bonito quando bebê mas em pouco tempo provei o contrário. O mais feio da família, e assim deveria ser para sempre. Mainha uma vez disse que apesar de mãe não conseguia mentir que eu era bonito. Além disso, eu me achava diferente fisicamente dos meus pais. Minha irmã jurava que era porque eu havia sido encontrado numa lata de lixo, o que fazia todo sentido para mim. Adotado, adotado, gritava quando brigávamos. Nem sei se realmente acreditava mas chorava enquanto os outros riam. Então, em frente daquele espelho, apesar de lavar o rosto, pentear o cabelo e do sorriso que eu esforçava apesar dos dentes tortos, estava o mesmo menino monstruoso que enxergaria, mesmo adulto.

Corri do banheiro, assim correria de minha própria imagem, para o terraço de casa. Os meninos brincavam de bola sob o sol alaranjado, gritavam palavrão, chamavam um ao outro de bicha, de filhos da puta, sabendo que o discurso era parte do jogo assim como a bola. Eu ria. Sentado em frente a minha casa protegido pelo portão.

O menino novo estava lá. Sob o sol escaldante, pintado de dourado. Mais

belo ainda. Isso. Ele era belo. Me envergonhei de pensar, mas painho e ninguém estava por perto para ler meus pensamentos. Corria com um desembaraço de quem apenas os seres dourados, filhos do sol, teriam. Fantasiei uma amizade com ele, conversas, troca de livros, tardes vendo filmes, sentados juntos, mãos próximas, talvez a mão tocando sem querer, contando segredos, ouvindo segredos, tocando mais uma vez a mão

a bola ultrapassou o portão e parou próximo a mim.

Ele correu em direção a minha casa.

A mim.

Eu via nada mais além que ele. O que o circundava adquiriu uma mesma cor, sem movimento, sem som.

Aproximou-se, era dourado, reluzia.

Eu estava congelado de medo.

—Me dá a bola, por favor.

Corri e busquei. Abri o portão, e quando ele pegava a bola, também tocou minha mão, que segurava a bola, ou não sei, talvez nem tenha tocado, mas era um toque novo, de outro, algo que nunca tinha sentido, algo, algo, e ele agradeceu, correu de volta, o mundo retornou seu movimento, os outros meninos ganharam cores próprias, e a mim caberia apenas correr para dentro de casa.

Não corri. Fiquei parado.

Parado apesar do medo do que diriam de mim, se percebessem algo que eu nem sabia explicar. Ele me achou feio? Deveria ter achado muito, porque eu era muito feio, e porque meu corpo estava estranho. Mais estranho do que nunca senti.

*

Tocava a ave maria quando abriram o portão. Não era painho senão teríamos ouvido de antemão sua risada. Corri para o terraço. Ele sim, painho. Sem camisa como usual, mas dessa vez sem ela nos ombros ou mãos. Devia ter esquecido em algum lugar. Seu rosto parecia bagunçado. A boca queria ir para um lado, os olhos esbugalhados, a pele inchada. A cada passo cambaleante um transtorno. Desde pequeno lembro de meu pai bêbado, mas nesse dia foi diferente. A partir desse dia seria diferente. O álcool marcava presença na maioria dos homens adultos que eu conhecia. Uma forma de comunicação ágil quando o assunto pouco importa, ou inexistente assunto e há

necessidade de deixar a vida um pouco de lado. Nesse dia, meu pai bebeu menos para escantear a vida, mas para suportá-la.

Passou por mim, tentou um sorriso, mas seguiu ladeado de frases inaudíveis, meio sem sentido. Mainha perguntou onde estava a camisa dele, o que tinha acontecido, e ele resmungou, gaguejou, relinchou. Um homem desconexo. Mainha marchou até o portão e o trancou com cadeado. Poucas vezes, trancou o portão. Era uma cidade pequena e calma, poucas notícias de assalto. Até nos esquecíamos de passar a chave na porta da frente. Entendi que o medo dela não era de que alguém entrasse, mas que ele saísse.

— Reze, meu filho.

Entrei e meus irmãos rezavam o terço. Painho devia ter perdido o emprego. O ar pesado misturado a tensão e cheiro de álcool. Era algo sério. Entrei no quarto e ele estava deitado. Sentei ao lado dele na cama. Ele estava de olhos fechados com o corpo para cima, falando palavras sem sentido. Eu estava com medo mas precisava ficar ao lado dele.

Pensei "painho, se você consegue ler meus pensamentos, sorria agora".

Ele então abriu os olhos, me viu, parou de resmungar e sorriu.

Eu estava certo em minhas suspeitas então. Fiz carinho no cabelo crespo dele.

Pensei "o senhor perdeu o emprego?"

Então, antes de chorar, ele virou para o lado. Se esforçava para se conter, o corpo tremia tentando controlar o choro. Entre tantas características diferentes, encontrei no choro a identidade com meu pai. Quem estivesse longe e nos visse chorar, apesar de eu ter cabelos lisos e pele clara e ele crespo e negro, saberia que éramos pai e filho.

— Júnior, vem comer.

Mainha chamou e fui logo. Comemos calados com as gargantas entaladas de comida e medo. Testei a comunicação por pensamento com mainha, meu irmão e minha irmã mas nenhum respondeu. Continuaram comendo entalados olhando para a comida, sem dar sinal algum. Só funcionava com painho. Por algum motivo, estávamos conectados.

Quando terminamos, fomos para a televisão, mas mainha mandou dormir. Falei que era sábado, ia passar filme na TV. Sequer argumentou: desligou a TV e pronto. O que ela dizia era lei, hora de ir para a cama.

Tentei dormir, mas o corpo com vida própria virava pra lá e pra cá. Ouvia meu pai levantando da cama, resmungando. Ligava a luz da cozinha e tomava água, mexia nas panelas do fogão. Escancarava o banheiro, batia o bojo na

privada e mijava. Duas vezes abriu a porta do terraço e mainha o trouxe de volta. Cochichou entre os dentes que ele estava proibido de sair. Ela queria todos dentro de casa, todos juntos, nada sairia de seu controle, e para isso ninguém cruzaria o portão.

Meu irmão fez companhia na vigília lendo um gibi com uma lanterninha. Lembrei não ter guardado a carta de titio na caixa de furtos. Estava ainda dentro do livro da borboleta Atíria, em cima da mochila, à mostra de todos. Sorte minha, mainha e minha irmã terem a mesma afinidade com os livros que eu tinha com uma bola de futebol. Meu irmão sequer pensaria mexer no que era meu.

Abri o livro na cama, e as frestas da janela iluminadas pelo poste da rua encontraram as letras de titio. Li a carta mais uma vez e resolvi: entregaria a Sérgio. Descobriria uma forma de encontrá-lo, perguntaria a minha mãe ou aos meus tios onde ele morava.

Passos se aproximaram, e meu irmão desligou rapidamente a lanterninha, escondeu o gibi no travesseiro e fingiu dormir. Vacilei. Mainha entrou no quarto e me viu lendo. Tomou o livro de uma vez de minha mão, num cochicho que parecia grito, tinha mandado antes eu dormir. Congelado, torci para que me devolvesse o livro antes que descobrisse a carta. Mas era impossível. A folha ouriçada balançava o rabo para fora das páginas do livro, me acusando de não ser seu dono verdadeiro, pedindo para que minha mãe a livrasse das mãos do ladrãozinho.

Encontrou a folha e no escuro tentou ler. Ligou a luz. Pensei em gritar, pedir que ela parasse mas eu ainda estava congelado, e temia acordar painho. Leu, devagar, desacostumada a ler, encaixando cada palavra e reconhecendo cada uma a contragosto. O rosto que se esticava e afrouxava revelava ter entendido mais que eu, apesar de ler mais que ela. Fazia mais sentido para ela do que para mim.

— Fique longe desse Sérgio.

Esqueceu de perguntar onde encontrei a carta, não brigou por eu estar com ela em minhas mãos, nem questionou o porquê de tê-la escondido. A prioridade era me proteger de um perigo até então desconhecido. Daí minha dificuldade em entender o que as linhas queriam contar: elas cruzavam a fronteira da infância onde ainda eu habitava.

Devolveu o livro na minha cama, sem a carta. Desligou a luz. Saiu, mas voltou dois segundos depois. Acertou mesmo no escuro meus olhos amedrontados.

— Esse homem matou o seu tio.

Saiu do quarto de vez. Meu irmão manteve a lanterna desligada e logo dormiu. Painho enfim descansou.

O silêncio passeou pela casa, revistando cada objeto e móvel, colocando os insones para dormir. Antes que me tocasse, encontrou a escuridão num dos cantos do quarto e com ela ficou.

Deitado, ouvi o poste do lado de fora me iluminando pelas frestas. O que ele falava se misturava aos meus pensamentos que tentavam entender o que se passou, aquelas palavras de mainha reverberando em cada neurônio, a cabeça fervilhando, como fui tolo, poderia ter morrido também se tivesse entregado a carta, a luz sobre minha pálpebra, dentro da minha pupila, por isso meu tio queria distância de Sérgio, ele gritando, pare, por favor pare de tentar me fa

ouvi uma batida na janela.

Meu despertador sonolento derretia os ponteiros, dificultando eu descobrir que horas eram. Era tarde. Muito tarde. Quem batia a essa hora? O toc toc insistiu. Ao meu lado, meu irmão roncava. Abri a janela e o menino novo da rua acenou. Estava sorrindo da mesma forma de quando devolvi a bola à tarde.

— Como? Mainha trancou o portão.

— Pulei o muro.

Fiz sinal para que falasse baixo, e com a boca e as mãos pediu que eu saísse. Me apoiei na cama, coloquei a mãos me apoiando na janela, e olhei mais uma vez para o quarto e assim ter certeza que meu irmão dormia. O menino me deu a mão e me ajudou a sair.

— Mainha não deixa eu sair à noite.

— Quem disse que ela vai saber?

Me deu sua mão e o segui. Subiu no muro, e me ajudou. Era maior que eu e muito mais forte. Andou em cima do muro encoberto pela sombra da noite, fingindo ser gato, pulou em cima do telhado de minha casa. Livre de medo, sabe-se lá como, num pulo cheguei ao muro. A rua estava deserta. Era muito tarde e um perigo estar fora.

— Nada dele?

Perguntou de Fofinho, e apesar de ser estranho saber do meu gato, de seu sumiço, neguei. Andava com desenvoltura, enquanto eu tinha cuidado para a cada passo manter as telhas de barro inteiras. Acocorou-se e tirou uma, duas, três telhas. Me chamou para perto e mostrou. Do buraco dava para ver meus

pais na cama, apesar de ser difícil identificar quem era um e quem era o outro, uma massa amorfa negra de sombra dos dois se mexia pela cama, um subindo no outro, um entrando no outro, apenas sombras. Me deu um sorriso malicioso e colocou as telhas de volta.

Outra vez me deu a mão. Dessa vez foi diferente. Não estava recebendo a bola, nem saindo da janela, nem subindo o muro. Apenas me deu a mão. A noite estava quente mas com o contato entre as mãos aqueceu-se mais. Aceitei o contato de peles. Deitou sobre as telhas com o rosto para cima. Imitei. Acima de nós um céu estrelado. As estrelas, mortas ou vivas estavam lá. A lua cheia. Todos na cidade dormiam e os astros nos pintavam de luz. Despidos de vergonha de nós, nem nos julgavam. Viam nossas mãos dadas e continuavam a nos iluminar, ou nos iluminavam para ver nossas mãos dadas.

— O que foi? — perguntou ao encontrar meu sorriso amarelo.

— Não sei. Parece um déjà vu— ele sem se importar, continuou olhando as estrelas — Qual seu nome?

Olhou para mim rindo. Ele pensou e consegui ler os pensamentos dele. André. Insisti por pensamentos se era verdade, e fez que sim com a cabeça. De repente, percorreu com os olhos meu corpo e, ao se deparar com algo, riu. Apontou para meu short e então entendi. Eu estava com o pinto duro. Ele ria e ria, e com muita vergonha tentei abaixar meu pinto. Ele estava entendendo errado, eu não tinha culpa, nenhuma, não conseguia controlar. Minha mãe e meu pai colocaram a cabeça para fora das telhas e também riam. Riam. Todos riam de m

Acordei molhado de suor. Era manhã e o despertador, com ponteiros inteiros e acordados, ainda esperava a hora certa de tocar. Me sentia deslocado. Como se tivesse acordado de um pesadelo apesar de tê-lo apagado da memória. Quando sentei na cama, senti. Meu pau estava duro. Nunca o tinha visto assim. O único pinto duro que havia visto era do meu irmão e mesmo assim debaixo do short. Na minha cabeça surgiu a imagem do menino novo da rua. O menino bonito do outro dia. Por quê? Isso estava errado. Implorava que meu pinto voltasse ao normal como era.

Procurei minha chinela, achei embaixo da cama e calcei rapidamente, para evitar o chão gelado. Me ajoelhei na cama e, com as mãos segurando minha cabeça, rezei.

A gota brotou na testa, arredondou-se, foi ganhando massa, aumentando, enquanto descia pelo meu rosto e ia encontrando mais suor entre os olhos, meu nariz oleoso cheio de espinhas, o canto da boca, saudou o queixo, e sem saber para onde ir, para onde vai uma gota recém nascida?, decidi que era o fim de sua rápida existência.

Conheci ela já morta, em cima de meu missário. Repousava, não mais gota, apenas um círculo esparramado entre as palavras Deus e pecado.

— Deus odeia o pecado mas ama o pecador.

Um sinal. O padre falou o mesmo que a moribunda tentou me mostrar.

Era domingo, a missa tinha acabado há algumas horas mas eu participava de um grupo de homens uma vez por mês. Uns vinte continuaram nos bancos da igreja. Engraçado fazer parte de um grupo desses com apenas treze anos, mas havia urgência, além de minha mãe, minha, em me tornar homem, e eu já sabia bem o que isso significava.

Enxuguei o suor com as costas das mãos, enquanto ouvia o som dos missários servindo de leque. Era uma péssima época para os ventiladores da igreja quebrarem. Devia ser quase meio dia e uns quarenta graus lá fora.

— Deus ama todas as pessoas, porque todos fomos criados por Ele à Sua imagem e semelhança.

O padre Carlos continuava falando e eu ouvia pouco. Além do calor, os missários-leque, e de minha barriga que roncava pensando no almoço que deveria estar pronto em casa, minha cabeça não parava. Já falei que minha cabeça vive em permanente ebulição? Devo ter falado. Não tenho mais onze anos, mas pouco mudou. Quer dizer, muito mudou, mas minha cabeça continua numa comichão de pensamentos mesmo que eu deseje o contrário.

Sou o mais jovem dentre os sentados no banco. A maioria deles tem barba, trabalha, é casado, tem filhos. Tenho nada disso. Espichei o que me deixou ainda mais magro, os pelos apareceram no púbis e no soto, no rosto tenho muitas espinhas. Minha voz falha e, às vezes, tenho que lembrar de engrossá-la. Esqueço pouco, mas é fácil notar pelo olhar que lançam quando desmunheco ou falo com voz fina. As pessoas mais velhas ficam constrangidas e as mais novas zombam. Isso me tornou muito atento ao

gestos dos outros. Não quero constrangê-las.

Sou um ator. Lembro do dia em que decidi que precisava interpretar para caminhar. Literalmente caminhar. Um ano antes, andava pelo meio fio da rua, tentava me equilibrar com os braços arqueados como se eu fosse um aviõozinho. Ouvi de uma vizinha na calçada: olha ali, o viadinho. Baixei os braços e segui no meio fio imaginando como meu irmão andaria. Desci e segui na rua. Era melhor parar de brincadeiras. Ser sério. Ser SÉRIO. contei os paralelepípedos torcendo para que acabassem logo e eu pudesse entrar em casa e me esconder. Tinha medo de sair de casa e ser descoberto. Tinha medo de falar e ser descoberto. Uma mão que se mexia e olha ali... o viadinho novamente. Talvez por isso, hoje eu reconheça alguém como eu apenas pelo olhar. Esse alguém também me reconhece, dotado desse mesmo estranho dom. Nos identificamos por ter tido os outros sentidos controlados desde pequenos. Com os olhos, burlamos o sistema e podemos sobreviver.

Me tornar uma pessoa sempre alerta me fez também ter uma imaginação muito fértil. Para me proteger e antecipar ao que o outro pensa e como agirá, armo mil conexões possíveis para evitar ser surpreendido. Acho que as centenas de livros que li desde pequeno me ajudaram a ter o raciocínio rápido para sobreviver tanto numa selva quanto numa reunião de grupo de homens da igreja.

Ao lado do padre, está meu irmão. Ele é mais baixo que eu, apesar de mais velho. Ganhei. Mas é mais forte, tem barba e a voz é grossa em qualquer ocasião. Perdi. Eu também queria ser coroinha, mas o padre disse que eu era muito novo. Ele havia falado isso no passado também. Nesse ano tenho a mesma idade que meu irmão tinha quando começou a ser coroinha. Meu problema era ser um ano mais novo que meu irmão. Insolucionável.

— Eu consigo ver o que vocês sentem. Aqui há maridos que traem suas esposas...

As mulheres da cidade acham o padre bonito. Carlos tem a cara meio achatada, é branco, alto. O cabelo preto liso, dividido ao meio que nem ator de filme, cai um pouco na cara e ele tira com a mão. Me irrita como ele fala: devagar, explicado, superior. Admiram como se ele estivesse falando certo e bonito. Tem o dom para falar e um tom que faz as pessoas pensarem que ele usa as palavras da melhor forma possível. Eu vejo um monte de erro de português e guardo um risinho procurando alguém que também perceba. Ninguém percebe. Ninguém quer perceber nada nesta cidade. Todos querem continuar da mesma forma que estão e estavam quando eu nasci.

— ... lutando contra o álcool...

O que mais gosto daqui é a Igreja. Foi construída na época da colonização dos holandeses. É cheia de uns detalhes e curvas que sei que não são do meu tempo. Gosto de pisar em lugares que sei que outros tantos pisaram. Imagino as roupas que usavam, o jeito que falavam, os dramas que viveram. Imaginar isso faz me sentir acompanhado de um monte de fantasmas, e assim não me sinto sozinho. Alguns deles deviam ser assim como eu, apesar dos vinte homens ao meu redor serem diferentes. Me sinto mais próximo de fantasmas do que de gente.

— Também aqui entre nós há quem tenha a doença do homossexualismo.

Meus pensamentos pararam ao ouvir o padre. Todos ao redor estavam de olhos fechados, rezando, pedindo. Os cenhos franzidos revelavam que o padre estava nomeando os pecados deles, e havia enfim chegado ao meu. Como descobrira? Na igreja eu mal falava e evitava me mexer. Achava ele um charlatão, mas, nesse dia, entendi que realmente tinha uma conexão com Deus que tudo sabe. Era Deus que estava intercedendo por mim, por meio dele. Deus me ouvira e contou ao padre. Eu queria ser curado. Eu não queria ser como meu tio.

Naquela noite, como fazia nos últimos anos antes de dormir, deitado na cama, pedi a Deus que me tirasse os pensamentos impuros. Ele sabia que eu nunca tinha feito nada errado, que nunca havia saído do caminho, mas era difícil suportar. Pensar me fazia sujo. Pensar me fazia sentir um pecador. E eu não queria mais isso. Queria ser normal igual aos meus irmãos. Igual à minha irmã que tinha um namorado às escondidas e descobri quando li o diário dela. Ou como meu irmão, que tinha duas namoradas, como dizia mainha aos risos, mesmo que ele negasse, rindo também.

Era isso.

Eu havia pedido errado a Deus.

Ao invés de pedir para parar de sentir os desejos estranhos, devia pedir que ocupasse minha cabeça com outras coisas. Tinha que me apaixonar por uma menina. Se eu me apaixonasse, iria beijá-la na frente de todos, namoraríamos e casaríamos. Seria bonito ter apenas uma namorada a vida toda e casar com ela. Ter filhos. Ter uma família. Se eu tivesse uma família, seria carinhoso com meus filhos e com ela. Tinha as ferramentas para ser um bom pai. Se eu insistisse no pecado, nunca teria família, nunca seria pai. Era isso. O tempo inteiro pedi errado.

À noite, rezei o terço de joelhos na cama, e, entre as contas, me perdi

fazendo planos, imaginando meus filhos. Queria dois, um menino e uma menina, e estudiosos que nem eu. Continuei orando e imaginando minha esposa, minha família, mas o sono não chegava. Tinha que dormir. Amanhã era segunda-feira e, se eu não dormisse, iria chegar sonolento à escola. Minha cabeça pululava, pululava, pulul
aquilo apareceu.

Tentei desviar, pensar em outros assuntos, pensei em Jesus, Deus, Maria, mas a ideia havia ganhado forma. Forma de homem. Se aproximou, nu, e ficou perto de mim deixando que o admirasse. Por mais que abrisse os olhos, quando fechava ele ainda estava lá, quieto, na escuridão dos meus olhos fechados, um pensamento quente e quieto. Ele era meu segredo, eu não tinha com que me preocupar, ninguém estava vendo ele, ninguém estava nos vendo. Eu sabia o que fazer para ele ir embora. Ao lado da cama, meu irmão dormia, há tempos inclusive, e as luzes estavam apagadas. Se eu fizesse aquilo, o homem iria embora.

Era isso.

Me cobri com o lençol da cabeça aos pés, apesar do calor e suor, e, virado para o colchão, forcei meu pau. Era assim que aprendi nos filmes exibidos de madrugada. Ainda não sabia que o pênis entrava na vagina. Tinha vergonha de perguntar a pai, ao meu irmão ou a qualquer outra pessoa. Na tela da televisão, o homem esfregava o corpo musculoso sobre mulher magra. Era nisso que eu pensava. Na bunda do homem. Se mexendo. Forçando. E eu mexendo e forçando contra o colchão. A bunda do homem. Grande. Com múscul

Gozei. Era delicioso. Minha vida era tão cheia de tristeza e desespero, mas quando eu forçava meu pau contra o colchão, me sentia bem e feliz. Gozar era a prova de que na vida havia felicidade. Mas durava apenas uns instantes. O que eu havia feito? Eu havia acabado de pedir a Deus que me curasse, e não conseguia me segurar nem um minuto? Era um pecador. Iria para o inferno. Depois de chorar até cansar, consegui dormir.

*

Logo cedo, acordei antes de todos e corri para o banheiro. Não havia água na torneira. Há um ano e meio, faltou e não voltou mais. A barragem secou, disseram. Sorte nossa ter uma grande cisterna enchida com água da chuva. Não lembro a última vez que tivemos chuva, mas minha disse que, se não

chovesse logo, ficaríamos sem água.

Fui para a cisterna, afastei o tampão de cimento, coloquei a corda no latão e joguei para dentro. Ouvi quando o som da lata tocou o fundo. Puxei de volta, cheio de água doce, melhor que a salgada que antes tínhamos nas torneiras. Quando enchi o balde do banheiro, pensei que, se enchesse os outros, iriam me agradecer. Fui cinco vezes da cisterna ao banheiro e os enchi. Antes que fechasse o tampão, ouvi mainha chamando meus irmãos. Corri com o latão cheio, mesmo já tendo terminado a tarefa para que ela visse, mas nada falou. Despejei a água direto no ralo sem ter onde colocá-la. Esperei que todos tomassem banho, mas ninguém se deu conta de meu esforço.

— Enchi os baldes e mainha falou nada.

Falei para minha irmã enquanto ela penteava os cabelos em frente ao espelho de moldura rosa. O cabelo era igual da minha mãe. Longos, lisos, pretos. Mainha sorria de orelha a orelha quando diziam o quanto eram parecidas. Acho que era uma forma de enganar a velhice e continuar jovem.

Mainha fez o que podia pela filha. E fazer de tudo é um termo muito incoerente quando se é pobre. Era como se ela quisesse viver o que não pôde quando era criança ou adolescente. Normalmente, eu e meu irmão ganhávamos roupas usadas de meus tios e primos, mas ela recebia roupas novas. Ganhava batons, sandálias da moda, imitações baratas, mas da moda. Mainha dizia que era coisa de menina. Dizia no mesmo tom quando explicava por que não tínhamos aparelho de videocassete ou antena parabólica: o essencial era ter comida na mesa. E as coisas de menina da minha irmã. A última das incoerências foi o quarto. Ao completar quinze anos, ganhou um quarto inteiro novo. E rosa. Cama, guarda roupa, cabide e uma penteadeira rosas. Nem ela nem ninguém precisava de uma penteadeira, muito menos naquela cor, mas mainha disse que era o sonho dela. Não sei de qual das duas. Quando perguntei se tinha sido muito dinheiro, afinal painho estava havia dois anos desempregado, ela disse que não era de minha conta, o que era um argumento final.

Sentada em sua penteadeira, sem se importar com meu lamento sobre os baldes, ela parou de se pentear e olhou para mim.

— Tem uma amiga minha...

Quando iniciava a frase com 'tem uma amiga minha', sem me encarar, eu subentendia que queria um conselho sobre si mesma. Segurava meu risinho porque queria que continuasse se consultando comigo, da mesma forma que

mainha às vezes fazia. Me sentia adulto e sábio. Hoje suspeito que sabia que eu lia seu diário. Deixava a chave em lugares que eu facilmente encontraria para lê-lo e assim ajudá-la quando quisesse meus conselhos.

— ...que está gostando de um menino, mas já está namorando outro...

Normalmente as perguntas dela se referiam a meninos. Meu colégio tinha turmas até oitava série, e para o ensino médio somente havia na cidade escolas públicas. Desde que ela começou a estudar no colégio estadual, havia mudado completamente. O estudo, que nunca fora seu forte, ficou de vez para trás. As amigas de antes, por terem dinheiro, foram estudar na capital, e as que ficaram eram mais pobres, como nós. Em vez de estudar, preferiam falar de meninos, ou ficar com meninos, ou sabe-se lá o quê, mas sempre seria com os meninos. Mainha não gostava muito que trouxéssemos amigos para casa, porque era pobre e bagunçada, mas às vezes vinham as amigas de minha irmã e mainha ficava toda serelepe tentando ser amiga delas também. Devia saber dos namoricos, apesar de fingir que não. Proibia que minha irmã tivesse um namorado antes de terminar os estudos. Por isso, eu nunca quis me envolver com ninguém. Preferia me focar totalmente nos estudos para sair daquela cidade. Mas antes precisava de gostar de uma menina para me curar.

— Diz para sua amiga que...

Eu, então, assumia um tom sério e empostado. Achava que os sábios se portavam assim: pensando rápido, mas falando devagar para quem ouvisse pensar que era algo que sabiam de antemão, por ser um dom, por ser assim. Nisso os livros me ajudaram: a ter várias experiências mesmo nunca saindo de Pedra Bonita, e destilar um conhecimento coerente para os outros mesmo não conseguindo aplicar a mim mesmo. Nisso também os livros me atrapalharam: às vezes confundo o que sou eu, ou o que eu gostaria de ser ou pensei ter vivido.

*

Quando cheguei à escola, cantavam o hino nacional. Fazíamos isso toda manhã. Primeiro o hino nacional, depois o hino do colégio. Sim, o colégio tinha uma música própria que evocava santos, santas, Deus. Era gerido por freiras numa região pobre a preços módicos. Depois que titio morreu, mainha ia me tirar de lá, mas antes os professores se reuniram com as freiras para pedir que eu ficasse — ganhei uma bolsa de estudos. Até a quarta série, as minhas notas eram dez. Todas, sem exceção. Estudava desde pequeno

sabendo que era minha única chance de mudar de vida.

Uma freira me repreendeu ao me ver chegando atrasado. Dias atrás me falou que eu estava mudando. Sim, eu sabia. Me atrasava um pouco, não tirava apenas dez. Tirava 9 ou 9,5, o que me deixava desapontado. Nunca fiquei numa recuperação, nem tirei nota menor que oito, mas o 9 me matava. Pedi desculpas e entrei na fila.

Havia a fila dos meninos e das meninas. Fiquei atrás de um dos meus colegas. Era estranho. As calças eram muito apertadas e dava pra ver a bunda de alguns deles destacadas. Parecia as bundas dos filmes. Eu tentava despensar, tentando me controlar. Vez ou outra me excitava e eu colocava as mãos ou mochila na frente. Me perdia na letra da música e mexia a boca sem nenhum som para que não percebessem a falta de sincronia.

Na fila ao lado, estavam minhas amigas. Eu só tinha amigas mulheres desde pequeno. Minha relação com os meninos era superficial, apesar de não lembrar de brigas com eles. Os dias de educação física eram separados e minha vontade era jogar vôlei com elas e não futebol. Sorte minha, usava óculos fundo de garrafa — foram quebrados duas vezes enquanto tentava jogar bola. Era a desculpa perfeita para ficar no banco. Fugia dessas aulas para ver filmes de terror com elas. Toda semana tinha um filme novo de assassinos com máscaras diferentes tentando matar os mesmos adolescentes idiotas. Ríamos mais do que tínhamos medo.

— Você vem hoje à noite?

Uma delas cochichou no meu ouvido enquanto seguíamos para a sala de aula. À noite, no colégio, teríamos uma confraternização. Pais e mães convidados. Era o que eu mais temia. Painho desde que ficara desempregado bebia todos dias. E muito. Saía cedo e voltava bêbado no fim da tarde. Fumava cada vez mais. Mainha havia avisado da festa, ele respondeu que era uma bobagem daquelas freiras, e não tentei demovê-lo. Meu medo era de que chegasse alterado e decidisse ir. Hoje eu chegaria em casa e ficaria quieto, calado, deitaria cedo. Por sorte, mainha esqueceria da festa. Mas ela não era mulher de esquecer.

— Acho que não...

— Você tem que ir. Tem que conhecer minha prima. — ela falou num tom que eu entendia bem, mas fingi que não.

As festas de colégio que antes eram a chance de brincar com meus colegas fora do horário de aulas haviam se tornado o antro da paquera. Enquanto uma turma se apresentava para os pais, e estes ficavam entretidos, a outra

normalmente ficava do lado de fora, dividida em bandos. O tema central era quem pegaria quem. Quem se desse bem, iria para trás da gruta onde tinha a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Eu nunca tinha ido lá, muito menos à noite ou com alguém.

Eu tinha treze anos e nunca tinha beijado. Nem encostado, nem ficado com nenhuma menina. Nada de nada. Tinha vergonha de qualquer coisa e me achava muito feio. Meus óculos fundo de garrafa e as espinhas, que surgiram do nada, estavam destruindo meu rosto e minha autoestima. As meninas de minha sala já namoravam com os meninos mais velhos de outras turmas, e os meninos não namoravam mas ficavam com as meninas mais novas nas festinhas que eu nunca ia. Nunca ia a festas, odiava festas.

A professora entrou, fez a chamada. Quando chegava no meu nome, me sentia constrangido. De segunda a sexta ouvia aquelas sílabas, e mesmo assim não me acostumei. Jurava ouvir os colegas ao lado rindo de mim, percebendo que o nome nada combinava comigo. Um impostor. Olhei para os lados e ninguém ria. Mas não devia ser invenção de minha cabeça. Algum sinal devia estar nos olhos deles, ou nas mãos. Procurei vestígios nos outros do que minha cabeça me avisava. Acreditava muito no que minha cabeça dizia. E ela era faladeira.

Eu tinha o mesmo nome do meu pai. Ter o mesmo nome do pai, sendo diametralmente oposto a ele, era um problema. Mainha enquanto me esperava deve ter ficado meio retardada. Ninguém em sã consciência dá o mesmo nome de uma pessoa a outra, sem perceber que ela, sem mesmo engatinhar, já carrega outra vida nas costas. Se carregar a própria vida por si só é uma tarefa difícil, imagine uma pela qual não se é responsável. Ao ouvir o nome do meu pai na chamada, queria gritar que aquele não era eu. Era um erro. Mas respondia “presente”.

— Leram o livro?

Era a professora de português. Minha preferida. Antes da volta às aulas, nas férias, eu lia todos textos que vinham nos livros. Se mainha conseguia comprar os paradidáticos, também os lia antes que a professora pedisse. Às vezes tirava xerox, ou pegava na biblioteca. Mas nunca a resposta seria não. A maioria dos meus colegas não tinha lido, mas eu contava para eles do que se tratava, resumia falando de boca mesmo, e eles achavam mais divertido me ouvir do que ler. Diziam que dava sono, que era chato, mas quando eu contava, e contava empolgado, eles se empolgavam nem que fossem durante uns instantes. Queria muito conversar com eles sobre as histórias que lia, mas

nunca rompia o monólogo.

A professora pedia e cada um falava um pouco, normalmente se repetiam, sem saber se aprofundar, era sobre assassinatos, um assassino de pessoas ruivas, o menino que se apaixonava pela ruiva, um inseto que as vítimas recebiam antes de serem mortas, um escaravelho, isso um escaravelho, ninguém sabia o que era escaravelho mas eu tinha pesquisado na Balsa da biblioteca, e falavam e falavam mas nunca iam adiante. Nem a professora se aprofundava e eu ficava magoado ao perceber que ela também sequer leu.

Eu tinha um pequeno caderno onde anotava os livros que lia. A capa era azul e enchi de pequenos adesivos de peixes. Nesse ano, especificamente, li e anotei 36 livros. Falava sobre eles, o que achava, dava estrelinhas para dizer o quanto gostava. No final do ano, fazia uma lista dos meus preferidos. Hoje acho engraçado o cuidado que tinha com um caderno que ninguém além de eu mesmo teria acesso. Vivendo para provar algo aos outros, em algum momento da vida que fiz algo exclusivamente para mim.

Em frente à minha carteira, sentava o filho de umas das professoras do colégio. Ele não era muito inteligente, mas era legal. Virou e me mostrou o álbum de figurinhas novo de Toy Story, um desenho novo que tínhamos visto em VHS no colégio. Disse que precisou comprar um novo porque tinha perdido o anterior. Ele nem suspeitava que uma semana antes eu havia roubado o álbum. Voltei na hora do recreio, tirei o álbum de dentro da bolsa dele e coloquei na minha. Em casa, escondi na minha caixa de furtos. Ao descobrir que ele comprara um novo, que o anterior não fizera falta, eu soube que tinha feito o certo.

No recreio, uma das meninas me ofereceu o cachorro quente que comia mas fiz não com a cabeça. Normalmente me ofereciam comida e eu negava, dizia não estar com fome. Normalmente estava com fome. Não tinha dinheiro para comprar lanche na cantina, mas tinha vergonha de levar lancheira por causa da minha idade.

Minha amiga voltou a falar da prima dela. Que eu tinha que conhecer. Que ia adorar ela. Inteligente que nem eu, mentira: não era inteligente, mas era esforçada. Que ela era como a menina do livro que a professora falou na aula?

— Morta?

Ela não riu. Normalmente ninguém ria com minhas piadas.

— Ruiva.

Nunca conheci ninguém de cabelos vermelhos. Onde eu morava as

peessoas normalmente tinham cabelos e peles mais escuras, e mesmo as peessoas mais claras ficavam mais pretas por causa do sol de janeiro a dezembro. Ela não devia ser da cidade. Lá tinha tão poucas peessoas que eu teria visto. Tinham duas mulheres albinas na cidade. Todo mundo sabia delas, mesmo os que não tinham visto. Uma ruiva seria uma atração parecida.

— De onde ela é?

— Da capital. O pai é bancário, e hoje ela vem para a festa do colégio.

Eu não soube o que dizer. Estava um pouco tonto. Senti um formigamento na mão. Não, não era formigamento, era algo na barriga. Corri e

— ... para onde você vai?

entrei no banheiro. Pensei que era vontade de vomitar, mas nada saiu. Sentei um pouco na privada, e o banheiro aumentava e diminuía, aumentava e diminuía. Quando ficou pequeno, me faltou o ar e tentei achar o ar com as mãos. Fechei os olhos e, ao voltar a abrir, o banheiro estava gigante, as paredes a quilômetros de distância. Havia muito ar, meus pulmões se encheram e tossi. Bateram na porta do banheiro e voz nenhuma encontrei para dizer que estava ocupado, se eu estava realmente ali.

Era melhor eu procurar ajuda.

Saí do banheiro e tinham ido para a sala de aula. Quanto tempo se passou? O salão do recreio estava vazio e calmo. Nunca tinha notado ele sem todas as peessoas que ficavam comendo, correndo pra lá e pra cá, conversando. Nenhum dos meus colegas, nenhum professor, nenhuma freira. O mundo acabou e tinham me esquecido no banheiro. As lágrimas foram brotando no meu rosto e nem tentei escondê-las porque não sobrara ninguém para julgar. Corri, corri sem pensar. Correr solucionaria aquela bolsa de ar que estava surgindo no meu estômago. Que foi crescendo e crescendo à medida que eu corria. Não via nada ao meu redor. Corria, e a bolsa de ar me transformou num balão, que tirou meu pés do chão, alçou vôo.

Voei.

Eu estava flutuando e contemplava a cidade. De cima, consegui ver como Pedra Bonita era pequena. Quente e seca. De cima, parecia uma cidade feita de areia. Toda a cidade cabia no meu olho. As casas, pecinhas de montar de meu irmão. As ruas, finos corredores como macarrão. As peessoas eram formiguinhas. Ao ver minha casa, ali estava ela, fui descendo, descendo, o balão soltando o ar quente e eu pousando no chão. O portão estava aberto e entrei devagar reaprendendo a usar os pés.

Pé ante pé. Pé ante pé. Era bom voltar a chão.

Mainha estava na cozinha fazendo o almoço. Corri para abraçá-la chorando, sem saber o que dizer, como dizer. É difícil expressar o que se sente quando nunca se sentiu algo assim antes. Tentei explicar e ela disse que era algo que eu tinha comido, algo oleoso, essas torradinhas cheias de óleo e sal. Eu comia o mesmo que ela, meu pai e meus irmãos e nenhum se sentia flutuando ou essas estranhezas na barriga. Mandou eu deitar. Só descansar melhoraria. Queria que ela me abraçasse, abracei ela de novo. Nem se mexeu. Tinha que terminar o almoço, vá para lá. Fui. Me deitei na cama, com medo de suspender os pés, mas, aos poucos, o mundo foi parando de rodar. Meu corpo desistiu de flutuar. No final de contas, ela estava certa, eu não precisava de um abraço, mas de cama. A cama durante minha vida se tornaria um refúgio corriqueiro.

*

À tarde, já havia esquecido o que se passou. Uma leseira ainda percorria meu corpo, mas devia ser sangue misturado com sono. Meu irmão brincava no quarto de luta com seus robôs apesar dos catorze anos e corpo de homem. Fazia uns sons com a boca, tchum, puf, pei. Tive vontade de rir, mas me contive. Minha irmã estava com as amigas vendo televisão apesar de terem dito que iriam estudar. E mainha ficava de lá para cá, tentando entrar no meio das conversas delas. Fiquei na sala ao lado do terraço, deitado com um livro na cara, fingindo ler e tentando ouvir a conversa.

Elas eram legais. Soltavam gracinhas quando me viam, apesar de fingir que não me conheciam quando as encontrava na rua. Ali dentro de minha casa, falavam sem se constranger por eu ser um pirralho. Diziam que ia ser um menino bonito, mesmo eu sabendo que era mentira. Me chamavam para ver televisão, o que eu respondia com um risinho, proibido pela cara de repreensão de minha irmã. Elas pareciam adultas. Todas elas, inclusive minha irmã quando estava com elas. Comigo, minha irmã era uma menina insegura que tirava dúvidas amorosas com uma criança que nunca beijou. Com elas, ela que dava os conselhos cheia de si. As meninas diziam que ela era muito inteligente, sabia tanto porque estudou antes no colégio particular e elas estudaram em colégio público. Mal sabiam o quanto ela foi péssima aluna. O que importava, no entanto, e isso aprendi desde cedo, era parecer algo. Ser era desnecessário quando se sabe se camuflar de outro personagem.

Uma delas pegou um dos álbuns de fotografia que estava no rack da

televisão. Minha irmã ainda tentou impedir, mas a garota foi mais rápida. Ela gritava que não, era horrorosa “naquela época”, como se ter dois anos a menos tivesse a medida de uma década.

Gosto da ideia de álbuns de fotografia. É só imprimir, colocar ali dentro entre as divisórias que me tornava importante como os personagens dos livros de história. Meus anos se transformando em séculos. Apesar de odiar fotos de mim. E nas mãos das amigas dela a história longínqua dela era desenterrada com gritos e risos. Por trás, mainha explicava orgulhosa o que era cada registro. O batismo, a primeira comunhão. O dia de quando ela ganhou o sonhado quarto rosa. As festinhas do colégio. Ela também usava óculos, mas era com grau bem pequeno. Tentou esconder as fotos com óculos mas em segundos estavam rindo de si mesmas. O que mais chamou a atenção delas foram as fotos de coroação. Também eram minhas preferidas.

Na minha cidade, todo ano, a Igreja organizava a coroação de Nossa Senhora da Conceição. As meninas usavam túnicas de cetim branco, uma fita azul na cintura. Na cabeça, uma coroa de flores ou uma tiara. As pequenas gostavam porque era a chance de usar batom ou uma corzinha nas bochechas. Azar de minha irmã porque mainha proibia maquiagem em qualquer evento da Igreja, dizia que era pecado, que as outras não entendiam nada das regras de Deus. Era um grande acontecimento. O sonho de mainha era que escolhessem minha irmã para coroar a santa. Desde pequena, minha irmã estava lá, em todas coroações, mas escondida. Foi crescendo e mainha tentava colocar ela mais próxima do altar, em algum lugar que seria vista, seria apontada em qualquer lugar da Igreja. Uma vez ela conseguiu ficar a uns quatro degraus da santa, apenas umas seis meninas a frente dela. O mais próximo do sentimento de realização de minha mãe nesses anos. Ela xingava em casa, se revoltava, dizia que minha irmã era mais bonita que a horrorosa que estava coroadando a santa nesse ano. O problema era somente escolherem gente rica. Filhas de gente rica. Minha irmã nem se importava mas mainha fazia questão daquela benção. Quando minha irmã estava prestes a completar 14 anos, que era a idade máxima para coroar a santa, e mainha estava ciente que não conseguiria o intento, ela organizou em nossa rua a própria coroação. Todas as noites ensaiou as meninas, chamou as das ruas próximas. Arrumou o altarzinho em frente à nossa casa. Cobriu o fundo com um bordado de minha vó. As meninas jogavam pétalas de rosa durante a coroação. Minha irmã vagarosamente colocou a coroa na santa de barro. Deve ter sido um dos dias mais felizes de minha mãe.

Depois de ela explicar às meninas, comeram biscoitos de maisena com suco de maracujá, muito doce porque mainha colocava muito açúcar. Enquanto estavam entretidas na televisão, notei a caneta que uma das meninas tinha deixado cair no chão. Rolou para perto de mim. Era cheio de bichinhos e glitter. Parou perto de onde eu estava sentado. A dona nem percebeu. Nem notaria se eu pegasse. Rapidamente coloquei meu livro por cima, fechei e corri para o quarto. Estava vazio. As vozes continuavam animadas. Subi no banquinho, peguei minha caixa de furtos e coloquei dentro. Dentro havia outras canetas que, infelizmente, eu não usaria no colégio, mas era bom tê-las por perto. Não havia conseguido recuperar a carta de titio, mas havia recompensado com outros itens. Em breve eu precisaria de outra caixa.

As meninas trocaram os sussurros de fofocas por um tom de surpresa, algazarra, e, por um segundo, gelei, pensando que estavam discutindo pelo sumiço da caneta. Uma delas teria visto meu crime e estariam decidindo como seria a penalização.

— Mainha, Renato Russo morreu — minha irmã gritou.

Corri para a sala. Mainha veio correndo, enxugando as mãos no pano de prato. Ficou um pouco em frente à televisão, depois voltou para a cozinha com ar de irritação.

O homem do programa dizia que o cantor famoso tinha morrido. Eu não conhecia. Quer dizer, lembro da minha prima da capital ouvindo, mas nas rádios e casa dos vizinhos eu apenas ouvia forró e música brega. Aquela música de jovens não estava ao meu redor normalmente. Apesar de morto, reprisavam um vídeo dele cantando. Era uma música triste. Não só porque era devagarzinha, mas porque eu prestava atenção à letra e ali tinha muita dor. *Ela se jogou da janela do quinto andar, nada fácil de entender.*

Era engraçado que as meninas diziam, que música linda, e cantavam junto, como se fosse uma das músicas românticas dos casais da novela das oito. Mas não. Era triste. Os olhos deles cantando eram tristes. Num momento da música, ele olhou para a câmera, mas eu senti que me olhava. Nossos olhos se encontraram. Reconheci aquele olhar. Ele reconheceu o meu. Éramos parecidos e iguais mesmo a tantos quilômetros de distância e, agora, nem mais isso. Eu reconhecera que era igual a alguém que nunca encontraria. Aquela imagem dele, mais que gravada, estava morta. Os olhos dele se voltaram para a plateia, fugindo dos meus. Esperei até o final da música que ele voltasse a me notar. Tentaria dizer para ele que poderia ser feliz sim. Era

só deitar na cama um pouco. Mas ele não olhou.

Cheguei mais perto da televisão e embaixo havia uma faixa com os dizeres: MORRE MAIS UMA VÍTIMA DA AIDS. Eu nunca tinha ouvido falar nessa sigla, o que era estranho, porque eu lia muito. Talvez fosse um acidente. Ou uma doença de pessoas tristes. Eu teria que ser feliz para não ter Aids. Ouvi quando minha irmã falou que

— Meu — e não consegui ouvir bem sobre quem ela falava — morreu de AIDS

e as meninas fizeram um oooh. Cheguei mais perto para ter certeza de quem elas falavam, não podia ser, tive a impressão que ela tinha falado titio mas falavam tanto, e a televisão estava alta que eu não tive certeza. Quando minha irmã me viu perto, parou de falar, e as meninas perceberam. Eu era criança demais para aquela conversa.

— Quem morreu de AIDS?

Perguntei e elas fingiram não ouvir e continuaram conversando entre elas. Mainha ouviu de longe,

— Que conversa feia é essa?

voltou para sala e desligou a televisão. Se desligasse a televisão, aquilo não entraria em sua casa.

— Mainha, o que é AIDS?

E ela bateu em minha boca. Era uma palavra feia e suja. Só em falá-la eu estaria me sujando. Sujando a casa. As meninas ficaram sem graça e foram se despedindo, dizendo que tinham terminado o trabalho de casa.

Eu continuei lá parado.

Era sobre meu tio. De alguma forma queria me enganar, queria continuar perguntando, me perguntando para me enganar. Mas meu tio também tinha a doença da tristeza. Eu me lembrei dos olhos dele. Da carta em que pedia para desistir de tentá-lo fazer feliz. Entendi por que tantos diziam que éramos parecidos. Carregávamos aquela tristeza que virava doença e matava. Desde que ele morrera eu me sentia mais assim, meio triste, meio pesado. Quando ele deixou de existir, deixou um pedaço dele comigo. Ou ele todo em mim.

Não.

Eu não queria ser como meu tio. Eu não queria morrer de AIDS. Corri para minha cama esperando que a tristeza se fosse. Iria esquecer os olhos tristes do cantor, os do meu tio e assim os meus. Os pensamentos iam e vinham e eu tinha dificuldade em pará-los.

Sabia como parariam.

Esperei que as meninas fossem embora. Tive o cuidado que as vozes de mainha e minha irmã estivessem longe. Meu corpo coberto, escondido. De costas, forcei o pinto contra o colchão. Sentir aquilo pararia meus pensamentos. Parou. Naqueles segundos de prazer, tudo era calmo e prazeroso. O mar vinha forte, mas eu conseguia ficar debaixo das ondas. Sentia a força vindo, me ultrapassando, mas ali embaixo era calmo. Se alguém aparecesse no quarto, eu fecharia os olhos, pararia o movimento, e pensaria que eu estava dormindo. Um plano perfeito.

Tentei pensar numa mulher. Alguma da minha sala. Alguma das amigas de minha irmã. Tinha que pensar numa mulher. Isso. Não. Não conseguia. Tinha que me esforçar mais. Eu precisava me ajudar. Bunda. Bunda. Bunda de um homem. Não. Isso estava errado. Bunda de homem. Era o caminho. Não ia fazer mal. Eu ia relaxar rápido e esquecer tudo. Era o jeito. Sucumbir ao pecado. Não.

Sim.

A onda veio forte, me acertou em cheio e levou meu corpo sem forças até as areias da praia. Deitado, de boca entreaberta e batimentos cardíacos acelerados, tentava me decidir entre o êxtase e a culpa.

*

Acordei com meu irmão dizendo que eu estava atrasado para a festa do colégio. Levantei e todos tinham tomado banho e se arrumado. Painho por sorte não havia chegado. Tomei banho às pressas torcendo para sairmos antes que ele desse as caras.

Assim que cruzamos o portão, ele apareceu na esquina. Estava bêbado. Mainha mandou a gente seguir, ia falar rápido com ele, que nos encontraria no caminho. Continuamos e fiquei olhando para trás tentando ler nos lábios dela o que falava. Não consegui. Ele olhava para baixo. Tinha vergonha. Da situação ou dele, ou de mesmo ali não fazer mais parte de nossa família. Ninguém podia ajudá-lo. Mainha nos alcançou, mas não falou nada. Pensei em perguntar se ele viria depois, mas achei melhor não. Não queria levar outro bofete e chegar com cara roxa no colégio.

A festa transcorreu normalmente. Fiquei o máximo que pude ao lado de mainha. Era como se representasse meu pai. Meu irmão tentava fazer o mesmo, mas ele saía mais. Uma hora voltou e pude notar os lábios avermelhados de quem tinha acabado de beijar. Minha irmã não sentou um

minuto. Mesmo não estudando mais no nosso colégio, pode rever colegas antigas. Andavam juntas pra lá e pra cá, paquerando, empinando os peitos, siricotiando pela quadra da escola. Mainha reclamava, pedia para ela voltar e sentar, mas no fundo estava orgulhosa de daquela espivitudez.

Vez ou outra algum professor surgia e mainha perguntava, e como está Junior, falando de mim como se eu não estivesse ali ao lado dela. Era minha hora de inflar o peito. Elogiavam, diziam que eu era um bom menino, muito inteligente, que daria muito orgulho a ela no futuro. Sei que ficava feliz, mas o máximo que ela conseguia dizer quando eles saíam era

— Preferia que você fosse assim em casa.

Sei que não era verdade, que ela se sentia orgulhosa dos elogios, mas mainha nunca deve ter sido felicitada por suas conquistas, por isso não sabia como fazer comigo, e nem sabia que era necessário. Eu continuava murcho na cadeira, esperando o elogio dela que nunca vinha e nem viria.

A minha amiga tinha me chamado algumas vezes e eu tinha negado, porque eu tinha que ficar com mainha, não queria deixar ela sozinha. Ao ver meu irmão sentado ao nosso lado, pedi para que eu fosse com ela. Mainha mandou eu dar volta. Tive que ir. Estava evitando sair porque ela queria que me apresentar a prima. A ruiva. Eu estava sem saco de conhecer alguém, ser simpático. Minha barriga voltou a doer. Lembrei do que havia sentido pela manhã e fiquei com medo de que aquilo voltasse, seja lá o que fosse.

— Aqui ela.

A menina se virou sorridente para mim e me abraçou.

Era linda.

Era diferente das outras meninas do colégio. Era como se fosse uma artista. O cabelo ruivo era enorme e brilhava, cheio de presilhinhas em formato de borboleta. Devia ser moda na capital e as meninas da minha cidade em breve estariam usando. O sorriso claro. A pele bem cuidada.

Era ela.

Fiquei com vergonha e não consegui falar muito. Ela dizia o quanto a prima falava de mim, que eu era muito inteligente. Falava baixo, devagar, bem educada que era. Eu estava acostumado a pessoas gritando ao meu redor. Ela parecia o poço de calma que eu experimentava quando lia meus livros sozinho. Disse que eu devia estudar na capital. Quem sabe ajudaria ela na escola. Me imaginei estudando com ela num colégio bom, com professores que liam os livros antes de dar a aula, alunos que sabiam de cor as histórias. Seria incrível. Com ela seria incrível. Namoraríamos e estudaríamos juntos.

Seríamos aprovados juntos na universidade. Casaríamos. Teríamos filhos. Todos os verbos no plural. Terceira pessoa do plural. Era ela a mulher que eu pedi a Deus. Ela iria me curar.

Tinha que ser ela.

*

Meu irmão me chamou pra irmos embora, me despedi das meninas, disse que queria vê-las amanhã, mesmo querendo ver apenas a ruiva. Ele perguntou por nossa irmã e antes que dissesse que não sabia, ela saiu detrás da gruta da santa ajeitando a roupa como se nada tivesse acontecido. Ele brigou com ela e ela nem se importou. Um menino também saiu detrás da gruta e pensei que meu irmão ia bater nele, mas não, ficou calado com vergonha. Mainha se aproximou e ninguém comentou nada. Seguimos a pé para casa. Estava quente apesar de umas nove da noite, eu estava feliz apesar de estar voltando para casa.

No meio do caminho fomos pegos pela chuva. Quanto tempo não chovia? De tantas formas possíveis de se medir o tempo, essa talvez fosse uma das mais bonitas: a velha amiga que retorna sem aviso. As ruas ficaram cheias para saudá-la. Sem cobranças. Que bom que voltou. Era de verdade. Era vida escorrendo, mesmo que fria, pelo corpo. Mainha disse o quanto Deus era bom, a cisterna estava quase seca. Mesmo que na cidade não tivesse água nas torneiras, lá em casa a sede estava descartada, nem deixaríamos de tomar banho. Nós. Deus era muito bom. Eu dizia que sim, era muito bom, e segui do lado dela. A água tinha um sabor doce apesar de na escola ensinarem que não tem gosto. Claro que tinha. Era um gosto cristalino, meio aveludado. Uma gota contém nuvem e terra ao mesmo tempo. Quase como um santo que viveu aqui, e depois foi para o céu, e vez ou outra refazia esse caminho de santidade. Cada gota era Deus e eu sentia escorrendo ele pelo meu corpo.

As crianças corriam sem desconfiar da santidade das gotas. Os vizinhos gritavam da porta para os outros, gritos-risos, dizendo para encher as vasilhas, os baldes, os tonéis. Até vizinhos que não se falavam deixavam as brigas pra lá e emprestavam um balde que estava sobrando, ou diziam, tá vendo, é chuva, e o outro respondia, é sim, chuva.

Seguimos sorridentes, mas quietos. Os quatro em direção à casa. Torci para que painho não tivesse acordado com a chuva. Alguma gota tivesse se infiltrado pelas telhas e acertado seu olho esquerdo. Ele levantaria ainda

bêbado, teria bebido tanto que estaria bêbado até amanhã de manhã, e acharia estranho a casa vazia. Sairia para a chuva à nossa procura. Iria até o colégio para nos procurar. Mas estávamos quase chegando em casa e ele não estava em nenhuma rua.

Nem no portão quando chegamos.

Nem na porta quando entramos.

A casa estava escura. Ele devia estar dormindo. Eu torcia para que ele estivesse dormindo.

Tudo era silêncio não fosse a sinfonia da chuva no telhado. Mainha foi ligando as luzes, mandando a gente tirar as roupas logo para não pegar um resfriado.

Eu estava no quarto quando ouvi o grito. Meu corpo molhado se arrepiou inteiro.

— É o demônio, isso é o demônio,

Mainha gritou sem ter entrado no quarto. Corremos para o seu lado. A porta estava aberta e painho pendurado no telhado. Meus irmãos também gritaram. Fiquei sem voz. Congelado. Procurava o demônio, mas apenas via meu pai tentando se equilibrar com um lençol no pescoço, amarrado numa talisca que segurava os telhados. Painho nada falou. Demorei alguns anos para entender essa cena. Na verdade, não sei até hoje o que foi essa cena. Lembro apenas que todos gritavam. Menos eu e meu pai. Todos gritavam e reconheci meu pai no silêncio. Éramos o mesmo.

*

Um dos nossos tios apareceu no outro dia em casa e levou meu pai. Pude respirar. Painho não tinha falado nada depois de ser salvo por mainha. Dormiram lado a lado. Meu tio prometeu que ia deixar ele trabalhando lá um tempo, ia ajudar. Disse que ia dar tudo certo. Mainha disse que ia dar tudo certo. Painho não disse nada. Na outra semana já estaria de volta, não tinha dado certo, não sabia trabalhar numa farmácia. Mas por uma semana pensamos que estávamos salvos.

De qualquer forma, o dia mesmo sem ele não seguiu tranquilo. A casa estava impregnada de desgraça. Durante a chuva, notamos as goteiras da casa. Vários cômodos ficaram molhados, móveis encharcados. Ficamos enxugando, limpando. Limpávamos para não pensar no que tínhamos visto na noite anterior. Ninguém perguntava. Ninguém nem pensou em ligar a vitrola.

Dessa vez, não precisava de aviso. O ar pesado nos lembrava que não era hora de música.

— Ao menos vamos ter água para beber.

Mainha falou para logo depois chorar e chorar. Gritava, tentando não culpar Deus, a má sorte, dizia que a família estava amaldiçoada, devia ser a sogra que tinha jogado praga, macumba. O diabo estava naquela casa. Chorava ao lado da cisterna. A água da cisterna estava podre. Tinha um gato morto dentro em meio a água nova que tinha caído a noite inteira. De nada tinha servido tanta chuva. Não teria mais chuva, ela sabia. Estávamos amaldiçoados.

Lembrei que no dia anterior havia enchido os baldes e esquecera ele aberto. Isso. Era culpa minha. Mais uma vez. Eu havia arruinado tudo. Tive vontade de contar, e quem sabe se mainha batesse em mim, me enchesse de pancadas e feridas eu pudesse ser perdoado. Mas eu era um covarde. Fiquei ao lado dela, vendo chorar e colocar a culpa no diabo, na minha vó, no mundo. O mundo era horrível com ela e eu tinha medo de dizer para ela que não, eu que era a maldição daquela casa.

No meio da tarde, mainha saiu. Disse que tinha que resolver coisas. Meu irmão também saiu, sem dizer para onde. As amigas de minha irmã vieram para casa, o que me lembrou que tinha combinado de ver a ruiva. Antes de sair, uma das garotas me chamou, perguntou pela caneta que eu tinha pegado, pensei rápido, disse que não sabia de caneta nenhuma, e saí, disse que estava atrasado. Fiquei gelado por dentro, mas sabia que ao ver minha futura namorada aquilo no estômago sumiria.

Ao chegar na casa de minha amiga, a ruiva estava entrando no carro do pai. Colocavam as malas atrás e se despediam. Tive tempo apenas de apertar a mão dela, ela riu, e me abraçou. Me despedi. Disse que queria vê-la de novo, e ela respondeu que de vez em quando vinha para minha cidade. Pediria para a prima me avisar. Faríamos algo juntos, veríamos filme de terror. Queria ser minha amiga. Concordei, adorava filme de terror, seria ótimo.

O carro se foi e me senti vazio como antes de conhecê-la. Nem sabia que aquele sentimento anterior a ela era de vazio mas depois que ela passou a existir em minha vida, entendi a lacuna. Estava feliz por tê-la encontrado, saber que eu tinha jeito sim, era isso que faltava afinal, uma menina que me fizesse mudar a cabeça. Lembrei que pela manhã ao acordar tentei me masturbar pensando nela, e não consegui, mas isso era bobagem. Com o

tempo isso também se consertaria. O que importava era ter um amor. Pedi certo a Deus e ele atendeu.

Falei para minha amiga que tinha que voltar para casa, me despedi, dei obrigado, mesmo sem ela entender pelo quê, e voltei. Feliz. Lembrei que tinha que controlar minha felicidade, então, em vez de sair saltitando, andei como meu irmão andava, mas dentro eu cantava e dançava. Era engraçado que as pessoas não tivessem a mínima noção que aquele menino andando sério e sisudo na verdade estava feliz por ter encontrado um amor. O amor era tão forte que ele havia esquecido os outros problemas. Chegaria em casa e o amor faria ele esquecer o ar podre, a água podre, o sangue podre. Tudo ao redor era maldição, mas ele estava vestido de amor por uma menina.

Ao chegar em casa, minha mãe pegou um cinto de painho e me bateu. Bateu em cada pedaço de meu corpo e minha cara. Batia e perguntava de quem era isso, de quem era aquilo. De início não entendi porque estava em choque e sentindo muita dor. O cinto em minha pele doía muito. De quem é isso, de quem é esse outro, e então entendi que ela tinha descoberto meus vários anos de furto. Minha caixa. Havia descoberto minha caixa e perguntava de cada item. O caderno de que eu nem mais lembrava. A borracha que nunca usei. O álbum de figurinhas do meu colega. O estojo transparente. E de quem é isso? E de quem é aquilo? Me batia com força jogando a raiva do meu pai, do mundo, da cisterna, a falta d'água, do desamor. Toda raiva do mundo coube naquele cinto. Minha pele ardia. Devia estar sangrando, não sabia mais. Eu via os cabelos ruivos e sabia que um dia eu teria amor. Com amor, eu conseguiria ser outra pessoa e recomeçar. Então desmaiei.



05.

Ouço as pessoas, quando estão a falar de si, ou tentando entender quem são, enumerarem o que tiveram, o que aconteceu. O homem presente como produto do que se passou. Seja no divã do analista ou na mesa com amigos e um pouco de álcool, o jeito de falar é associado ao pai, a ansiedade é igual a da tia e o pendor à música nada mais que aulas de piano na infância, mesmo que forçadas. Como se fóssemos feito de pecinhas que foram sendo acrescentadas aos poucos. Como se cada peça fosse passível de associação ao que aconteceu em nossas vidas.

Não sei. Ao contar essa história, me vem à cabeça o que não tive. Um longo inventário de coisas-fantasmas que me afetam da mesma forma, ou até mais, do que as que existiram. A bicicleta que nunca ganhei. O carinho materno que nunca tive. Os passeios de carro com titio têm tanto peso quanto os não passeios de carro depois que ele morreu. Não conseguir ter outro gato me afeta tanto, ou até mais do que os sete anos em que Fofinho me acompanhou antes de sumir. Entre o tanto que não tive, talvez a maior ausência seja a de um irmão. Sim, o meu dormia na cama ao lado no nosso quarto compartilhado. Mas, por reconhecer o poder das palavras ou do que elas por vezes mascaram, pressentia que, apesar de usarem a palavra irmão para designar nós dois, não éramos. Sinto que se tivesse tido um, tudo teria sido diferente.

Ele está, logo ali, no sofá. Eu na poltrona. É mais de meia-noite e os demais dormem. Estamos de férias na casa de minha vó mais uma vez. Desde criança fazendo esse caminho para Garças, e naquela época com catorze anos, não tinha mais o mínimo saco. Aos poucos, entendi que meu desejo em ter uma grande família e aventura nas férias se devia a um parâmetro falso desencadeado pelo vício em livros ou nos filmes da Sessão da Tarde. Avó rechonchuda que fazia lanches e insistia que eu comesse outra fatia do bolo açucarado, tios que gostavam tanto de mim que implorariam para me adotar, primos que fariam questão que eu continuasse mais uns dias na casa deles brincando de Mário no videogame, um quintal que, num passo errado, me levaria para um buraco-portal para outro mundo. Talvez eu quisesse demais.

Aparentemente me odiavam, e, em contrapartida, eu os odiava. Vez ou

outra ainda me humilhava, de olhos arregalados e mãos postas, mendigando algum carinho. O mesmo recebido pelos meus outros primos e até pelos meus irmãos. Tomava menos chineladas, por vergonha deles em bater ‘num menino barbado sem vergonha’ como eu, mas, quando combinavam uma viagem à praia ou à sorveteria, esqueciam-se de me convidar.

No sofá, rosto iluminado pela televisão, bocejei fingindo sono. Meu irmão bocejou. Também deve estar fingindo.

Por mim, estaria em casa, mas painho ficou lá. Quero evitá-lo, não porque não goste mais dele, mas porque tenho medo do que possa fazer bêbado. Ainda não conseguiu encontrar emprego, e tem enchido a cara cada vez mais. Não aguento mais rezar para que pare de beber. Não há mais formas diferentes de rezar. Deus não curou meu pai, não limpou meus pensamentos, nem fez com que a ruiva que eu amo também me ame. Minha relação com Deus está num emaranhado difícil, então tenho tentado resolver meus problemas sozinhos. Como esse.

É sábado à noite e daqui a pouco na televisão irá passar uma sessão de filme erótico. Não é pornô. Inclusive com catorze anos ainda falava pênis e vagina. Hoje em dia, ainda tenho dificuldade em falar pau e boceta. Pau e boceta. Mas ok, aqueles tempos são outros. E o ato sexual era um mistério para mim. Nunca tive uma conversa sobre esse assunto com meu pai. O máximo que tive com ele foi, ao entrar no banheiro, me deparar com ele fazendo xixi. Aquela bilonga pendurada mole. Saí do banheiro com vergonha. Foi o mais perto de um pinto que cheguei. Poderia ter aprendido isso com meu irmão. Ele com certeza falava disso com os amigos dele. Mas comigo, não. Não falamos de nada na verdade. No entanto, dividimos a mesma sala, duelando para quem iria continuar em frente a televisão quando o filme começasse.

É a única chance em que posso ver um homem nu. Já que havia me prometido não ter contato com homens em minha vida, ao menos posso vê-los na TV. Aos sábados nesse horário, espero pacientemente irem dormir, um a um. Às vezes, também finjo dormir, mas fico na cama esperando dar a hora. Levanto, ligo a televisão torcendo para que o volume não esteja muito alto, coloco baixinho e me deito de costas no sofá com o lençol embaixo. Passo o filme inteiro me esfregando, e, quando algum homem nu aparece, forço mais. Se ouço algum barulho de porta ou passos, troco logo de canal e paro os movimentos. Por sorte, ninguém nunca me descobriu. Desde essa época digo que tenho insônia. Estudo muito e tenho insônia. Acreditam ou fingem

acreditar, então quando me pegam de madrugada em frente à tela iluminada em meio à escuridão, me mandam de volta para cama sem suspeitar que eu estivesse me masturbando no sofá onde se sentariam pela manhã.

Prestes a surgir o letreiro da sessão, meu irmão se levantou, soltou uma bufada de raiva e foi dormir. Essa era uma das vantagens de não falarmos: também não brigávamos. Até para brigar é necessário um mínimo de intimidade. Eu era super amigo de minha irmã e vivíamos brigando. Fico na dúvida se ele saiu porque minha técnica de cansá-lo funcionou ou porque sabe que aquela é minha única forma de ver safadeza. Ele já tem namoradinhas, sai com os amigos. Ainda compra revista de mulheres nuas e uns mangás em que umas meninas muito novas, que nem as de nossa escola, são curradas por homens mais velhos ou até por tentáculos alienígenas.

Com a sala livre para mim, vejo os letreiros do filme. O nome da personagem principal tem tantos ms, ns, ls, que acho engraçado. O marido dela é diplomata e por causa disso, ela viaja o mundo transando com homens e mulheres que aparecem. Nunca vi cenas dela com a família. Deve ser bom viver longe da família e ter liberdade para transar com quem quiser. Ela é francesa e é como uma amiga que revejo nos finais de semana. Sabe que não estou ali para vê-la mas não se ofende. Com ela, meu segredo está guardado.

*

Logo cedo, as conversas da mesa grande da cozinha chegaram ao meu travesseiro, viraram minha cabeça puxando os cabelos e forçaram minhas pálpebras. Minha gritou da porta para ir logo tomar café da manhã. Que ali não é hotel. Que nenhuma delas é escrava minha. Que não vão guardar comida para mim. Sei que é uma ameaça verdadeira, mas estou com sono. O filme acabou umas três da manhã, e devo ter demorado mais uma hora para dormir. Dormi o quê? umas duas, três horas. Tem sido uma constante dormir poucas horas. Acordando no meio da noite para tentar ver algo na televisão, ou simplesmente porque um pesadelo me acorda. Desde essa época tenho uns pesadelos vívidos que demoro um tempo para me dar conta que não são realidade.

Na mesa, minhas tias com seus filhos comem apressadamente. Têm que voltar hoje para casa. Meus primos estão cada vez maiores e pego logo um pão antes que comam tudo. Voinha manda eu comer devagar e deixar para os outros. A comida cai da boca deles e me pergunto se ela está falando sério. Deve estar. Na cabeça dela, sou um demônio que antes era criança, cresceu

um pouco, e em breve serei um adulto maldito. Vez ou outra aproveita para fazer previsões de mim, adulto infeliz.

Ficamos o mês inteiro e é hora de partir. Mainha diz que vamos amanhã, podemos aproveitar ainda o dia. Aproveitar. Finge não perceber o quanto odeio minha vó e aqueles dias. Qualquer passo meu é corrigido, qualquer fala contestada. Se ouço música, se fico na mesa enquanto elas conversam, se decido brincar, e conseqüentemente brigar com meus primos, se demoro no banho, se me balanço no balanço branco do terraço. Todos os 'se's são perigosos próximos dela. Minhas ações são calculadas mas mesmo assim acabam em meio a gritos.

Ver voinha é como ver minha mãe. O que é engraçado, porque meus tios e tias tem muitas diferenças de minha vó. Mainha não. É como se em um momento da vida dela, para se sentir acolhida e amada, tivesse decidido ser igual à progenitora. Presentear a própria personalidade para minha vó faria dela a preferida entre os seis filhos. Tenho pena porque a vejo sendo tratada como uma empregada. Sim, uma empregada a quem se faz confidências e em quem se confia. Mas também uma que lava os pratos do almoço enquanto as outras filhas estão tomando café sem querer estragar as unhas feitas no dia anterior.

As duas esperavam que eu tivesse essa predisposição a ser tapete. Seria o caminho natural: entre os outros núcleos da família, éramos os mais pobres. O certo seria baixar a cabeça e aceitar cada vírgula do que dizem para mim. Infelizmente, nasci com um botãozinho que traz respostas rápidas e mordazes.

Antes de sairmos da mesa, mainha avisou que iria com minha tia para Frederica e voltaria à noite. Teria que resolver umas coisas. Minha irmã e avó a acompanhariam. Na verdade, avisou ao meu irmão. Que é para ter cuidado em mim. Que sabe como eu sou. Tenho vontade de responder, talvez até tenha respondido, mas no final das contas devem ter mandado eu calar a boca e obedecer meu irmão. Ele não lança nenhum olhar de vitória, ou de que eu serei o escravo dele, ou qualquer outra possibilidade. Meu irmão tem uns olhos meio mortos que eu nunca conseguia decifrar.

Vão se despedindo, fazendo recomendações, adeuses que nenhum nem outro ouve. É o que chamo de coro da despedida: feito de frases feitas, sorrisos falsos, mãos nervosas que se despedem e repelem. Meu irmão perde a maior parte do tempo trocando as últimas confidências com meu primo. Eles sim parecem irmãos. Mesmo tão diferentes fisicamente tem a conexão

que eu tanto invejava.

*

A casa, por ser grande, conseguia ser ainda mais vazia e silenciosa depois que tantos adultos e crianças barulhentas haviam saído. Se alguém tocasse na parede, sentiria a casa num pranto de alívio, por sentir as suas partes inteiras de volta. Eu a entendia.

Eu podia ficar em um dos vários quartos, meu irmão em um dos vários quartos, ou no terraço, ou no quintal, na cozinha, na garagem que tinha carro nenhum. Mas invariavelmente ficávamos juntos. Ele estava na televisão quando sentei no sofá com um livro na mão. Meus livros haviam acabado então peguei um dele. Estava quase no final, na verdade. Quando ele estava brincando com meu primo, eu lia um pouco escondido. Dessa vez, queria continuar a leitura, porém, não queria ficar sozinho.

No livro, dois irmãos se perdem na mata. Não, deixa eu lembrar melhor. Começa com dois irmãos chegando na fazenda do pai, fazendo amizade com o pessoal do local, conhecendo os costumes dos que ali viviam. Engraçado dizer que é a história de meninos que se perdem na mata, afinal há muitos acontecimentos antes. Mas também não é mentira: tudo ali está se encaminhando para eles se percam. Viver uma aventura e contar um com o outro. Eles têm idade próxima e são bem unidos. O mais novo é mais curioso e destemperado, o mais velho mais centrado. Quando leio, vejo meu irmão ao lado, bem diferente do irmão do livro. Invejo aquela relação, invejo aquela aventura. Nesse momento estaríamos numa expedição pela casa vazia, pela rua, fazendo amizade com os meninos da vizinhança e se embrenhando pela cidade. Mas não. Estamos na mesma sala e cada um no seu mundo.

Me nota lendo. Levanta, toma o livro de minhas mãos, grita para não mexer no que é seu. Fico sem reação. Queria saber se os meninos iam conseguir sair da mata, ser mais irmãos depois dessa aventura. Queria achar nas entrelinhas uma forma de conseguir ser mais irmão do meu, mas não há pista nenhuma. É apenas um livro idiota.

Quando volta para o canto dele, deve ter notado meus olhos marejados, corpo rígido, fingindo ver televisão sem me importar, me importando e diz que

— Pode pegar o livro. Você adora mexer sem permissão, Júnior. Era só me pedir.

Minha vontade é responder, gritar, chorar um jato de lágrimas em formato de facas em direção a ele, mas antes de perder o controle, saio da sala. Tenho certeza que se tivesse pedido, ele teria negado. Mentiroso.

No terraço, há a solidão de que necessito. Normalmente ela convida o silêncio e assim minha cabeça descansa. Gosto de ficar no balanço do terraço, balançando, me mexendo entre o silêncio, meu irmão é um idiota, quero o silêncio, vão recomeçar as aulas e ainda bem que já li quase todos livros, balançando vou conseguir me acalmar, quem sabe vejo a ruiva novamente na cidade, meus pés não tocam o chão e é bom, a quietude está pert

Um rosto que me parece familiar cruza o outro lado da rua, posso ver pelas grades do terraço. Quem seria? Forço um pouco meus olhos míopes, ajusto os óculos fundo de garrafa, paro o balanço. É o balanço que me ajuda a relembrar. Sérgio. Despontando em frente a casa de vovó. Sérgio de titio.

*

Cruzo sorrateiramente a sala. Meu irmão continua vendo televisão. Um capítulo de Cavaleiros do Zodíaco a que ele deve ter assistido dezena de vezes. O barulho de socos e chutes deve encobrir meus sons. Tenho que ser rápido e silencioso. Se eu sair sem ele perceber, encontrar Sérgio, voltar para casa, provavelmente nem iria notar. Ao não me achar, pensaria que eu estou em algum canto lendo, ou chorando. Se perguntasse, eu responderia que estava escondido embaixo da cama. Era isso.

Abri o portão da frente e saí. Mas para onde? Havia visto Sérgio, mas não sabia para onde ia. Não sabia onde era sua casa, nem a que lugares costumava ir. Pelo que eu lembrava, nem morava ali mais, era professor em Frederica. Devia ter vindo para visitar a família assim como eu. Garças era uma cidade era pequena, e eu já tinha noção que não era grande como imaginei anos antes, mas contar com a sorte e achá-lo em alguma esquina era uma grande bobagem. Eu não era mais criança. Uma pena.

Quando tinha uns sete anos, num sábado à tarde, tomei banho, passei talco e alfazema, vesti um short quadriculado, cinto, e uma blusa roxa. Perguntei para mainha se podia ir para rua, e ela, entretida em seus afazeres, entendeu que seria a nossa rua, em frente de casa. Permitiu. Abri o portão, marchei energicamente deixando para trás o medo e em dez minutos estava no centro de minha cidade. Era minha primeira superaventura. Passeei sem rumo, entrei na loja de disco e perguntei por aquele e aquele outro cantor. O vendedor disse que tinha disco até do papa. Fiquei espantado. Quando voltei, mainha

bateu em mim, disse que me procurou e não me achou. Corrigi: pedi e ela deixou eu sair. Me bateu mais um pouco, mas à noite ouvi ela contando no quarto aos risos para painho o quanto eu era esperto. Não me lembro de em outra situação ter sido tão independente e decidido. Gostaria de ter continuado assim. Ah, lembro sim.

Ainda na alfabetização, aproveitei que mainha tomava banho e fugi para a escola. Era quase hora da aula e não queria me atrasar. Tinha seis anos. Cheguei a tempo da aula e gastei os primeiros minutos, primeiro, com medo de que mainha chegasse na porta ainda toda ensaboada e me batesse na frente de meus colegas. Segundo, com medo de que ela tivesse morrido ao ver que eu tinha sumido de casa. Revelou tomar remédios controlados, que a gente deixava ela muito nervosa, que eu era muito impossível e a cabeça dela um dia ia explodir por minha causa. Por fim, vi ela conversando na porta com minha professora, e não apanhei. Somente quando cheguei em casa.

Aos catorze anos, queria ter seis ou sete novamente e aquela desenvoltura perdida. Onde aquilo havia se escondido? Era melhor voltar. Não, não. Se eu continuasse andando, chegaria ao centro da cidade. Eu sabia o caminho porque era o caminho para a rodoviária. Andei, andei, acho que uns vinte minutos sem parar, o calor estava grande, vi o semáforo, alguns carros, e a avenida onde ficava a maior parte do comércio. Era melhor eu andar em linha reta, devagar olhando para os lados, procurando um sinal dele.

E se o encontrasse? O que falaria? Não tinha pensado nisso.

Não estava com a carta, mainha a havia tomado uns dois anos antes. Diria que titio tinha deixado uma carta para ele, pediria seu endereço e lhe enviaria pelos correios. E se perguntasse o que estava escrito? Minha memória se misturou com o momento de quando a li pela primeira vez. Muito imaturo na época. Não tinha entendido que era de titio para Sérgio. Talvez suspeitasse, mas queria me enganar porque era errado. É errado. Os dois estavam errados e titio sabia disso. E queria distância dele. Queria que ele se afastasse dele. Como podia ter namorado um homem se tinha tanta mulher bonita pelo mundo?, ouvi uma vez painho dizendo e era verdade. Era muito bonito, teria conseguido uma também, casado-se, tido filhos. Talvez fosse culpa de Sérgio, como mainha me alertou. Por isso meus tios bateram nele. Era culpa dele. Ele que transformou meu tio. Colocou pecado na cabeça dele. Devia ter pensado nisso antes de estar aqui procurando por alguém que nem ia lembrar de minha cara. Procurando alguém que nem sei mais por que estou procurando.

— Me dá um real, magrelo.

Quase pisei no mendigo. Estava tão aéreo que não o vi no chão. Meu primeiro impulso foi perguntar se estava doido. Mainha me dava um real e eu comprava um saco com dez pães. Muito dinheiro. Eu tinha exatamente um real no bolso que tinha pegado em cima da cômoda de um tio. Toquei a moeda no bolso, fiquei com pena de dar para ele, fiquei com pena dele. Parecia bêbado, apesar de ainda ser manhã. Talvez tenha bebido tanto que acabou virando mendigo. Tinha a pele negra como de painho e um bigode bem grossão. Nem me olhava mais, pedindo aos outros que passavam mas fiquei ali parado olhando ele. Tinha medo de que painho nesse mês sozinho em nossa cidade ficasse tão bêbado que virasse mendigo. Eu nunca beberia.

— Não tenho, desculpa.

— Deus te abençoe, magrelo.

Estranhei ele ainda acreditar em Deus. Não sei se eu acreditaria se estivesse naquele estado na rua. Sem dentes, com fome, sob aquele calor infernal. Poderia ser uma resposta sem pensar, assim como quando eu batia o pé numa quina e soltava um palavrão. Um costume. Devia ser isso.

Voltei à minha aventura. Precisava de foco para voltar logo para casa de voinha antes de ser descoberto. A cada olhada, pensava vê-lo. Os rostos tão parecidos. Bigodes, barba, cabelos penteados com gel, peles morenas. Todos rostos iguais. Todos homens. Mas se... Sim, os olhos. Os olhos não mentem. E, ao notar os olhos dos homens que cruzavam meu caminho, notei que eles também me viam. Um. Depois outro. E outro. Como eu. De camisas de botão, carregando filhos, de mãos dadas com a namorada. Uns de minha idade, outros mais velhos. Outros bem velhos. Os olhos. Os olhos iguais ao do cantor que eu tinha visto na televisão.

Lembrei da doença que ele tinha morrido e que talvez tenha sido a mesma de titio. Se eu encontrasse Sérgio, ele me contaria. Ou não. Provavelmente negaria. Ninguém queria falar daquilo. Uma vez tentei conversar com mainha e ela me bateu. Se defendeu de minha pergunta com uma chinelada nas costas. Procurei na Barsa, mas era tudo muito científico. Siglas, vacinas, dados. Uma vez encontrei na Superinteressante da banca. Li um pouco, mas fiquei com vergonha de continuar, e acabei largando depois das primeiras linhas. Tinha medo que a senhorinha da banca pensasse algo de mim. Meu irmão vez ou outra chegava com uma Super em casa, mas com essa, nunca.

Ouvia boatos na escola sobre AIDS. Algum travesti que tinha voltado da Europa e morreu logo depois. Um ator da Globo. Uma atriz americana. Um

professor que era casado com um mulher e a filha estudava em minha escola. Um viadinho que dava para todos. Iam ficando magros e magros. Diziam que era câncer, que era um regime, que estava tomando suco de limão pela manhã. Depois de um tempo mais magros e fracos, morriam. As famílias diziam que tinha morrido de tuberculose, de tossir demais, mas os outros olhavam com cara de “eu sei bem o que ele tinha”, e por saber o que ele tinha, sabiam muito bem o que eles eram.

Talvez isso explique o porquê de terem fechado o caixão de titio. Minha bela adormecida na verdade tinha murchado. Minha vó não queria que o vissem e pensassem “eu sei bem o que ele tinha”. Acho que nem titio gostaria. Era orgulhoso demais com sua beleza e sua saúde. Trancando o caixão, lembraríamos dele como era. E não como terminou. Parecia o plano perfeito. Tenho a impressão, porém, de que, ao tampar o caixão e não me deixar me despedir dele, me impediram de velá-lo. Como se meu tio esperasse até hoje que eu pudesse enterrá-lo. Se eu falasse com Sérgio, entregasse a carta, poderia enterrar a memória de meu tio, e deixá-lo descansar.

Mas ele não apareceu. Não o acho, tantos rostos e olhos familiares mas nenhum o dele. Posso ter me enganado. Sentar no balanço do terraço pode ter me feito voltar ao tempo e ver o rosto dele como na primeira vez. Crescido, não gritaria se o visse. Esperaria pelo que tinha para me falar.

A fome arranha meu estômago. Devia ser meio-dia, o calor avisou. Lembro do um real guardado no bolso. Corro para a banca de jornal perto e lá vejo uns doces, balas, pipocas. Peço um Kinder Ovo, e o senhor me dá. Mainha diria que aquilo não era comida, mas ela não estava ali. Dentro do chocolate havia um smurf azul de plástico. Lembrei da vez que jurei ver um smurf no jardim da casa de voinha. Também jurava ter visto o fantasma saindo do picolé que tinha um recheio branco. Acreditava piamente nas narrativas que inventava. Comi o chocolate e, em vez de voltar para o sol, resolvi ficar mais um pouco na banca.

Está vazia a não ser pelo senhor, provavelmente o dono. Ele tem um ventiladorzinho em frente ao rosto que mexe os cabelos brancos. Parece o cabelo de voinho. Paro um pouco entre os gibis da turma da Mônica. Namorava aqueles almanacões de férias. Páginas e mais páginas, num gibi de tamanho maior e grosso, como se fosse livro para se devorar lentamente durante um mês inteiro, apesar de conseguir matá-lo numa só tarde. Ao lado os mangás japoneses, lembravam meu irmão. Ele gostava de desenhar

copiando os quadrinhos. Eu desenhava somente árvores e olhos. Ele desenhava bonecos, homenzinhos, lutas, robôs, peitos de mulheres. Era bem mais talentoso que eu, ao menos nisso. Talvez a essa hora tivesse notado minha falta e me procurava embaixo da cama. Espero que tenha se sentido culpado.

Na parte mais em cima estavam as revistas semanais. Em destaque a Veja de meses atrás com o Renato Russo na capa. Dizia: ‘morre mais um rebelde’. Meus tios assinavam a Veja, mas eu não tinha visto essa na casa de minha vó. Deviam ter jogado para não lembrar do meu tio. Logo ao lado o jornaleiro colocou outra: ‘AIDS mais perto da cura’, em letras garrafais. Me aproximei e vi que a data era de alguns meses antes da do cantor. Um tanto triste a cura estar tão perto e uma morte por ela logo ao lado. Se ele tivesse resistido um pouco mais, teria sido curado. A revista falava de coquetéis. Meu tio não deve ter tido essa sorte. Queria pegar a revista e tentar saber sobre esses novos remédios que ela falava, mas tive vergonha de o senhor da banca descobrir que eu pensava em homens. Imaginaria que eu era gay e tinha Aids. Eu não era gay. Pensava sem querer, isso sim, mas iria me casar com a menina ruiva do colégio. Me corrigiria com o tempo.

Me virei e lá estavam as revistas eróticas. Mulheres em todas poses, abertas, cobertas, peitos desnudos, adesivos cobrindo o meio das pernas. Algumas de histórias em quadrinho como tinha encontrado embaixo da cama de meu irmão. Também umas fotonovelas cheias de homens e mulheres fazendo sexo com balões de fala. Para quem quisesse ver. Num cantinho embaixo coberto de umas fitas pretas pude identificar uns corpos de homens. Não havia mulher. Apenas homem. Nunca tinha visto um desses. Olhei para o velho e ele estava do lado de fora fumando. Não sei o que pensei na hora, mas peguei uma daquelas revistas e coloquei dentro do meu short. Tinha prometido não roubar mais, mas era diferente. Precisava saber como era um homem nu. No mesmo momento, o senhor entrou na banca. Paralisado, fingi devolver uma outra que estava na minha mão. O homem da capa da revista tinha olhos maliciosos e o pau era escondido pelo desenho de uma banana.

O senhor da banca tocou no meu ombro.

Apertou.

— Dá uma vontade nesse calor, né?

Me virei a tempo de ver a mão enorme que tinha colocado em meu ombro. A boca grande cheia de dentes e língua de labareda. Os ouvidos gigantes

atentas a qualquer som. E os olhos. Olhos enormes e esbugalhados. Não eram como os meus, ou como dos outros que reconheci na rua. Eram diferentes. Ele não era como eu. Eu com medo que ele descobrisse meu furto, com medo dele, com medo de mim... Corri.

Corri com medo que ele pensasse que eu era como ele. Não era. Eu só queria ver uma daquelas revistas, saber como era, ter um objeto que fizesse às vezes de um professor, e que me pudesse explicar o que era cada parte do corpo, as possibilidades de meu corpo, pudesse explicar meu desejo.

Corri sem olhar para trás. Sentindo os olhares em cima de mim me acusando de furto, de ser bicha, de ser uma bicha que rouba. Depois de um bom tempo correndo, me senti seguro e parei.

Era a praça em frente à Igreja. Estava vazia. O sol a pino e a falta de árvores expulsavam as pessoas de seus bancos ensolarados. O lugar perfeito para revelar o produto do meu crime. Sentei num dos bancos e tirei de dentro do calção a revista. Parecia pesar muito mais que as poucas páginas que tinha. A cada segundo eu olhava para os lados, para as janelas das casas, para o alto das árvores. Se eu alguém me visse, eu estaria perdido.

Abri.

Fui folheando rápido as páginas, com medo das páginas, dos paus que surgiam, das bocas, dos corpos musculosos nus. Eles não tinham os olhos que eu tinha. Eles também não eram como eu. Era corpos nus, brilhando, suados, colocando o pau dentro do outro.

Era nojento.

Era errado.

Eu não queria fazer aquilo, nem ser daquele jeito.

Todos eles deviam ter AIDS.

Todos.

Rasguei a revista ali mesmo. Cada folha, cada pênis, cada biceps e peito musculosos iam sendo destruídos. Eu ia rasgando aqueles homens, na esperança que meu desejo também fosse. Já que Deus não os apagava de minha mente, eu os rasgaria e faria o trabalho por mim mesmo.

Sem poder controlar, na praça vazia, o vento carregou os papéis picados. Deixei serem levados. Meus olhos estavam cheios de lágrimas e, a alguns centímetros de meu nariz, voava um pau duro.

*

Estava dentro da igreja sentado num dos bancos. O que fazia ali? Por que continuava me refugiando na igreja? À minha frente, a imagem de Jesus crucificado. Devia ser difícil para uma estátua estar sempre crucificada. Acordar e se dar conta de si com pregos prendendo suas mãos. Sem tocar o chão. Uma vida inteira em suspenso. A freira do colégio uma vez me disse que era para nos lembrarmos do sacrifício dele. Mas pensei, e ele? Porque outra vez e outra vez ele tem que sofrer. Uma vez não seria o bastante? Além de matá-lo, faríamos reviver sua própria dor porque somos incapazes de aprender a amar.

Me ajoelhei e tive a sensação que esse movimento não ia mais se repetir. O homem na cruz dizia para eu me libertar. Ele não podia. Há mais de um milênio haviam colocado pregos em suas mãos, e nunca o tirariam dali. Eu era jovem. Tinha tempo de sair de onde haviam me colocado. Eu disse que não, não tinha como. Mainha dizia que tinha que ser aquilo e pronto. Aquilo era o aquilo que ela achava. Eu não sabia nada fora desse aquilo. Ele respondeu, bobagem. Bobagem, garoto. Tire os joelhos daí e liberte-se.

— Chegou cedo para a missa.

Um homem interrompeu minha conversa com Jesus. Não era uma reclamação. Tinha um sorriso no rosto, desses que homens bons têm. Usava óculos, tinha os cabelos penteados, e a cara redonda de bolacha. Parecia um padre mas tinha roupas de gente normal.

— Tava muito quente lá fora.

— Mas você está ajoelhado. Rezando?

Pensei. Não estava rezando. Não sabia bem porque estava ali. Uma hora atrás tinha roubado uma revista de homem nus. Mas esse era apenas um dos problemas.

— Deus não me ouve.

Ele sentou ao meu lado em direção ao Cristo crucificado.

— Você é muito jovem para ter problemas — ele falou mais para me acalmar, mesmo sabendo ser mentira. Queria que eu me confessasse espontaneamente. — Qual o seu problema?

Eu não podia contar meu segredo.

— Você é padre?

— Sou. Mas neste instante sou apenas seu amigo.

Eu não contaria meu segredo mesmo querendo. Mesmo confiando nele.

— Meu pai bebe muito. Ele não consegue emprego faz uns três anos.

— Meu pai também bebia muito. E me batia. Ele te bate?

— Nunca me bateu. Mainha me bate. Todo mundo me bate, na verdade. Menos painho.

— Você tem um bom pai, então. Eu não tive.

Eu entendia o que ele queria dizer. Ou talvez apenas sentia algo bom no que estava dizendo. Não precisava responder exatamente o que eu queria, afinal eu nem estava fazendo a confissão correta.

— Às vezes eu duvido que Deus exista.— falei e dessa vez ele me encarou — já conversei com a freira lá do colégio, mas não sei...

— O que ela disse?

— Que eu precisava ter fé.

— Você tem fé?

Na frente, além do Cristo havia Maria, anjos, outros santos que eu não sabia diferenciar. Todos tristes. Todos querendo mudar de posição. Cansados de serem estátuas. Cansados de servirem para orações vazias e promessas em vão.

— Eu sinto um vazio aqui dentro — e aponte para o peito — e tem dias que o vazio parece maior do que eu.

— Tem dias que também sinto.

Olhei para o padre surpreso, e ele riu de mim.

— Sabe o que eu faço?

Esperei ansioso que ele me revelasse. Isso me salvaria.

— Eu peço para que Ele me preencha. Tenho fé e Ele me inunda. Fico cheio dele.

Eu sabia que ele falava a verdade mais uma vez. Eu sentia. Mas aquilo não funcionava comigo. Entendi como numa revelação que não servia para mim. Ele não conseguiria entender. Eu era diferente. Nasci diferente. Nada iria me deixar completo. Aquilo que tinha dentro de mim, aquela monstruosidade, me comia por dentro e um dia iria tomar meu corpo por inteiro. Ele seria eu. Um monstro. E monstros não rezam.

Abracei o padre. Ele me abraçou. Queria continuar sentindo aquele abraço, mas sabia que era impossível. Me despedi. Foi a última vez que entrei numa Igreja. Nunca mais me ajoelhei.

*

Fiz o caminho de volta dessa vez evitando os rostos. Olhava para o chão como normalmente fazia. Acho que por ser muito míope desde criança, ando

olhando para baixo com medo de pisar em falso ou cair em algum buraco. Antes de usar óculos, pensava que o rosto das pessoas era um grande borrão. Depois transformado em quatro olhos, demorei a me acostumar com tantos detalhes, olhos, cílios, espinhas. Hoje tenho dificuldade em encarar pessoas. Preferia que elas fossem borrões. Me sentiria mais seguro.

E não queria mais reconhecer esses olhos. Não. Estava cansado. Não era igual a eles. A nenhum deles. Não queria mais fazer parte desse grupo secreto que guardava segredos. Quando chegasse amanhã em casa iria apenas estudar. Estudar para não ser como meu pai. Estudar para sair de casa. De minha cidade. Estudando sem parar não ia ter tempo para nenhum pensamento errado, ou certo, ou pensar. Apenas estudar. Estudando minha mãe ia me amar, minha família iria me amar e orgulhosos de mim, parariam de me bater. Pediriam desculpas inclusive pelos anos de surra. Eu seria melhor que meus primos e do que um dia meus tios foram. Ia ser melhor do que todos eles.

O primeiro passo era evitar os olhos.

— Júnior.

Ouvi uma voz me chamando. Mesmo que tantos se chamassem Júnior aquela voz sem rosto veio em minha direção e tocou minha cabeça. Ao me virar, ele. Sérgio.

Era ele, apesar de estar mais magro e com uma barba enorme. Mas era ele. Os olhos não enganavam.

Não.

Evitar os olhos.

Enquanto ele sorria, eu corri. Pararia somente quando estivesse longe. A salvo, eu voltaria a caminhar.

*

Assim que voltei para casa de minha vó, meu irmão falou que tinha me procurado e não me achou. Tentei mentir, disse que tinha me escondido embaixo da cama de um dos meus tios, acabei dormindo por lá, e ele disse que era mentira, que ia contar para mainha, que eu gostava de aparecer. Fiquei quieto. Estava tão sem energia que não conseguia brigar. Queria que o resto do dia escorresse logo e amanhã logo cedo eu pudesse voltar para casa.

Ao ver que não reagi, falou que tinha comida no fogão, nosso tio tinha vindo e deixado almoço. Agradei.

Acompanhei ele a tarde inteira enquanto víamos televisão. Deixou o livro que tinha tomado de minha mão pela manhã, no sofá, esperando minha volta. Quando terminei de ler, ufa os irmãos tinham conseguido sair vivos da mata, ele cochilava, com o braço pendurado para fora do sofá. Deu vontade de pegar a mão dele e de mãos dadas continuar.

Quando éramos menores, depois de brigarmos, mainha nos prendeu com cordas numa fruteira de ferro. Uma tarde inteira, grudados de costas um para o outro. Ela fez errado. Deveria ter nos deixado se bater, xingar até nos entendermos. Em algum momento as mãos se encontrariam no meio de um murro ou tapa, e se reconheceriam como mãos irmãs. Decidiriam por si só se unir. Mas preferimos nunca mais ser penalizados por mainha, e assim paramos as brigas. Antes de nos entendermos. Então nunca mais nos falamos de verdade.

A mão dele estava ainda suspensa quando ouvi o som do carro trazendo mainha, minha irmã e voinha de volta. Meu irmão levantou num pulo. Pensei que logo falaria sobre minha fuga. Não falou. Nem durante a noite toda.

Antes de dormirmos no fim do dia, lembrei de devolver o livro. Fui até a cama dele, dei obrigado e voltei para a minha. Já estava de olhos fechados, quando ouvi ele falar.

— Boa noite.



Acordei com painho vomitando. Mesmo normal era algo difícil de me acostumar. O som dele forçando a garganta, querendo expulsar não apenas o álcool, mas também a própria alma. Se ela escapasse, ele ficaria oco. Oco recomeçaria.

Eram sete da manhã. Não sei se já estava bêbado ou ainda estava bêbado. A vida provou ter margem infinita para piorar. Meu irmão se equilibrava entre trabalhar na sapataria e continuar os estudos. Minha irmã fingia: estudar para o vestibular e não ter namorado. Eu continuava o mesmo: tentando me esconder da realidade mergulhando nos livros. Mainha fazia o possível para salvar a família com as próprias mãos. Mandavam ela largar painho. Ele era um alcoólatra sem futuro. Sem estudo, dificilmente conseguiria outro emprego. Nunca conseguiria. Mas ela perseverou, numa mistura de amor, ideia de insolubilidade do casamento e orgulho ferido tentando esconder a iminente derrota. Com as mãos fortes mas cansadas, lutava para continuarmos juntos: se nos separássemos, era o fim dela. E o nosso.

Esperei painho sair do banheiro para tomar meu banho e ir para o colégio. Me dedicava para o vestibular três anos antes, como se fosse fazê-lo no próximo mês. Quando saiu, estava de cabelo penteado, banho tomado, vestia camisa e roupa social. Tinha vomitado a alma e ia tentar emprego mais uma vez. O homem oco iria conseguir.

Painho nunca foi um homem violento. Tento lembrar de alguma vez que tenha me batido. Nenhuma chinelada me vem à mente. Se me batesse como todos os outros, seria mais fácil odiá-lo, e também faria a cabeça de minha mãe para deixá-lo. Uma semana antes, foi a primeira vez que o vi fora de si de verdade. Me assustou. De olhos esbugalhados, falando num tom monstruoso, quebrou primeiro um espelho, provavelmente para evitar a própria imagem. Depois a penteadeira de vidro de mainha se desfez em cacos, cadeiras encontravam as paredes e outros poucos móveis que mainha tanto gostava eram reduzidos a pedaços sem serventia. Não encostou nela, nem na gente. Como um homem tão fora de si, humilhado pelo desemprego, dependente do dinheiro dos outros, não nos culpava?, não nos batia?, nem arremessava sua ira contra a vida em nós?

Era uma força estranha. No futuro, eu reconheceria essa energia em mim mesmo. Mainha dizia que era o demônio. Painho estava possuído, era só prestar atenção nos olhos vermelhos, no gestual animalesco. Eu suspeitava ser uma explicação ingênua. Desde que desisti de deus, preferi mastigar o mundo com dentes afiados e racionais. O que painho tinha era uma energia autodestrutiva. Diante da sua impotência perante o mundo, sobrava apenas se desumanizar. É mais fácil se desumanizar quando se é pouco. Sendo menos gente, perderia a capacidade de entender, de sentir dor. Destruindo-se por dentro, um dia o corpo viraria do avesso, e ninguém o reconheceria. Não sendo mais parte do mundo, conseguiria enfim suportar.

Na minha frente, uma fuligem, grande, preta, planou perto do nariz. Era época de queima de cana de açúcar. Queimavam a plantação, mesmo a quilômetros de distância, e a casa se enchia de cinzas que trespassavam as frestas das telhas e se espalhavam pelo chão. Caiu silenciosa e solitária. Preparava o terreno para outras que viriam.

Painho passou por mim e junto, um cheiro forte de desodorante. O homem alto e magro, acarinhou as mãos em meu cabelo, sorriu e sorri de volta.

— Se cuide.

Ele falou e não entendi ser uma despedida. Fechou a porta e se foi.

*

O dia correu depressa querendo chegar logo ao seu final.

Tentei me concentrar no colégio, apesar de a barriga doer sem aparente motivo e vez ou outra o coração bater mais forte. Devia ser algo que eu tinha comido. Meu irmão passou a manhã na sapataria e a tarde na escola. Minha irmã, o dia fora com a desculpa de que tinha que estudar para o vestibular, mas pelo diário dela eu sabia que estava indo para casa de um menino. Mainha ficou em casa. Nos últimos dias, sua força já minguava. O almoço era feito num dia e descongelado para o resto da semana. Mal arrumava a casa, não varria. Os objetos quebrados não foram substituídos. Os sábados da limpeza tinham ficado para trás.

O dia correu depressa querendo chegar logo ao seu final.

Nada do que acontecesse durante importava. Queria ver nossas reações, como nos sentiríamos. O dia egoísta, cansado de nossas vidas banais, ao perceber drama e reviravolta, adiantou-se para a noite.

Eram seis da noite, tocava ave-maria. Até pouco tempo antes, nesse

horário eu estaria rezando ajoelhado na cama. Dessa vez, apenas lia. A chegada de painho me dava ânsia. Uma ânsia do caos. Chegaria bêbado, gritando tropeços, entortando palavras. Mainha gritaria com ele. Minha irmã às vezes acompanhava. Meu irmão, o último a aderir a gritaria. Continuei calado apesar dos gritos dentro da cabeça.

Como o horário de chegada passou a ser incerto, meu estômago se embrulhava e a cabeça fazia torrentes de cálculos, previsões, até ele chegar. Sempre chegou. Nesse dia não.

Mainha ia e voltava para o portão. O que era uma bobagem, ela sabia: se estivesse nas proximidades, ouviríamos a risada da esquina. Me corrijo: a risada havia sido substituída por um grito, ou um falar alto, ou brigas com os vizinhos. Antes tranquilo, passou a trocar improperios, e mainha ficava atenta para trazê-lo para dentro de casa.

Sobre uma das páginas do livro sobre meu colo, caiu uma grande fuligem da cana de açúcar. Atentei ao redor e havia outras pelo chão. Como mainha nada fez, minha irmã passou a varrer a casa. A vassoura juntando as grandes cinzas negras.

Eu estava na metade da história. O pai da família tinha acabado de morrer de câncer no estômago. Bebia demais e estava difícil lidar com o trabalho. Era triste, mas achei que seria bom praquela família. Um alívio, talvez. Mas o título, “Éramos Seis” deixava claro que era o início da desintegração familiar.

Eram umas oito da noite quando mainha saiu sem avisar. Devia estar procurando pela rua. Repetia que um dia ele estaria jogado bêbado na calçada, apesar de nunca ter acontecido. Até hoje, ao ver um mendigo, ou bêbado numa calçada, tenho medo de ver nele o rosto de meu pai. Ou meu.

Meu irmão falou “bom que ele suma mesmo”. Falou para ninguém. Para a televisão talvez. Estava cada vez mais isolado. Tinha raiva de painho. E raiva de mainha porque custava a expulsá-lo de casa. Desde que conseguiu trabalho na farmácia, comprava remédios, um shampoo, alguma comida para casa. Naquela época o achava um idiota, mas hoje só consigo pensar que ele tinha apenas dezesseis anos.

Minha irmã conversava no telefone com o namorado. Cochichava e eu tentava ouvir. Mainha manteve o telefone mesmo quando painho foi demitido. Dizia que era para falar com a família dela. Suspeitei que queria ao menos um bocal para fuga caso fosse necessário. Éramos proibidos de usá-lo. Voinha pagava basicamente a assinatura e nenhuma ligação a mais seria admitida. Quando mainha voltou, corri e avisei minha irmã para sair do

telefone.

Mainha nada falou. Mas fechou o portão. Trancou o cadeado que tantas vezes nem usava. Era como se dissesse: quando você chegar vai ter que pedir para entrar. Sequer pensou na alternativa que ele não voltaria. A cabeça de minha mãe funcionava como a minha, então estaria com um texto pronto assim que ele voltasse. Mesmo se se desculpasse, ela teria resposta pronta para umas cinco possibilidades de conversa e gritos. Cruzou a sala e eu conseguia ver na testa dela os pensamentos vermelhos em ebulição.

A partir dessa noite, às nove horas, ela colocaria o cadeado no portão. Ao invés de evitar a entrada dele, como na primeira vez, a nova rotina impedia nossa saída.

Às dez e meia tocou o telefone. Nunca vou esquecer este momento. Mainha atendeu num pulo, e nenhum de nós se mexeu. Sabíamos que seria grave. Algo sério. Algo de adultos. Em tantos momentos, fingíamos ser adultos, mas, nesse, não cabia atuação.

Mainha atendeu, ficou calada um tanto, falou baixo. Destituída de forças para gritar. Não fazia mais diferença. Desligou.

Antes de voltar para o seu quarto, parou em nossa frente sem conseguir nos encarar. Cinzas caíam do telhado. No chão, um grande tapete negro.

— O pai de vocês foi embora procurar emprego.

Falou sem mais explicações e seguiu para a cama. Na televisão, o programa em que o telespectador ligava para decidir qual final da história gostaria de assistir. O final gravado de antemão. Ela não nos mandou dormir. Esqueceu. Não se importou. Ficamos em silêncio em frente à televisão, donos de toda a sala e do controle remoto, como se fôssemos os adultos da casa. Cada um responsável pelo próprio caminho.

Eu nunca tinha podido ficar até tão tarde na televisão. Assistia TV de madrugada em dias de festa ou escondido, depois que estavam dormindo.

Meu irmão foi dormir.

Minha irmã foi dormir.

Fiquei vendo televisão até três da manhã. Era o dia mais feliz de minha vida.

*

A partir daquele dia, mainha se esqueceu dos filhos. Se antes a desculpa para a falta de carinho seria o jeito de ser, a forma que tinha sido criada, e não

seu sentimento autônomo, poucas desculpas sobraram para defendê-la.

Desde pequena teve uma vida difícil. Era a mais velha de sete irmãos. Assim, durante a infância e adolescência, teve que ser mãe sete vezes. Acho que quando nascemos, não tinha mais paciência para ser mãe, o que sempre fora. Vivendo isolada no meio do mato, os parâmetros para ser eram minha avó e os animais, o que pouco fazia diferença. Era um ambiente de pura sobrevivência, o carinho cedia facilmente à violência. A violência era a forma de se impor e resistir.

Minha avó havia sido basicamente dada ao meu avô. Não que ele fosse rico ou algo assim. Não, não. Era vaqueiro, e, quando casaram, foram morar nos fundos de uma fazenda. Uma pequena casa onde caberia facilmente aquele pouco amor entre os dois. O que rapidamente mudou: onde há miséria e dependência, os sentimentos se mascaram normalmente e pensa-se estar apaixonado, porque é o certo a se fazer. Por isso que o amor de voinha ao meu avô era cheio de impropérios, brigas pela manhã e juras de se viver juntos até a morte, assim que se deitavam na cama. A incoerência era a massa que dava liga na relação dos dois. Era forma de mantê-los vivos em sua insignificância perante o mundo. Voinha em qualquer oportunidade o acusava de traí-la e ele ria. Era o papel dele: ter outras mulheres. E o dela era fingir um orgulho ferido. Gritava, xingava e seu papel se cumpria. Não havia a mínimo intenção de se separar. Nem opção era. Deus os unira e a morte os separaria. Essa era a ideia de amor. Quem sou eu para dizer o contrário. Talvez isso seja o amor: deus e a morte unindo duas pessoas.

Em meio a essa incoerência, mainha nasceu. E, antes que houvesse outro parágrafo, veio outro e outro e outro irmão. Não houve tempo para que fizesse dela uma pessoa, criar-se uma personalidade, dar um significado ao nome que carregava. Os outros que foram nascendo se misturaram como se fosse um único corpo, eram um único corpo, uma misturada amorfa despersonalizada. Alguns morreram em pouco tempo, três na verdade, o que pouco significava. Afinal, no próximo ano havia outro e outro e outro. E esse era o significado de família para eles: ligados e unidos pela despersonalização e não por algum sentimento. Qualquer sentimento era banal diante de uma instituição tão sólida quanto aquela família numerosa.

Mainha ensinou às outras crianças mesmo sem ter estudado muito. Precisavam andar quilômetros e quilômetros a pé para chegarem à escola. E dava-se preferência para que os homens estudassem. Então, ensinava o pouco que sabia e quando eles a superaram, não seria mais necessário que ela fosse

para a escola. Ficou ajudando voinha nos afazeres, afinal, era mulher e a mais velha: era sua responsabilidade.

Nunca se opôs. Nunca achou que era errado. Lembro quando eu era pequeno e mainha disse para eu não estudar tanto, que era uma besteira, éramos pobres e continuaríamos pobres. Me opus: eu ia estudar muito e deixar aquela cidade, aquela pobreza e ela também. Não respondeu. Percebi que nunca tinha sido sequer sugerida aquela possibilidade. De se tornar algo diferente do que haviam determinado. Como vingança, vez ou outra dizia de diferentes formas que essa minha ganância me tornaria uma pessoa muito infeliz. Não sei se previa meu futuro ou jogava uma praga ao perceber em mim a possibilidade de vida que não teve. De qualquer forma, ambos estávamos certos e igualmente infelizes, no passado, no presente ou no futuro.

Apesar de ter sido prometido a ela e aos outros filhos, a pobreza eterna, as outras irmãs logo casaram com homens mais abastados e se foram. Os filhos homens desenvolveram negócios próprios e se foram. Ela se viu como no início, sozinha junto à minha avó. Não havia mais irmãos-filhos para criar então seria criança de uma vez por todas. Mas o pequeno espelho de bordas laranjas, ao lado de fotografias pintadas de outras gerações, revelou que era tarde demais. Tinha que seguir rápido antes que se transmutasse em sobra.

Foi então que conheceu meu pai. Não tinham sido prometidos um ao outro, o que tornava a relação mais difícil de se concretizar. Acho que quando ele propôs ela em casamento após um rápido namoro, simplesmente decidiu que deveria amá-lo e respeitá-lo e formarem juntos uma família. Ela o amou por um decisão.

E tentou repetir a mesma violência e desamor a que estava acostumada à nova vida mesmo sendo desnecessário. Os tempos eram outros, o marido era outro, ela não era casada com o frio e traidor do meu avô, mas não percebeu. Pariu três filhos em sequência mas cada um tinha sua personalidade. Não éramos uma massa amorfa. Ela percebeu. Minha mãe nunca esteve preparada para ser mãe apesar de ter sido a vida inteira. Nunca esteve preparada para ser esposa. O mundo preparou minha mãe para continuar na roça criando seus irmãos e cuidando de minha vó. Quando eles não precisaram mais dela, o mundo esqueceu de oferecer um plano B. Ela nunca descobriu qual era a alternativa.

Fingiu viver a alternativa. Mesmo sem sorriso ou felicidade, continuou. Servia ao meu pai, nos servia. Manter a casa arrumada era manter a cabeça

ocupada. Sem pensar. Sem viver. No automático, sobreviveria.

Quando painho saiu de casa, ela não havia preparado outro plano falso de sobrevivência. Casamento era eterno, mesmo que com traições, gritos, bebida ou que viesse. Não saiu mais da cama. Encoberta com um lençol, não precisaria mais andar, comer, falar. Pensava que, se continuasse na cama, nos esqueceríamos dela. Torcia, na cama, deitada, para aos poucos deixar de ser mãe. Sem ser mãe, regrediria, e regrediria, seria uma criança, mesmo nunca tendo sido uma. Era sua chance de ser criança.

*

Minha irmã, além de irmã, passou a ser minha mãe. Quer dizer, eu era um pouco mãe dela também. Ela estudava pouco, mas tentaria o vestibular que estava chegando. Sabia que, se fosse aprovada, meus tios a ajudariam a viver na capital. Então enfrentaria os livros e apostilas para ter uma mínima liberdade e namorar quantos meninos quisesse.

Quando tocava o telefone, logo atendia, e, se fosse painho, desligava. Antes da Grande Crise, provavelmente, era a que mais amava ele. De verdade. A fuga dele foi sua primeira traição masculina de tantas.

Minha irmã tinha dedo podre para homens. Preguiçosos, feios, burros. Não sei o que a atraía neles. Ou não fazia questão por características boas: o que importava era ter carinho e sexo, mesmo que provisórios. Ela sofria rapidamente por um término, mas logo estava caindo de amores por outro. Se mainha se afundava nas promessas de eternidade, minha irmã navegava na urgência do prazer constante, ainda que passageiro. Haveria prazer na próxima esquina.

Eu morria de medo de álcool e cigarro por causa de painho. Não queria ser como ele. Já minha irmã fazia questão de beber. Mesmo quando painho ainda estava em casa, ela chegava e eu reconhecia a voz arrastada. Eu a protegia, dizia para ir dormir, que se dormisse ninguém iria notar. Ela ia. Confiava muito em mim. Dormia, e, se minha mãe estranhava, eu inventava que ela estava cansada, alguma mentira, tirava o foco. Se sentia cheiro de álcool, eu dizia que era de painho. Cheiro de cigarro? era de painho.

Por que ela não tinha medo de se tornar meu pai? Transformou-se noutra de qualquer forma, mas me pergunto como desde cedo sabia que mesmo fazendo o mesmo que ele, enveredaria num caminho diverso. Que num certo momento conseguiria parar e decidir ser mãe e esposa. Ao contrário de mim, que quis me distanciar do comportamento dele e, aos poucos, fui me

afundando nos mesmos e mais pesados vícios. Talvez fosse genético. A sombra que ele carregava dentro de si, fora dividida apenas comigo.

Ela tinha quase dezessete anos, mas ainda escrevia no diário. Não trancava mais com cadeado. Quando conversávamos, pedia conselhos, continuava pedindo, já era claro que eu lia, ou devia ter lido as novas anotações para ajudar com mais facilidade nos seus problemas. Os namorados iam se empilhando em páginas sem importância, as amigas intercambiáveis como simples acessórios. Nunca escrevia sobre painho ou mainha. Me perguntava se aquele assunto não a afetava ou se queria evitar. Ela pensava pouco, o que hoje invejo.

Para minha surpresa, passou no vestibular. Fiquei feliz por ser a primeira da família a fazer faculdade, mas, ao mesmo tempo, fiquei com raiva. Mesmo sem estudar muito, tinha conseguido. Não merecia. Os prêmios deviam vir para aqueles que se esforçam. Só namorava. Sim, era um curso mais fácil de passar, mas, antes de mim, ela teria uma vida de liberdade na capital. Nem estudar ela estava pensando. Lá, sem amarra nenhuma, apenas se divertiria. Na conta derradeira, fiquei triste porque perderia minha única amiga.

Quando ela se foi, deixou os diários para trás. Eu os lia e relia para ter a presença dela de novo na casa. Ela telefonava pouco. Mesmo quando ligava, evitávamos nos falar muito porque custava caro a ligação. Voltava pouco para a cidade, mas, quando chegava, visitava as amigas, saía, aparentava ter ficado mais velha uns dez anos em um. Madura. Distante de mim. Não me tratava mais como amigo, mas como irmão, mesmo. Ela era minha irmã mais velha e eu o caçula. Queria muito saber o que ela fazia. Como era viver na capital. Como era chegar bêbada em casa e ser desnecessário se esconder. Como era ter namorados de uma noite e dormir depois sem culpa.

Foi quando, na impossibilidade de continuar tendo minha irmã, escrevi novos diários para ela. Comecei no primeiro que largou incompleto. Escrevi como tinha sido o dia dela, seus temores. Tentei manter sua mesma forma de escrever e pensar o mundo. Me atentei à curva da personagem, um pouco já mudada. Em pouco menos de um mês, o diário acabou e recomecei noutro caderno. Os cadernos foram se sucedendo na minha tentativa de continuar acompanhando a vida de minha irmã, e de alguma forma ajudá-la, fazendo com que ainda precisasse de meus conselhos e minha amizade. Às vezes eu fingia: pegava o diário escondido, lia como se fosse uma novidade, como se eu mesmo não o tivesse escrito, e ficava surpreso, chocado, feliz e com raiva do que estava escrito. Ela havia ido longe demais! Se mainha soubesse! e

escondia o diário para que não percebesse. Ela nunca percebeu.

Quando ela voltou numas das férias, ainda mais madura, sem me contar nada, sem me fazer confissões, nem precisar de meus conselhos... entendi que ela estava diferente daquela que eu escrevia. Havia extrapolado meu arco de personagem. Deus se vingava de mim, jogando na minha cara ser melhor escritor que eu. Aquela irmã dos diários não existia mais e eu continuaria só. Um dia me perguntou sobre os diários dela, respondi que não sabia. Eu havia queimado dias antes.

*

Meu irmão odiava painho. Nem sempre foi assim.

Os pais normalmente têm um filho preferido, mas nunca senti isso em casa. Se claramente mainha era apaixonada por minha irmã, por ver nela a possibilidade de ser o que nunca foi, meu pai tratava os três de igual maneira. Nada dele era exagerado, ou superamoroso mas o contrário também não. Nunca batia e até nos defendia quando mainha era violenta. Meu o irmão o venerava.

Acho que meu irmão tinha meu pai como herói mais pela imagem idealizada do que pelas qualidades reais. Colocava a comida na mesa, era o esteio da família, o homem da casa. Frases feitas que ele devia ouvir dos outros e ter encaixado a quem cabia em nossa formação familiar. Obviamente era uma ilusão fadada a evaporar. No dia em que painho quebrou a casa, sua única qualidade, a não violência, escorreu pelo ralo e meu irmão acordou.

Disse que se acontecesse de novo ia bater nele. Se encostasse em minha mãe o mataria.

Ele começou a trabalhar aos catorze anos. Questionava mainha se queria algo. Comprava o que precisava para casa. Trabalhava pela manhã, estudava à tarde, e muitas vezes à noite trabalhava mais. Ganhava uma mixaria mas sentia desde cedo a dignidade que os adultos sentem. Quando me via estudando, me criticava, dizia que eu era preguiçoso e mimado. Não sei se ele sentia de mim a mesma raiva que sentia de painho, se chegava a ser o mesmo ódio, mas evitava falar comigo cada vez mais.

Quando éramos pequenos, na casa de minha avó, abriu uma das gavetas do meu tio e achou um revólver. Apontou para mim. Era brincadeira. Corri chorando. Mainha reclamou mas não bateu nele. Era brincadeira. Ao meio dia

meu tio chegou para o almoço e reclamou, disse que a arma estava carregada, mas não bateu nele. Era brincadeira. Ele deve ter pedido desculpas, devo ter aceitado. Eu aceitei ter sido brincadeira dele, mas chorei embaixo do chuveiro por uma semana cada vez que entrava no banho.

Quero acreditar que meu irmão nunca me odiou, mas a vida dele teria sido mais fácil sem eu por perto. Se tivesse me matado numa brincadeira, teria tido uma vida mais fácil.

Ele me batia às vezes, muitas poucas vezes. Me bater seria ter contato comigo, e isso, ele evitava a todo custo. Numa vez, discutimos e acertou um murro na barriga, um chute na perna e antes que me machucasse de verdade, me joguei no chão. Me debati e babei. Fingi desmaiar. Lembro que ele se ajoelhou no chão, mexeu em mim, perguntou se eu estava bem. Decidi punilo. Continuei de olhos fechados, controlando a respiração. Enfim, ele conseguiu me matar.

Junior, Junior,

ele repetia. No que pensou? Talvez diante de minha morte tenha se arrependido e me amado pela primeira vez. A morte faz milagres. O portão fez barulho, era meu pai chegando. Ainda de olhos fechados, ouvi ele correndo para painho dizer que eu havia morrido. Quando os dois voltaram para o quarto, eu estava sentado lendo na cama. Eu era uma criança maldita, tenho que admitir. Meu irmão nada falou. Depois desse dia, nunca mais me bateu.

Uma das memórias mais antigas que tenho com ele e painho é numa festa do dias dos pais no colégio. Tiveram a bela ideia de colocar na cabeça das crianças sacos de papel com furos nos olhos. Tocaram uma música e fomos nos misturando. Ao fim da canção, cada pai teria que encontrar seu filho. Painho reconheceu logo meu irmão, mas a mim não. Entre umas cinquenta crianças, fui o único a não ser reconhecido pelo próprio pai. Eu chorava, mas painho apenas ria. Talvez tenha sido aí que tomei a decisão de ser melhor que meu irmão. Talvez tenha sido aí que meu irmão pensou que era o preferido de painho e, em recompensa, iria tratá-lo como herói. Talvez tenha sido aí que meu pai entendeu que, mesmo antes de ir embora, era feito de ausência. Nunca conseguiria tirar o saco de papel de nossas cabeças. Nunca nos reconheceria.

Depois de um tempo, meu irmão também passou a odiar mainha. Ela ainda atendia os telefones “daquele homem”, não procurava outro, se recusava a se separar, não saía da cama. Era uma não-mulher. Uma não-mãe. Ela que o

permitia trabalhar enquanto não me obrigava. Me deixava estudar, eu era o preferido, enquanto ele era um burro de carga. Decidiu dormir no quarto rosa de minha irmã para me evitar. Saía cedo, voltava para dormir. Deixava dinheiro na mesa como prova de que era o homem da casa.

Também se foi. Antes do vestibular, se inscreveu numa escola técnica da capital e conseguiu uma vaga. Mainha disse que não teria como dar dinheiro para ele, e nem seus tios iriam apoiar, então conseguiu um trabalho lá enquanto estudava. Dividia apartamento com muitos outros, gastava somente o necessário para viver. Sem festas, sem álcool, regrado. Sempre foi muito regrado. Meu quarto sem ele estava uma bagunça mas o dele no meio de um cortiço devia estar reluzindo à limpeza e organização.

Meu irmão era cheio de ódio e força. Tinha medo do que tanto ódio faria nele, mas por sorte usou de uma forma construtiva e não destrutiva. Ligava para perguntar se precisávamos de dinheiro mas pouco nos visitava. Mesmo quando vinha, ficava apenas um dia, despendendo as horas visitando os amigos, nem dormia em casa. Mesmo apenas um ano mais velho que eu, parecia anos e anos mais velho e maduro.

Nunca consegui odiar o meu irmão. E cada vez mais que ele se distanciava geograficamente de mim, mais eu tinha permissão para gostar dele.

*

Eu estava sentado no chão do quarto, procurando um trabalho que fizera há mais de dois anos no colégio. Um dos livros havia sido adotado no vestibular, então procurei o trabalho que fiz sobre ele. Depois de vasculhar um pouco a caixa, achei. Estava datilografado, menos a capa que eu gostava de fazer com minha letra bem redonda. Muitos de meus colegas tinham computador, eu não, então usava uma Olivetti presenteada por uma tia (após ela comprar um computador, obviamente). Li esse livro antes de painho sair de casa. Éramos seis. Lá em casa somos em cinco. Éramos cinco. A história se aproxima tanto que penso que o livro possa ter servido de roteiro para aqueles meus últimos anos, onde um a um foi dizendo adeus àquela casa, a mim. Sobrou eu e minha mãe, mesmo que cada vez mais ela fosse uma lembrança do que foi, em cima da cama.

O telefone tocou, atendi, era painho. Conversávamos, mas nunca tínhamos muita conversa. Ele perguntava se estava calor, eu dizia que sim, e aí, aqui não, aqui está frio, está bem?, sim, e o senhor, também, e a conversa rastejava

nesse círculo infinito de que se perguntam obviedades sem se aprofundar. Não por falta de interesse, mas por medo. Se aprofundássemos os assuntos, ficaria claro que nem um nem outro resolveria os vários problemas que cada um tinha. Um “tudo bem” bastava. Perguntou por mainha, e dessa vez não respondo automaticamente. Mas digo que está bem. Ele sabendo a regra do jogo, evita perguntar além disso. Dá tchau, digo tchau. Desligo o telefone.

Painho chegou à minha cidade quando era criança. Era um menino que vivia na rua, jogando bola, soltando pipa, correndo descalço pelas ruas de barro. Conheço pouco os pais deles, meus avós. Moravam na mesma cidade, a cerca de dez minutos a pé de casa, mas raramente os via. Mainha os odiava, eles odiavam mainha, de forma que boa parte da infância e adolescência foi gasta tratando minha vó como uma bruxa. Quando aparecia, trazia uma sopa de jiló que mainha jogava no lixo assim que ia embora. Jiló é a única comida que não gosto. Mainha contava que uma vez disseram ter visto num terreiro de candomblé a foto dela e de painho no casamento. Na boca de um sapo. Era por isso que ela vivia nesse inferno. Noutra vez, contou que vovó jogou praga: nós seríamos bicha ou puta. Bateu nos peitos: não daria esse gosto para ela. Nossa família era amaldiçoada por causa de uma sogra bruxa e tínhamos que ser fortes. Às sextas, ela vestia preto e isso era a prova que precisávamos para odiá-la.

Nunca vi painho defendendo a própria família, apesar de visitá-los constantemente. Quando voltava, mainha repetia: já foi lá, né. Às vezes davam dinheiro para ele. Às vezes mandavam algum trocado pra gente. Nas poucas vezes que eu os visitava, vovó me chamava para um canto e dava dinheiro escondido. Quando precisei de dinheiro para uma festa da escola, pedi dinheiro a ela. Fez questão de que mainha soubesse. Mainha me bateu e tive que devolver o dinheiro.

Nunca vi painho lendo. Tinha estudado muito pouco e sabia ler e escrever o básico. Trabalhava desde pequeno e o que sabia havia aprendido na prática. Parecia esperto, aprendia rápido. Quando chamavam para pintar uma parede, cobrir um reboco, ele topava. Como pagamento pedia só “uma cachacinha”. A maioria das pessoas gostava dele. Era conhecido. Quando eu queria dizer quem eu era, bastava dizer que era filho dele.

Em todas as fotos de nossa infância, ele está sorrindo. Todas. Eu, que procuro a todo custo o motivo para a felicidade dele em cada foto, titubeio. Lembro dele risonho. Mesmo nos tempos difíceis, ria, sorria, gargalhava. Não lembro dele chorando. Tento forçar a memória e nada. Mesmo há pouco no

telefone: senti entre palavras que estava sorrindo.

Talvez, ao perder o emprego, se entregar à bebida, ele estivesse triste, mal, muito infeliz. Mas a vida de risadaria anterior a isso ensinou a sorrir. Assim, ele saiu dali tentando fugir de tudo para recomeçar. Tentar sorrir de novo com motivos.

Todo dia lembrava dele. Desde o dia que saiu de casa, aumentou cada vez mais sua presença em minha vida. Queria às vezes deixá-lo de lado, odiá-lo como faziam meus irmãos, mas não consegui. Painho toda manhã saía do banheiro, acarinhava minha cabeça e se despedia. À tarde, ouvia os risos dele na esquina vindo para casa. Vez ou outra jurava ouvir os passos de seu sapato social pelo chão.

Guardei o trabalho sobre o livro, fechei a caixa. O telefone tocou outra vez, e devia ser painho que esqueceu de dizer algo, avisar algo. Corro e atendo. É minha tia. Pergunta se estou bem, digo que sim, diz para não ficar com medo, nem preocupado, e minha mão começa a suar e tremer. O que terá acontecido, algo com minha avó? meus outros tios? Antes que o mistério se avulte, ela diz que mainha está na casa de minha vó, em Garças, minha vó está cuidando dela, por isso não está em casa comigo. Desde que cheguei da escola, fiquei estudando, nem percebi que mainha não estava. Ela cada vez estava mais quieta e silenciosa, mal saía da cama. Dessa vez saiu. A última a fugir. Minha tia antes de se despedir diz que se eu precisasse de algo era só ligar, que mainha logo estaria boa e voltaria para casa. Desligou.

Ao meu redor a casa está escura e silenciosa. Todos mundo foi embora e eu fiquei. Eu sobreí. Sou o resto de uma família que nunca deu certo.



O professor estava em sala de aula, mas os alunos fingiam nem notar. Continuavam conversando, com as cadeiras viradas, uns se beijavam, outros gritavam. Uma menina de minisaia jeans fazia as unhas. Outra se maquiava. Um magrelo vestido com roupa de skatista, apesar de nunca ter andado de skate, contava para quem quisesse ouvir com detalhes como tinha comido a vizinha no dia anterior. Se fosse quando eu estudava no colégio de freiras, essa imagem teria me parecido impossível. Mas, por um tempo, foi minha realidade.

Sem titio, sem dinheiro do meu pai, com meus irmãos morando fora, não sobrou outra opção senão estudar no colégio público. Me senti traído pela vida: meus colegas que estudavam pouco ou nada, foram estudar em Frederica, em colégios bons, e iriam passar no vestibular. Eu apodreceria ali.

O primeiro dia foi um choque, o medo de adentrar um lugar novo, com pessoas desconhecidas. Pareciam mais velhas que eu, usavam um linguajar, um andar diferente. Possuíam uma desenvoltura que eu me perdia, falavam de sexo, bebedeiras, fumavam escondido e outros nem escondido.

Ao mesmo tempo, se a professora loira trintona pedia para um deles ler um texto em voz alta, catavam as palavras como se os livros estivessem escritos em alemão. Escrever qualquer tema num parágrafo se aproximava de uma tortura. Só de ouvir a palavra redação, ralhavam com o professor tal qual um carrasco. Cálculos, então, nem pensar. Estar entre eles fazia me sentir a pessoa mais inteligente do mundo.

No primeiro intervalo, tomei cuidado para não falar recreio. Evitei sair da sala, continuei na minha cadeira e abri um livro. Uns olharam me julgando: eu era um boçal querendo ser melhor que os outros. Outros enxergavam um extraterrestre, um bom extraterrestre. Para mim era apenas um livro, conhecido desde a infância e nada estranho. Mas decidi não mais ler em sala. Aos poucos também evitava ler em casa. Tinha muita matéria para estudar. Era melhor deixar a ficção para outra hora.

— Você vai para festa hoje à noite?

Minha nova amiga perguntou enquanto me abraçava. Seria na rua, uma banda de forró no aniversário de Pedra Bonita. Dificilmente eu saía. Não tinha roupa, me sentia feio, muita espinha, muito magro. Usar farda me

ajudava na camuflagem entre eles. Sem farda, com roupas comuns, dariam conta dos segredos que eu escondia tão bem.

— Mainha não deixa.

Usava a desculpa “mainha”. De certa forma, era verdade. Depois do sumiço dela, um mês na casa de minha vó, voltou mudada. Saiu da cama diretamente para a igreja. Participava do coral, do grupo de jovens e adultos, dava catecismo, grupo da crisma e qualquer atividade que aparecesse. Me pedia a benção todas as manhãs, mandava eu ir para igreja, ignorando meu anúncio formal de ateísmo anos atrás. Dizia que não pariu filho ateu. Insistia para eu ficar afastado das tentações do mundo.

Poderia continuar rebelde como fui, dizer que me negava a obedecê-la, que sim iria sair e me divertir. Mas não queria. Mesmo sem acreditar em deus, continuei me podando. Estava feliz por vê-la saudável. Evitava retrucar, deixei a rebeldia de lado, decidi ser um bom filho. Era a forma de recompensar a ausência de pai. Além de que, sair de casa fora do horário da aula, era um risco de embrenhar em caminhos perigosos. Meus mantras desde o momento em que eu acordava: estudar para sair de minha cidade, morar na capital, ser gente.

Foi um período complicado. Eu que sempre me senti desencaixado, estava no lugar que me fora reservado desde o nascimento: entre pessoas pobres como eu. Mas por ter me habituado noutro círculo social, cuidei da minha forma de falar e estudei mais que os outros para me sobressair. Em vão. Me enxergavam como um intruso. Eles estavam na capital, entre ricos como eles, e eu ali. Enfim, em meu próprio habitat, mas também sem ser reconhecido.

Com o tempo, fui aceito, mesmo que parcialmente. Tinha as meninas que me defendiam quando os meninos implicavam comigo. Implicavam mais por eu ser inteligente, e por elas viverem ao meu lado, do que por causa do meu jeito.

Aos 17 anos, tinha deixado para trás meus trejeitos, mantinha minha voz grossa. Não inconscientemente. Estava atento a cada detalhe que me tornava igual aos outros. Nunca me chamaram de bichinha, viado, nada disso. Eu não era. Nunca tinha nem encostado num homem. Nunca encostaria.

— Alguém aqui conhece alguém que morreu de AIDS?

O professor de redação perguntou na aula. Aquela palavra tomou minha atenção num segundo. Todos riram. Tive a impressão que ele olhou diretamente para mim. Não, não olhou. Ri de nervoso junto aos outros, sem

saber por que riam. Sentia meu rosto quente e vermelho de vergonha. Tinha que me recompor, senão descobririam.

— Do que estão rindo? É um assunto sério. E pode ser o tema da redação.

Dessa vez, olhou diretamente para mim. Por que me encarou? Sabia de titio? Notou que eu era gay e por isso eu também deveria ter AIDS? Mexi a cabeça, dizendo que não, não conhecia ninguém, como se fosse a primeira vez que ouvia aquela sigla. Ele se impacientou com o burburinho da sala e, em voz alta, listou nomes de atores, cantores, pessoas conhecidas que haviam morrido de AIDS na década passada e agora no início dos anos dois mil. Era isso. Questionava sobre qualquer pessoa e não sobre minha família. Voltei a respirar. Meu disfarce continuava incólume.

Há tempos não lembrava de titio. Fazia anos de sua morte. Da carta dentro do livro. De quando percebi que guardava um pouco dele dentro de mim. Não sei quando deixei de me orgulhar dele, mas essa foi a primeira vez que neguei a sua existência.

*

Na saída do colégio, o sol tentava derreter nossas cabeças. Voltávamos em bando e era inesperadamente divertido. Cantávamos, ríamos um dos outros, e de outros. Tinham uma vida muito parecida com a minha, mas contavam das bebedeiras dos pais, da violência de casa, do dinheiro escasso de uma forma leve de quem desconhece outra forma de viver. Eu gostava muito deles. Pedia para estudarem, para irmos juntos à capital, mas respondiam ser impossível. Além de ser uma bobagem: eram felizes ali, eram e seriam aquilo, tinham nascido ali e ali morreriam. Às vezes, ficava com raiva deles e brigava, dizia que eram acomodados. Queria que entendessem que havia formas sim de mudar.

Minha amiga seguiu na frente como se estivesse desfilando, bem exagerada, enquanto a outra cantava “tan tanran tan tanrantam”. Tinha visto nessa semana o clipe dessa cantora americana que dizia estar loucamente apaixonada. Os trejeitos dela me lembraram Douglas da minha rua. Nunca mais tinha visto ele. Disseram que tinha ido ser travesti na Itália.

Comentavam sobre a festa de hoje à noite, da roupa que iriam vestir, de quem iriam pegar, de quem era galinha, quando perto da pracinha vi um rosto conhecido. Andei devagar. Sim, era ela. A ruiva que eu tinha conhecido ainda no outro colégio e desde então se enraizara na minha cabeça. Vez ou outra a

via na cidade, conversávamos, mas ela não me notava como eu gostaria. Tentei me afastar um pouco dos meus amigos para que ela não me visse andando com eles e para que eles não descobrissem que eu gostava dela.

— Lá está tua chatinha.

— Quem?

— Tua ruiva besta.

Fingi ter visto depois que falaram e fui na direção dela. Eles seguiram para casa.

Estava ainda mais bonita. Os cachos ruivos cederam a um cabelo liso com as pontas pretas. Os olhos estavam mais amendoados com as bordas marcadas de preto. Vestia uma calça jeans baixa que deixava a barriga de fora. Parecia uma atriz de Malhação. Ou a cantora novinha que fingia ser skatista.

Ao me ver, correu e me abraçou. Dificilmente via a prima dela, que era minha amiga antigamente, e tinha nos apresentado, mas perguntei por ela para puxar assunto. Fingi ouvir, enquanto imaginava o que fazia ali, se não era época de férias ainda. Devia ter vindo por causa da festa de aniversário da cidade.

— Tenho uma novidade. Vou morar aqui.

— O quê?

Ela explicou que o pai ia se candidatar a vereador na cidade e tinha que morar um tempo na região. A escola da capital não era tão boa quanto diziam, o pai preferia que estudasse perto da prima, ficasse longe da agitação. Falou que se eu quisesse, estudaríamos juntos para o vestibular.

Era um sonho se realizando. Desde que a conheci, me guardei para ela. Nunca tinha beijado ninguém. Me prometi que daria o primeiro beijo nela, namoraria, casaria e teríamos filhos. Nunca cedi no meu plano. Enfim, ela estaria perto de mim. Era minha chance.

Fiquei sem saber onde colocar as mãos, o sorriso, querendo conter a felicidade, não querendo que ela descobrisse que estava apaixonado, segurando o tom das palavras, não queria assustá-la, era feio e não ia me querer, catucando as espinhas do meu rosto, seria bom tê-la por perto. Perguntou se eu não tinha gostado da notícia. Disse que sim, sim, e tentei mostrar alegria para não magoá-la, e sorri, mexi as mãos como um idiota e nossa, como era difícil lidar com sentimentos.

Nos despedimos, tinha que ir para casa almoçar e estudaria à tarde para o vestibular. Ela ia à festa da cidade a noite e perguntou se eu iria.

— Vou sim — respondi.

Quando nos despedimos, o carro do som do supermercado tocava a música que vivia nas rádios, “já sei namorar, já sei beijar de língua agora só me resta sonhar”. Continuei andando, sem olhar para trás, para que ela não visse minha cara vermelha de vergonha.

*

Eu não sabia o que fazer. Ao chegar em casa, o almoço estava posto. Comi sozinho com mainha, como fazíamos nos últimos meses. Minha relação com ela havia entrado num equilíbrio: éramos as sobras, e, por sermos da mesma matéria, nos entendíamos. Sem espaço para rebeldia ou maledicência. Ela me tratava como filho, mesmo sem saber o que realmente significava. Eu a tratava como mãe, algo que há tempos ansiava e aprendera em livros e filmes. Dava uma atenção e amor que havia guardado. Fazia bem aos dois.

— Hoje tem a festa da padroeira — falei como se não me importasse.

— Coloca mais feijão.

Mainha tinha um problema para ouvir. Não estava fingindo, ou tentando fugir do assunto. Realmente tinha dificuldade de sair da própria cabeça e deixar seus sentidos abertos ao ambiente.

— O pessoal do colégio vai, e me chamou.

— A Igreja vai ter uma barraca vendendo comida.

Em vez de comentar o que eu falo, prefere falar de si mesma. A Igreja é ela. Ela estará na barraca da igreja vendendo comida. Não estará em casa. Nossa comunicação era feita de buracos que iam sendo acomodados e preenchidos pelo raciocínio lógico. Mainha dizia que saberia na hora. Que odiava antecedência. Que só deus sabia o dia de amanhã e muitas vezes os próximos minutos. Deixando nas mãos do acaso, ela desistia de qualquer expectativa de vida. E o que viesse estava bom.

Então eu iria para festa?

Estava tão certo que ela negaria minha ida, faria alguma chantagem emocional, o perigo da bebida, alguém com uma seringa no meio da festa, um bêbado que quebraria um garrafa e acertaria meu olho, me deixando cego, que estava despreparado para o sim. Não tinha roupa, não tinha jeito, aprendi nenhum passo de dança, onde se coloca as mãos? Poucas vezes tinha saído à noite. Nego aniversários desde os sete anos de idade.

No antigo colégio, uma mãe convidou nossa sala para a festa de seu filho.

O filho, mimado e rechonchudo, me procurou na hora do recreio. Não era para eu ir. Eu era pobre. Esse motivo fazia muito sentido na minha cabeça. No dia da festa, mainha havia comprado uma roupa para eu ir. Olhei, e sabia que era uma roupa de pobre. O menino estava certo. Eu não queria dizer isso a minha mãe. Preferi esconder que nosso disfarce havia sido descoberto. Descobriram que não éramos um deles. Então, acostumado a ter aquelas dores na barriga, tonturas, fingi na cama o dia inteiro estar doente. Ela não insistiu. Guardaria a roupinha para outra oportunidade. Nunca surgiu nova oportunidade. A roupa ficou pequena e outra nova não foi comprada. Eu escondia os convites, inventava desculpas.

Estava em outro colégio, outras companhias. Eles eram como eu, não havia o que temer. Mas a menina de quem eu gostava, aquela com quem, cinco anos antes, decidi que iria me casar, estava vindo definitivamente para minha cidade. Próxima a mim, iria descobrir minhas roupas pobres que a farda escondia. À noite, minhas espinhas iriam ficar mais aparentes com a luz do parque de diversões. Se me chamasse para dançar, iria tocar minha magreza, minha falta de jeito, minha coluna torta. Hipocifoescoliose.

Sem conseguir estudar durante à tarde, torci para que mainha viesse a meu quarto e me proibisse de ir, que sentira algo, pressentira, melhor ficar em casa seguro. Eu fingiria decepção, mas aceitaria sem relutar, afinal, era seu filho que sobrou e nunca diria o contrário dela. Ela não veio.

Paralisado pelos poréns, me sobrou a punheta. Me masturbava da mesma forma que fazia aos treze anos. O mesmo menino que dividia o quarto sem portas com o irmão. Estava só, mas mainha podia entrar a qualquer momento no quarto. Ao mesmo tempo que tentava me livrar da tensão da expectativa da festa a noite, havia o medo que ela entrasse e se defrontasse com minha obscenidade.

Me deitei de bruços. Um lençol me cobrindo e outro abaixo roçando. Tentei pensar na menina ruiva, mas veio a imagem do galã da novela das nove. Não via mais filmes eróticos, nem revistas, mas lembrei das imagens das bundas de homem. As imagens do passado que vinham eu tentava esquecer, e me masturbei sem pensar em nada, apenas o roçar pelo roçar. Quando estava prestes a gozar, parei. E recomecei, tentando procrastinar o prazer. Mais uma vez o homem nu, e eu tirava ele de minha mente. Quando ouvi os passos de mainha, parei e fingi dormir. De olhos fechados, fiquei atento, se ela saía, se estava por perto. Quando me senti seguro, voltei. Durou horas. Durava horas. Por horas, eu esquecia meus problemas. Por horas, vivia

entre a tensão e o gozo.

Eram quase seis da tarde, o sol já tinha ido embora quando consegui gozar.

Minha cabeça doía, meu pinto estava vermelho e inchado. Tive medo de tê-lo machucado. O prazer havia sido tão rápido. Me sentia culpado por ter gastado a tarde inteira fazendo isso. Devia ter estudado. Estudava tanto e atualmente estava tão relapso. Ia acabar não passando no vestibular. Estava ferrado. Preso naquela cidade, naquele quarto sem porta me masturbando que nem um doente.

Mainha chamou para jantar e me apressar. Sairia com ela para não descer sozinha para a rua. Estava um pouco tonto. De tempos em tempos, sentia meu corpo flutuar. Fora de mim.

— Deve ser fome.

Era seu diagnóstico. Devia ser. Sentei e comi e aos poucos passou. Fui esquecendo a tarde improdutiva, e pensando que devia sair, tomar um ar, ver meus amigos, ver ela. Ela. Hoje eu daria o meu primeiro beijo.

*

A festa remexia os paralepípedos da rua. Tinham montado o palco em frente à igreja. Perto, um coreto e uma pracinha, onde instalaram o parque sucateado. Uma roda gigante, nem tão gigante, carrinhos de bate-bate, uma superminimontanha russa. A festa se estendia por esse território cheio de pessoas da cidade, das cidades vizinhas, dos sítios próximos. Era a festa mais esperada do ano. Vestiam-se com as melhores roupas, de preferência compradas especialmente para esse dia.

Passei em meio ao povo, procurando. Ela demorava a chegar. Dei mais umas voltas e encontrei meus amigos. Fiquei aliviado em encontrá-los. A cidade era pequena, mesmo assim, conhecia quase ninguém. Sempre em casa estudando e mesmo quando saía meus olhos insistiam em mirar o chão. Ficaram felizes ao me ver. Cada um com alguma bebida na mão. Me ofereceram, mas neguei. Mainha estava na festa, eu não gostava, achava amargo, foram minhas desculpas quando na verdade eu não queria ser igual ao meu pai.

— Ei!

Uma mulher parou em minha frente. Disse que me conhecia desde que eu era pequenininho. Nossa, como eu tinha crescido! Não lembrei bem dela, mas devia ser alguma conhecida mesmo. Falou de mainha, perguntou se painho

estava bem, disse que minha irmã era linda. Continuei sorrindo, mexendo a cabeça, tentando ouvir, apesar da música alta.

— E Heleno, como está?

Ela perguntou de titio. Mantive a cara de quem não está entendendo e ela continuou falando que ele era lindo, que o tinha conhecido em festas em Frederica, o encontrou uma vez na rua Augusta em São Paulo, morava lá né?, nunca mais o tinha visto, não voltava nas férias? Eu não sabia o que dizer. E tinha medo que ela dissesse que titio era gay, e meus amigos ao redor pensassem o mesmo de mim. Meu tio insistia em não ser enterrado mesmo após tantos anos.

— Acho que a senhora está me confundindo com outra pessoa.

Me encarou sem entender, querendo continuar a falar, sem saber o que fazer. Me afastei antes que insistisse. Dei voltas tentando perder ela de vista, e só quando me senti seguro voltei para perto de minha turma.

A primeira banda tocava e meus amigos se revezavam entre dançar e tomar cerveja ou cachaça. Eu não tinha dinheiro para uma coxinha, o que facilitava. Continuaram me oferecendo um gole e eu desacostumado a dizer não, disse sim. Era amargo. Como meu pai gostava daquilo? A cada pequeno gole meu rosto se contorcia, a boca tentava se fechar. A cada gole eu tinha certeza que nunca iria gostar daquilo que fez painho prisioneiro. Era um alívio. Já havia bebido noutras ocasiões, pequenas doses, e nunca senti vontade de continuar. O vício não devia atingir a todos. Talvez eu tivesse algo em meu organismo que não me deixasse viciado. Ou era pelo gosto, isso, devia ser o gosto mesmo. A cada gole lembrava disso e ficava feliz, rindo, que nunca seria como meu pai.

Longe pude ver a cabeleira ruiva dela. Linda. Dentre tantos, conseguia se destacar. Tinha um porte de princesa. Ao redor, os súditos pobres. Eu, feliz. Estava por perto e faria o que fosse necessário para que ela se apaixonasse por mim. Se me amasse, eu a amaria também e deixaria de vez os pensamentos pecaminosos para trás. Cada vez estavam mais para trás e em breve os esqueceria totalmente.

Quando ela chega agita a multidão

Ah, eu adorava esse forró. Todo mundo gritou e pegou alguém para dançar. Me ofereceram outro gole e tomei. Me sentia leve. Podia até dançar. Puxei uma das minhas amigas e rodopiei,

e eu de longe olhando o jeito dela, será que tenho chance de dançar com ela?

ri, ela ria, ríamos felizes dançando.

Nem sabia que podia dançar. Um amigo me deu mais um gole e eu dancei mais e mais.

chama a patricinha pra dançar

Puxei outra amiga e dançamos,

chama a patricinha pra dançar

ri, ela riu, rimos felizes.

Eu devia sair mais. Dançar mais. Tinha me prendido muito e nem sabia o porquê. Era jovem. Devia aproveitar minha juventude

— Olha o viadinho ali.

Quem falou isso? Olhei ao redor e meus amigos continuavam rindo e dançando. Alguém tinha falado isso de mim? Foi uma voz de homem, não um grito, era um cochicho, uma conversa que saiu mais alta, ou não, alguém queria que eu ouvisse.

Dançava, meu sorriso foi se desfazendo, procurando com os olhos de onde havia saído a frase. Me movimenteiei com mais cuidado, eu estava dançando muito solto, era isso, devia pegar minha amiga com mais força, se eu parasse de sorrir não deixaria tão na cara, como eles tinham percebido? eu era tão cuidadoso com meu jeito, não era mais o pirralho afeminado do passado, eu era um deles, como eles, era inteligente e tinha aprendido a me esconder perfeitamente.

— Você está bem?

Não estava. Ao redor as pessoas giravam mais rápido do que eu conseguia suportar. Parei um pouco segurando na mão dela. As barracas flutuavam, meus pés querendo sair do chão. Ela segurava minha mão me impedindo de voar. Eu tinha comido pouco, tinha misturado bebida, era só isso. Era só isso. *Viadinho*. Era só isso. Eles sabiam. Todos sabiam e me enganavam. Eu tinha que sair dali.

Corri, me afastando de meus amigos, sem querer empurrando as pessoas que iam surgindo em minha frente, do nada surgiam, e riam de mim, viadinho, um dizia, o outro dizia, e dançavam forró fingindo não terem dito nada, e não me deixavam seguir, e eu os empurrava, e minha cabeça doía, e minha cabeça rodava, meus pés estavam prestes a sair do chão, eu precisava sair do chão para encontrar ar e respirar

meus pés não tocavam mais o chão, e aos poucos fui subindo, subindo. Ninguém notou, continuaram dançando forró. Em cima, consegui respirar ar puro. Sobrevoei a festa. Estavam feliz sem mim. Eu não fazia a mínima falta

para eles. Eu não era um deles.

Continuei voando, me afastando das luzes, do parque de diversão, a música foi ficando para trás. Sobrevoava as ruas vazias. A cidade era tão quente, mas, no alto, sentia um vento frio. Um frio solitário que apenas os pássaros que se perdem do bando conhecem. A lua também solitária me guiou, ali, apontou para minha rua. Se despediu de mim, disse para eu descansar. Iria. Mandeí ela também descansar, mas explicou que precisava esperar até o sol chegar. Falei que entendia. Pousei em frente ao portão de casa. Entrei e mainha ainda não havia voltado. Deitei e, depois de me masturbar um pouco, consegui dormir.

*

Nunca havia amado alguém até conhecê-la. Ficava nervoso nas noites que estudávamos. Ah, esqueci de dizer... o pai dela, sabendo que eu era inteligente, pediu que estudasse em sua casa para o vestibular. Torcia o dia inteiro para que chegasse às 18h30 para entrar na casa, sentar na mesa da cozinha, ficarmos frente a frente. Cada dia mais linda. Tinha um cheiro de maracujá, nem doce, nem azedo. Nunca iria enjoar desse cheiro. Amá-la me deixava feliz porque entendi que eu era diferente de meu tio. Amá-la me fez ter certeza de que era normal como os outros.

Queria perguntar a alguém se era comum amar e não ter vontade de transar. Queria ter um pai ou irmão, eles deveriam saber. Meu pai deve ter amado minha mãe em algum momento. Lembrei de uma vez que entrei no quarto e mainha correu para fechá-la. Na época, cego que era, nada vi. Hoje sei que transavam. Transavam no calor do meio dia. Transavam porque não aguentariam esperar até a noite. Já meu irmão tinha namoradinhas e, vez ou outra, encontrava camisinha em sua carteira, ou perto da penteadeira, afinal não havia motivo nenhum para esconder sua atividade sexual. Eu queria ter esses desejos. Tentava pensar nela me masturbando, mas outras imagens surgiam. Mas um dia com certeza iria conseguir. O amor iria me curar.

Eu tinha um amigo com mais intimidade, ele tinha experiência, mas não tive coragem de revelar que nunca fiquei com uma menina. Nunca havia beijado, na verdade. Era homem, dezessete anos, e uma revelação dessas iria se espalhar e tirariam conclusões erradas. Pensei em contar para uma das meninas. Provavelmente tinham mais experiência que mainha. Porém, talvez por isso mesmo, dificilmente entenderiam que eu era apaixonado por alguém e queria que nela fosse meu primeiro beijo. Resolvi dizer apenas que eu não

sabia pegar de jeito uma mulher, e duas se revezaram, me fazendo pegar nos peitos, e se esfregar. Eu ria, elas riam. Em nenhum momento me excitava e tentei desviar com risos de amizade. Não me excitava porque éramos amigos, e elas fingiram acreditar. A menina que eu amava não era como elas. Tinha um jeito quieto e calmo que parecia ser minha versão feminina. Era religiosa. Isso não seria problema. Eu casaria na igreja com ela, fingiria acreditar em deus para ninguém reclamar.

Aos poucos, a ruiva fez amizade com minhas amigas. Depois com os meninos de minha sala. Eu servia de ponte para as pessoas de minha cidade, e ela era a desculpa para que eu saísse mais. Era simpática, gostaram dela, apesar de as meninas terem um pé atrás, chamá-la de sonsa pelas costas, no que eu a defendia com unhas e dentes.

Estava cada vez mais próxima de mim. Sentia que ela também gostava, apesar de tímida, e eu mais tímido. Ambos evitavam tomar iniciativa. Tentei focar nos estudos, mas mesmo estudando à noite com os livros em frente a ela, eu parecia um zumbi apaixonado.

Numa quarta, convidou todos nós para assistirmos a um filme de terror na casa dela. Os pais estavam viajando, ela ficaria sozinha. Foi uma farra. Pipoca, refrigerante. Colchões por uma grande sala onde a televisão grande exibia o filme. O protagonista tinha umas premonições bizarras que se concretizavam. Amigos empalados, partidos ao meio, acidentes. Mal prestávamos atenção. Risadarias, cutucadas, éramos adolescentes em ebulição. Um desejando o outro, cada um fingindo estar concentrando no homem sendo degolado na tela, mas, na verdade, pensando numa forma de beijar o colega ao lado.

A ruiva se levantou para pegar mais um refrigerante, ofereci ajuda, e, na cozinha escura, sob a luz da porta da geladeira aberta, nos beijamos. Nossos corpos gelados, a boca dela quente e macia. Fechou os olhos e se inclinou sobre mim, desfalecendo. Apertei um pouco sobre meu corpo. Ao ouvir os gritos da sala, nos soltamos, ela sorriu com vergonha, olhando para os lados. Eu tinha dado o primeiro beijo na mulher com quem eu iria me casar. Eu só pensava nisso. Ela voltou para a sala e eu logo depois para não levantar suspeitas. Não consegui me concentrar mais. Sorri assistindo a um filme de terror como se fosse uma história de amor.

Antes de ir embora, pensei que nos beijaríamos de novo, mas ela me abraçou. Entendi que queria privacidade. Não tinha problema. Fui para casa aos pulos, sorriso de orelha a orelha. Minha espera havia valido a pena.

Já na cama, tinha colocado o pau para fora e o lençol embaixo. Forcei o quadril. Parei. Era hora de mudar. Era hora de me esforçar de verdade. Consegui o que queria e devia fazer minha parte. Iria dormir sem precisar daquilo. Por ela. Em respeito a ela. Aos poucos adormeci. O amor estava me curando.

Há tempos não me acordava tão feliz. Caminhava pela rua tão feliz. Me sentia como num musical da Disney em que se anda e canta e os passarinhos vão cercando as mãos que estão girando ao redor do corpo. No meu caso, faziam uns 30 graus e eu tentava manter o corpo forte e rígido como de um homem. Mas por dentro, rodopiava.

Durou pouco minha alegria. As meninas cochichavam e eu pensava ser sobre mim e meu amor, mas, quando cheguei perto, me chamaram, querendo que eu fizesse parte da fofoca. A minha amiguinha, como elas chamavam, era uma puta. Estava prestes a explodir de ódio e defendê-la, mas continuaram contando. Depois que fomos embora, dois dos meninos haviam voltado e ficado com ela. Dois meninos. Não um. Haviam transado. Ela nem virgem era. Tinha vindo para nossa cidade porque aprontava muito em Frederica. Tinham dito que ela já tinha feito um aborto. Fazia festinhas com os meninos lá. Por isso que a trouxeram para nossa cidade, para se aquietar. Continuava sendo puta aqui. Era sonsa. Isso e aquilo.

Me calei. Os meninos atrás de mim também riam e falavam dela. O que tinham feito. Como tinham feito. Os meninos eram mais feios do que eu. Como ela tivera coragem? Como? Esperei meu primeiro beijo com ela, tinha prometido não pensar mais em homem por ela. Há cinco anos era apaixonado. Isso não estava certo.

Tentei me concentrar durante a manhã sem sucesso. Na volta da escola, passei pela frente da casa dela. Estava na frente. Sorriu para mim. O jeito tímido pelo qual me apaixonei. Olhando para baixo, pueril.

Sonsa.

Enfim notei. Estava tentando me seduzir como a todos os outros. Eu era só mais um para a lista dela. Conversamos rápido, falei que tinha que ir correndo para casa, mainha estava me esperando. Perguntou se à noite iria para lá estudar. Disse que sim, claro. Não fui. Nunca mais fui a casa dela e somente a veria algumas vezes de relance, meses depois, já grávida.

*

Aquilo havia sido uma aviso: relacionamentos eram uma distração para

meu caminho. Deveria focar nos meus estudos e me livrar da maledicência que me cercava. Encontraria fora de minha cidade um mundo de pessoas estudiosas como eu. Voltei a negar saídas, voltei a ser solitário. Voltando a ser eu, conseguiria fugir do destino.

Apesar de tentar, não conseguia parar de me masturbar. Ao menos encontrei uma alternativa produtiva: me masturbaria a cada duas horas de estudo. Isso me garantia umas quatro punhetas ao dia, além das obrigatórias do acordar e a antes de dormir. Meu prazer devia ser limitado, com horários determinados para aumentá-lo.

Tinha dores de barriga frequentes, tontura enquanto estudava ou andava, até mesmo deitado. Mainha repetia: eu devia estar comendo bobagens, frituras. Era isso. Devia ser. Não lia mais livros de ficção, não via televisão. O dia inteiro preso nos livros para o vestibular. De alguma forma também era prazeroso. Eu gostava de ter uma rotina definida. Quando mainha pedia para eu pagar uma conta, eu procurava desculpas. Para comprar algo no supermercado eu dizia que estava estudando. Uma ajuda nos afazeres de casa era impensável. Ela tinha que entender que eu não podia desviar do foco. Tinha que ser alguém. Precisava estudar.

Dormir se tornou ainda mais difícil. A dor de cabeça era persistente. Na cama, eu revia fórmulas, diagramas, datas de momentos históricos. Quando me dava conta, eram três da manhã.

Cinco da manhã.

Hora de ir para o colégio e depois voltar para casa estudar até a noite. Me prendi num ciclo que me fez esquecer da vida, do prazer, do que me trazia vergonha. Era bom.

Mainha também ocupava a vida para esquecer dela mesma. Vivia em grupos da igreja em qualquer horário possível e imaginável. Deixou o cabelo crescer, preto, longo, sem enfeites. A saia na altura dos joelhos e uma camisa com a imagem de algum santo. Batom e nada mais na cara. Tinha envelhecido muito nos últimos anos. O rosto sério preenchido de rugas lembrava qual expressão manter. Mainha estava se escondendo da vida, fingindo viver. Escondida naqueles cabelos longos se protegeria dos dissabores do destino. Quando a via saindo de casa, imaginava como devia ser triste se ver sozinha, logo ela que pensava que continuaria com painho até o fim da vida. Mas me parecia forte. Estranhamente forte. Deus a transformara numa nova mulher, e mesmo que o filho nem usasse uma maiúscula para iniciar a frase com o nome dele, ele a transformaria. Como se

antes ela pouco o conhecia. Na dor ela conheceu as maravilhas de se entregar totalmente a fé.

Vivíamos juntos em silêncio. Rezava calada o terço, enquanto eu estudava no meu canto. Talvez tenha sido nossa fase mais entrosada e feliz. Mãe e filho ligados pelo silêncio. O ano foi marchando e os fios de quietude foram se espalhando pela casa. As aranhas ao verem as paredes ocupadas com outras teias procuravam outro lugar.

As aulas acabaram então me sobrava tempo para me dedicar ao vestibular. Noutras épocas, estaria na casa de minha vó, mas, dessa vez não sentia mais vontade. Entendi que não fazia parte deles, nem queria fazer parte. Cansado da violência a que fui submetido. Das correções. Dos gritos. Aquele período em silêncio me fez gostar de estar quieto e sozinho. Nutri tanto tempo medo de despedidas, abandonos, sumiços... E depois torcia para ser largado sozinho em casa.

Pensei que teria que convencer minha mãe, ela faria um drama, mas disse apenas “ok”. Mesmo evitando concordar, sabia como eram comigo, e nunca fez nada a respeito. Esses anos sozinho com ela, fizeram-na perceber que eu merecia algo melhor do que a família que tinha me imposto desde cedo. Para ela, não havia mais tempo. Continuaria aguentando. Ela era como eles. Eu era diferente.

Estávamos deitados na cama. Ela virada para mim, eu virado para ela. A luz do banheiro nos iluminava. Eu fazia carinho nos cabelos longos e ela deixava. Acho que era a primeira vez que não rejeitou meu carinho.

— Você cada vez mais está mais parecido com Heleno.

Fiz cara de quem não tinha entendido. Odiava aquela comparação. Eu era outro. Ela percebeu minha cara de negativa.

— Não lembra do seu tio? Você era muito novo. Mas ele gostava muito de você.

Queria dizer que sim, lembrava. Sempre lembrava de tio. Que ele morreu, mas tinha deixado como herança maldita em mim aquela doença. A doença que o matou: o pecado, a promiscuidade. Que eu tentava esquecê-lo todo dia.

Foi a terceira vez que neguei a existência de meu tio.

Adormecemos juntos na cama enquanto ela alisava meus cabelos. Durante a noite tive a impressão que alguém se deitara conosco na cama. Não tive coragem de abrir os olhos. Mas o fantasma tinha um cheiro bom. Eu lembrava desse cheiro.

*

Era noite de natal e fiquei sozinho em casa. Havia feito cuscuz, fritei queijo de coalho, preparei um suco de caju. Tinha estudado desde cedo e estava cansado. Mas estava esperançoso. Após o ano ansioso, nessa noite, somente eu e as teias de silêncio, me senti em paz. Minha irmã ligou logo cedo desejando feliz natal, boa sorte nas provas. Painho perguntou se estava tudo bem, eu disse que sim, e aí, também, feliz natal, feliz natal, e desligou. Meu irmão não ligou. Mainha ligou cedo, falou que tinham perguntado por mim, mas eu sabia que era mentira. Lembrou para eu fechar bem as portas, na falta de outros avisos, afinal sabia que eu não tinha amigos e não sairia de casa.

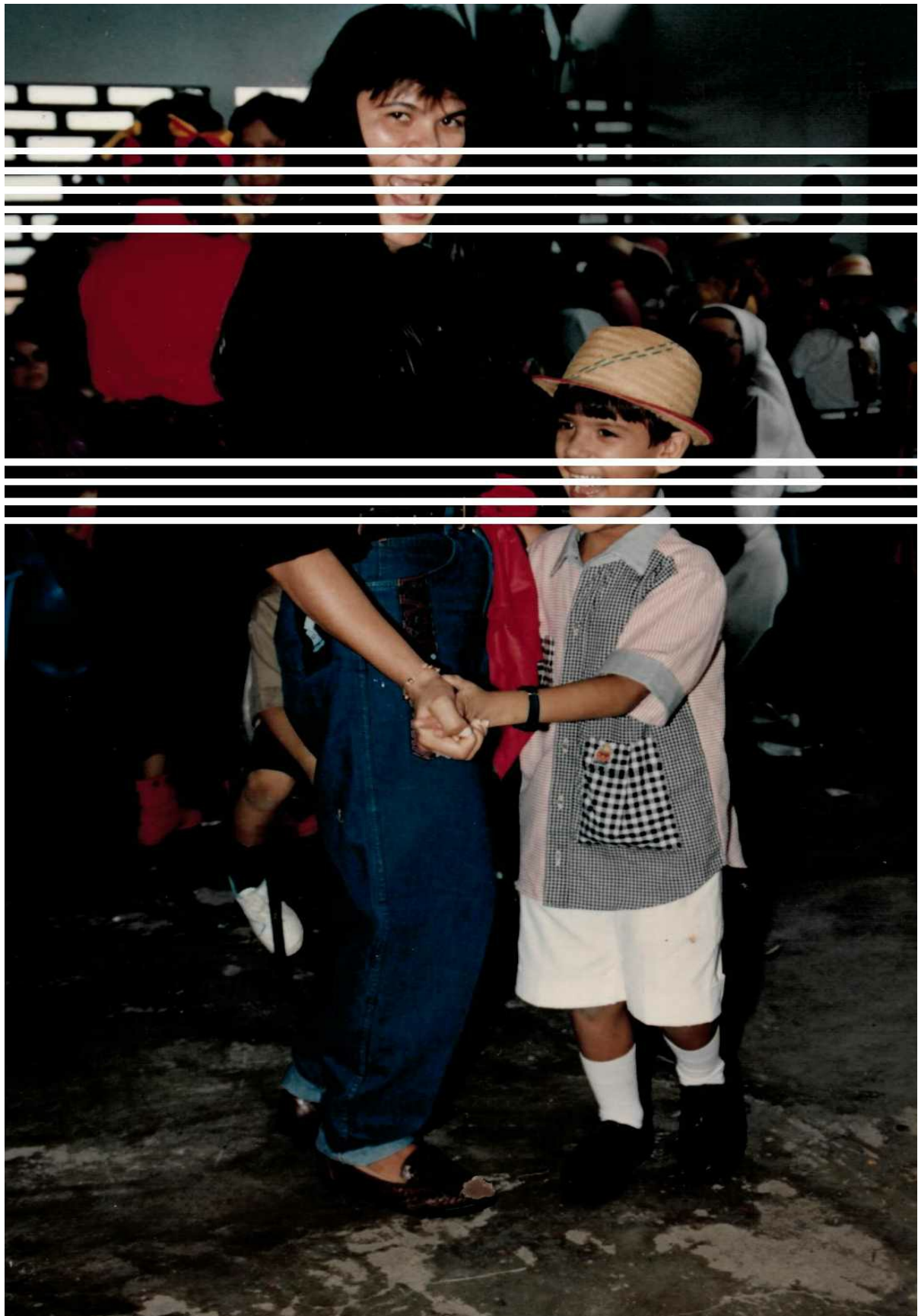
Zapeei a televisão, mas reconheci poucos rostos. Um homem vestido de terno azul cantava músicas chatas. Noutro um filme inédito que eu nem sabia que tinha sido produzido. Nada me chamava a atenção. Não conseguia mais me prender àquela tela que antes servia para jogar o tempo fora. Talvez se eu lesse. Isso, eu leria algum livro. Alguma história leve, com aventura.

Lembrei da caixa onde mainha guardou meus livros. Tirei de cima do armário e a vasculhei. As da coleção Vagalume estavam separadas, juntas, uma família. Fui percorrendo as capas como se cada uma fosse um amigo antigo, uma memória esquecida. Cada título me transportava a uma época, como eu fora, como eu era.

Um me chamou a atenção. Havia lido? Talvez fosse de meu irmão e eu tinha passado batido na época. Menino de asas. Na capa, um menino com asas no lugar das mãos voava e, abaixo deles, as pessoas aterrorizadas corriam. Era um monstro. Sentado ao lado da caixa, li cada página. O menino nascia diferente de todos, e sofria preconceito na cidade pequena onde vivia. Era uma anomalia. Tinha que fugir dali. Ir para outro lugar onde pudesse passar despercebido. Me chamou a atenção para o fato de que durante o livro todo não se dizia o nome dele. Durante o livro todo, ele era o menino de asas. Perto do final, sem muito destaque dava-se para saber que sim, ele tinha um nome, mesmo monstros têm nome.

Quando terminei o livro, coloquei-o de volta na caixa. Lembrei da época em que, criança, pensei que seria escritor. Uma bobagem. Melhor ser aprovado em Direito e ganhar dinheiro. Mas, se um dia escrevesse um livro, daria nomes próprios apenas aos monstros. Os outros personagens seriam apenas substantivos simples. Os monstros seriam especiais no meu livro.

O relógio marcava meia-noite. Me lembrei dos tempos em que lia e o tempo corria sem eu perceber. Organizando os livros na caixa, pude perceber uma folha solta. Ao abrir, logo reconheci a letra. A letra de titio Heleno. A carta nunca entregue. Meu tio relutava em permanecer em minha vida. Ou implorava para que eu realizasse seu último pedido. Se eu a entregasse a Sérgio, ele descansaria em paz. Me deixaria em paz. Guardei a caixa de volta no armário para que mainha não reclamasse depois. Dormi com a carta embaixo do travesseiro.



08.

Qual a última vez em que me senti tão nervoso? A cada passo torto, irregular, reticente, me perguntava como se anda. Um bebê aprendendo a caminhar nos corredores de uma universidade. Peguei informações na entrada e procurei a sala de aula. Era quase oito horas, a maioria estava a postos do lado de fora. Conversavam como se conhecessem, como se tivessem estudado juntos e ali seria uma simples continuação de suas vidas escolares. Eu estava aterrorizado. Estavam vestidos com roupas descoladas e modernas. Os rostos e cabelos bem tratados como se nunca tivessem conhecido a adolescência. Eu ainda era o mesmo dos últimos anos: óculos fundo de garrafa, magrelo, cheio de espinhas na cara. Eles sorriam. Eu também estava feliz, um sonho realizado, mas tentava controlar o corpo querendo tremer. Tentava ajeitar o cabelo. Mexia na roupa como se tocando nela várias vezes, se transformaria em outra de mais qualidade. A tremedeira foi aumentando e o ar rareando. Precisava respirar.

Achei o banheiro mais próximo e corri. Vazio. Abri uma das cabines e sentei. Respirei. Devia ter comido antes de vir para faculdade. Com medo de me atrasar, tinha levantado da cama, tomado um banho apressado e corri para a primeira aula. Aos poucos, a sensação ruim foi diminuindo. Saí da cabine. Suava frio. Joguei água na ca

— Primeiro dia de aula?

Pulei de susto e ele riu. Não o tinha visto entrar no banheiro. Era um rapaz loiro de olhos verdes, magro. O rosto matreiro de quem tinha acabado de pregar uma peça.

— Henrique.

Estendeu a mão, e eu apertei, desconcertado. Menos pela beleza, mais por desconhecer a arte de ser simpático e causar uma boa impressão.

— E você, tem nome?

Ele continuava rindo, se divertindo com minha falta de jeito. Meu nome. Carreguei a vida toda o nome de meu pai, sem me ver nele. Há alguns minutos, dei os primeiros passos, aprendendo a andar novamente. Minha boca estava com os dentes trincados. Se eu dissesse o nome do pai a vida se repetiria. Eu precisava recomeçar. Aproveitei a cara ainda molhada, e usei a água como novo batismo.

— Ícaro.

— Bonito nome. Espero que suas asas não sejam feitas de cera também.

Piscou, se despediu com a mão. Continuei sozinho no banheiro tendo que lidar com meu novo nome. De repente, me senti leve. Era melhor me apressar, o professor devia estar em sala.

*

Durante a semana não o vi. Nos intervalos, olhava pelos corredores, procurando pelas outras salas, pelo refeitório... Nada. Talvez nem fosse aluno, tivesse ido apenas levar alguém. De qualquer forma, a primeira semana foi desgastantemente feliz. Os professores usavam termos que eu não entendia, indicavam livros grossos, mais livros e mais apostilas, os alunos respondiam ao professor como se tivessem sentado antes naquelas cadeiras. Eu estava maravilhado. A vida inteira, fui o melhor da sala. Dessa vez, outros pareciam inteligentes e seguros e estudiosos. Estava feliz por tê-los do meu lado. Orgulhoso de ter ocupado o mesmo espaço que eles, apesar de a maioria ser de família rica. Mais uma vez, eu era um corpo estranho. Eles eram simpáticos, trocavam palavras comigo, fingiam interesse para logo se desinteressar. A minha impressão se confirmou: muitos já se conheciam, eram amigos, e os grupos estavam formados mesmo antes de minha chegada.

Depois das aulas, continuava na universidade. Na biblioteca. Era enorme. Muito maior do que as que tinham em minha cidade. Enfim estava numa biblioteca. Fazia um muro de livros em minha mesa e ficava até o fim da tarde estudando, namorando as páginas e teorias. Vez ou outra pegava algum romance, mas logo depois desistia. Era melhor focar nos livros de Direito.

Eu morava no alojamento da faculdade, sem muita higiene, nenhuma privacidade então preferia ficar a maior parte do tempo na biblioteca. Era a vida que pedi. Nos primeiros dias comprei um cartão e ligava do orelhão para minha mãe. Normalmente, estava fora ou apressada para alguma reunião da igreja. Fui deixando de ligar. Ela nem percebeu. Tentava combinar uma saída com minha irmã, mas estava ocupada, entre trabalho, estudo e desculpas. Do meu irmão, nada sabia. Eu tentava ter gasto nenhum, e o mínimo que precisava um dos meus tios mandava, apesar de acompanhar com uma grande ladainha para ficar claro que eu deveria ser grato pelo resto da vida. Para ele, era muito pouco, mas soava ser um grande sacrifício.

Continuava sozinho. Sem amigos, sem família. Um dia teria dinheiro,

seria alguém e teria tempo para me dedicar a essas amenidades. Não por enquanto.

*

Depois de tantas negativas para festas, por motivo de dinheiro, falta de tempo, falta de interesse, uma professora pediu que eu fosse a uma das festas da faculdade para conhecer a filha dela. Aceitei por educação. Entrada gratuita, era perto do dormitório, depois de meia hora eu voltaria para dormir. Faria mal nenhum.

Uma hora em frente ao espelho tentando transformar meu rosto noutro. Tirei o óculos. Coloquei gel no cabelo. As espinhas estavam diminuindo apesar das cicatrizes estarem ali para lembrar da feiura. Continuava magro, mas, sem óculos, pareceu certo estufar o peito. Endireitar a coluna. Tentei sorrir... Não, não, aí seria demais.

Com o óculos no bolso, segui pelos corredores sem enxergar muito, e a semi cegueira me tranquilizou de alguma forma. Sem conseguir ver os rostos e seus detalhes. Ninguém me julgava, me olhava torto ou ria de mim. Todo mundo era apenas um borrão simpático.

Logo na entrada, umas pessoas de minha turma chamaram meu nome, o nome de pai, que estava na lista das aulas, e atendi, lembrando que sim, era eu. Demorei alguns segundos para identificar quem de fato eram, e foram simpáticos, contaram anedotas dos professores, dos outros colegas. Me ofereceram bebida e neguei, mas, na quinta oferta, entendi que seria necessário.

Uma das meninas me elogiou, disse que eu era bonito. Devo ter ficado roxo, porque logo em seguida me pediu desculpas, viu que fiquei constrangido. Me senti um idiota. Pedi um gole. Aos poucos estava rindo, me divertindo. Eram legais, eu tinha que estar mais aberto para conhecê-los, fazer amizade. Seria bom ter amigos desde que mantivesse o foco nos estudos. Continuar sendo responsável. Ri sozinho, percebendo que eu continuava dando desculpas como que pedindo autorização a mainha.

Uma mão me puxou e reconheci a professora. Me apresentou sua filha, nos deixou a sós. Foi simpática. Disse que a mãe contou que eu escrevia muito bem, que me destacava em aula, o que me deixou tão orgulhoso e satisfeito que dancei com ela, rimos. De cara, percebi que seríamos amigos. Ela era um borrão bonito e divertido. Depois se despediu, disse que o

namorado havia chegado, mas queria sair comigo qualquer dia desses. Falei sorridente, veja só, sorridente, esquecendo os dentes tortos, falei que sim, dia desses eu também poderia.

Estava feliz. E comprei uma bebida. Maduro, inteligente e feliz. Não tinha problema beber. Nem comprar minha bebida. Se mainha estivesse ali eu explicaria que eu era diferente, ela não precisava se preocupar. Bobagem sua preocupação, mainha, irei comprar apenas essa bebida, dançar com meus amigos

Quem era aquele borrão?

Apesar de desbotado, parecia um alguém conhecido. De minha cidade? alguém de um sonho antigo? Alguém que se misturava entre imagem de televisão ou do lado da rua? Mesmo relutante coloquei o óculos. As retinas se acostumaram e encontraram os rostos nítidos e perigosos. Uns já encontravam o menino feio de óculos. Procurei o rosto rapidamente e lá estava. Ele? Tinha barba, mas era ele sim. Usava camisa quadriculada, calça jeans. Era ele, sim.

— Você conhece aquele homem?

Perguntei a um das colegas de sala torcendo que ela me dissesse um nome que eu nunca tivera ouvido, um nome estrangeiro, de outro planeta e irreconhecível para continuar bebendo, sem óculos, sem pensar.

— Professor Sérgio. Só vamos pegar ele daqui a dois anos. Direito Empresarial.

O mesmo Sérgio que vi ser espancado na minha infância. Estava vivo, inteiro, sem marcas da agressão. Até sorria. Vê-lo me fez lembrar de meu tio, que também cursou aquela faculdade. Talvez eles tivessem se conhecido assim, numa dessas festas, ele tirando os óculos, colocando para vê-lo melhor, reconhecendo assim que o amava logo de primeira, amor à primeira vista.

Devo ter ficado tanto tempo parado o encarando, uma estátua observadora que me notou. Me olhou, e não sei se me reconheceu. Sentiu-se incomodado sim. Mas qualquer pessoa notaria o peso sobre seus ombros vindo dos fundos de garrafa que eu usava. Voltou a virar o rosto para pessoa que conversava mas continuou com o canto dos olhos tentando ver se ainda eu continuava o observando.

Meu coração voltou a bater forte. A tontura veio logo em seguida. Joguei o copo de plástico com a bebida no chão e corri para o banheiro. Se sentasse aquilo terminaria. Não devia estar bebendo. Devia estar no dormitório, na

cama, lendo, lendo não, estudando.

Sentado na privada, ouvi a porta do banheiro se abrindo e alguém parando em frente a cabine onde eu estava.

— Ícaro, você está bem?

Quem era essa pessoa que sabia meu nome falso?

Abri a porta e o menino loiro de olhos verdes que eu conhecera no primeiro dia de aula sorriu. Devolvi o sorriso, estava feliz em vê-lo. Aliviado.

— Vamos sair daqui.

*

Estávamos num ônibus indo para o centro de Frederica, para um lugar que eu tinha que conhecer, ele dissera animado. Nunca tinha saído à noite pela cidade, muito menos tão tarde. Luzes piscando, luzes grandes, pequenas, luzes. A cidade parecia usar jóias. Me sentia entrando num barco em direção a uma terra nova, de aventuras, logo eu, dado a poucas aventuras. Acostumado a terra firme, a segurança. Olhos arregalados e atentos com medo do novo.

Ele vestia uma regata branca, uma camisa vermelha por cima, com botões abertos e uns jeans justos. Tinha um corpo bonito. Era o capitão em meio aos chacoalhões de um ônibus velho. Não parava quieto. Levantava e dançava, se remexia, rebojava. Os poucos passageiros riam baixinho, ou olhavam um para o outro como que presenciado um segredo constrangedor. De início, tentei fingir não estar com ele, mas ele me deu outros goles de vodca e, aos poucos, fui achando engraçado, rindo com ele. Nunca tinha tido contato com um homem tão afeminado.

— Você também é do curso de Direito?

— Último ano, graças... Não aguento mais aquele povo chato.

— Não te vi na faculdade durante o mês.

— Talvez precise ver o mundo com outros olhos.

E tirou meus óculos. Colocou no bolso da camisa dele enquanto eu tentava tomar de volta.

— Você tem um rosto lindo — falou fazendo carinho em meu cabelo.

Fiquei com vergonha. Procurei ao redor o rosto das pessoas fofocando sobre nós, mas havia somente borrão. Eu estava seguro novamente.

— Chegamos.

Pude ver a frente da boate fervilhando. Descemos, e de dentro do ônibus ouvimos o grito de “Viado”. Meu corpo ficou rígido no mesmo segundo, eu querendo me esconder dentro de mim. Henrique se virou e mandou beijos.

Me puxou pelo braço e seguiu rebolando. Eu queria que ele soltasse minha mão, parasse de rebolar, as pessoas iam continuar nos xingando. Mas o som de pessoas foi aumentando, os risos, risadas, vozes felizes. Homens e mulheres paravam Henrique e o cumprimentavam, davam selinho na boca, tapas na bunda, gritinhos. Ele me apresentava e eu ia dizendo oi, olá. Eles me abraçavam, sorriam. Eram borrões coloridos cheios de purpurina.

— Bem-vindo à Vogue!.

Entramos na boate. Eu nunca tinha me imaginado num lugar assim. A música era alta e num ritmo que pouco conhecia. Eu ouvia brega e forró na minha cidade. Um som diferente somente em clipes na TV. A música era em inglês, dançante. Todos conheciam e cantavam juntos. Balançavam as mãos juntos. Do meu lado, Henrique estava de olhos fechados. Sentia a música. Algo dentro dele. Algo tocava ele. Era como se eu pudesse ver uma energia quente e grossa atravessando as pessoas. Lembrei da época de Igreja. Mas, em vez de deus, aqui eu sentia amor.

Depois de algum tempo, a música parou e um empurra-empurra tomou conta do pequeno espaço. Todos querendo ir para perto de um mini palco que havia próximo à pista de dança. Henrique havia sumido de meu lado. Eu estava sozinho numa grande maçaroca de gays.

No meio do palco, uma luz. Uma voz ainda sem corpo soltou uma melodia conhecida, a música principal do filme Titanic. O corpo surgiu. Era feito de brilhos, uma grande peruca vermelha, e uma maquiagem exagerada que, mesmo sem óculos, eu conseguir ver. Os aplausos quase derrubaram a boate. Ela dublava, na verdade. A plateia silenciosa respeitava a estrela. Não cantavam juntos. O show era dela. Sincronizada com a voz da cantora, os braços acompanhando a vibração, até o fim explosivo arrancando gritos.

Depois, a música retomou, homens se beijavam, algumas mulheres também, poucas mas também estavam ali, e um tanto de drags. Nunca tinha visto tão de perto. Na minha cidade, só tinha umas que, quando passavam, alguém gritava bichinha. E elas continuavam andando, fingindo não se importar, mas se importando.

Vez ou outra, alguém me tocava, na minha bunda, no meu ombro, puxava a minha mão e eu tirava violentamente. Estava feliz, mas, de alguma forma, ainda tenso. Não conseguia dançar, apesar de todos dançarem. Braços para baixo servindo de âncora. Meu relógio marcava três horas e era melhor voltar para o campus. Procurei Henrique, não o encontrei, queria meu óculos de volta. Tive que ir embora enxergando de outra forma.

*

Durante a semana tentei ignorar a minha miopia, voltei a focar nos estudos e nos intervalos procurava meu novo amigo pelos corredores. Tinha vontade de perguntar dele a alguém mas minha vergonha era bem maior que isso. Sem óculos me tornei simpático, ou mais aberto, ou as pessoas não se assustavam tanto comigo, aos poucos me cumprimentavam, perguntavam, e você sumiu da festa, perguntavam o que eu ia fazer, e realmente queriam saber, e até esperavam eu responder, tenho que estudar, sabe como é, e eles sabiam.

Na sexta a noite, decidi voltar para a Vogue. Sabia qual ônibus pegar, o horário, só era beber pouco, sorrir um pouco, quem sabe dessa vez eu conseguiria dançar. Na frente do espelho eu era um belo borrão. Testei o sorriso que usaria ao entrar. Me pareceu bom.

No ônibus, tentei passar despercebido. Eu era como um deles. Lembrei de Henrique chamando atenção, dançando, as pessoas julgando ele e me julgando por estar com ele.

Perto de mim, um menino lia um livro. Era difícil ver alguém lendo, muito menos no ônibus. Lembrei de quando eu lia mais, todo dia lia, dezenas durante o ano. Até pensei em escrever também. Sonho bobo de criança. Pulei duas fileiras para tentar reconhecer o livro.

Reconheci. A ilha Perdida. Dois irmãos que pegavam escondido um barco, colocavam no rio para chegar a uma ilha. Uma ilha misteriosa. Algo novo. Queriam viver algo diferente de suas vidas já enfadonhas. O mais velho que comandava, que dava segurança, ia a frente. Lembrei de Henrique. Ele que me colocara naquele ônibus, me fez conhecer aquele lugar para mim até então inexistente. O menino percebeu eu observando e se virou, protegendo sua leitura.

Eu não devia estar ali sozinho. A pouca segurança que eu tinha foi se esvaindo a cada parada. Era melhor descer, pegar o ônibus de volta. Minhas roupas eram ridículas. Um magricela feio para aqueles homens que sabiam misturar as cores e peças. Quando adentrou na cidade de verdade e suas luzes, seus risos, minha taquicardia voltou, minha tontura deu sinal. Quase chegando à boate. A praça em frente a boate surgiu. Era minha parada. Tinha que descer ali de qualquer forma. Assim que desci do ônibus, coração na boca, logo encontrei aqueles cabelos loiros, o camisa vermelha com regata

branca por baixo. Henrique estava me esperando.

— Eu sabia que você iria voltar.

*

Naquela sexta ele não me explicou o sumiço, e o fato de nunca encontrá-lo na faculdade. Henrique era um mistério. Talvez isso que o tornasse interessante, e por ter consciência dessa potência do segredo mudava de assunto, fazia brincadeiras, caras e bocas. E eu deixava pra lá. Era meu único amigo nem que fosse um dia por semana. Nunca deu em cima de mim. De início até pensei que sua intenção era tentar algum romance, bancar o homem experiente desbravador, mas não. Apontava para caras que me olhavam, dizia como agir com eles. Dizia para eu relaxar. Para ser leve. Para ser eu. Eu repetia que era assim mesmo, pesado, e ele dizia que não. Deve ter sido minha mãe, meu pai, minha vida. A mim era permitido ser leve, falava rindo, não me obrigando, falava como um professor que quer meu bem. Mas me irritava. Eu sou assim, mesmo com essa nuvenzinha negra.

Depois sumia.

Acho que sumia porque se irritava. Queria se divertir e eu era chato. Então sozinho eu me remexia, dançava, na esperança que estivesse me observando escondido. Voltou para me parabenizar. Às vezes retornava na mesma noite mas sem comentar nada. Parecia nunca perceber que sumia, como se fosse de sua natureza a intermitência. Noutras vezes só ressurgia na outra sexta. Não faltava uma. Nem eu. Às vezes dentro do ônibus, noutras na porta da boate, outra dentro da boate nos encontrávamos.

Numa sexta chuvosa, com a boate quase vazia, ele não apareceu. A música parou, as luzes do palco acenderam, era hora do show. Era ele! Dublava. E dançava. Um artista. Quando desceu do palco perguntei como ele conseguiu se apresentar ali, e apesar de não responder, me abraçou, agradeceu por ter assistido o show. Dançamos juntos e elogiou, disse que eu estava dançando melhor, que estava até mais bonito, as acnes indo embora.

Todas as sextas eu pedia para ele meu óculos e ele dizia que tinha esquecido em casa. Noutra disse que tinha perdido, uma pena, riu. Mas na outra semana usava o óculos enquanto beijava um menino se esfregando na parede. Pedi mas disse que estava ocupado, depois falaria comigo. Sumiu depois.

Eu, que nunca aprendera a lidar com os sumiços e ausências de minha

vida, tinha de lidar com um relacionamento esporádico. Um não relacionamento. O que ele era para mim afinal? Eu não sabia nada dele, e ele tão pouco tinha se interessado em saber algo de mim, apesar de parecer me entender. Quando eu me recusava a beber ele dizia que eu não era meu pai. Quando eu tinha vergonha em paquerar reclamava que eu já estava na faculdade, um beijos não atrapalhariam meus estudos. Quando eu tirava as mãos dele do meu ombro, ria dizendo que seria o irmão que eu não tive. Ele me interpretava em minhas negativas, me lendo como num horóscopo ao vivo. Meu passado exposto em minhas mãos trêmulas, meus ombros tensos.

Aos poucos, fui deixando ser tocado, ser paquerado por outros. De início para que ele me parabenizasse. Depois, ao aceitar que ele dificilmente via minha evolução, fui beijando porque queria e desejava e estava me modificando numa boate gay mais do que nas cadeiras da faculdade.

No dia do meu primeiro beijo com um homem, também transei. Precisava num dia resolver tudo o que até então preferi represar. Se eu numa noite, riscasse os itens para me tornar gay totalmente, seria melhor e indolor. Um remédio que se toma de olhos fechados como se pudesse enganar as papilas gustativas.

Eu não gostava dele. Lembro que desde o primeiro dia na boate havia me abordado. Ao me ver, chegava ao meu lado, chamava para dançar, oferecia uma bebida, puxava conversa. Eu o rejeitava. Não só porque não fazia meu tipo - eu rejeitava mesmo os caras bonitos que me abordavam. Rejeitar era algo tão instintivo que muitas vezes depois de fazer sinal para se afastarem, eu me arrependia, mas não havia mais como corrigir o ato falho. Mas ele não. Rejeitava ele e todas as sextas voltava a insistir. Era magro e feio como eu. Mas muito simpático. Contava piadas que me faziam rir. Eu pedia desculpas, mas não, não estava a fim, vim para dançar, nem era gay na verdade, estava acompanhando um amigo. Até um dia que ele disse que me amava.

Nunca pensei que alguém diria algo assim e para mim. Amar. Lembrei do meu gato que sumiu na infância. Do sentimento não correspondido pela ruiva da adolescência. Era aquilo que ele sentia? Ele nem me conhecia. Se me conhecesse não me amaria. Eu deveria aproveitar então? Amá-lo e nunca me deixar conhecer. Guardar aquele sentimento dele e congelar, e manter perto de mim para que nunca se transformasse?

Ele disse que me amava e mais um vez o empurrei dizendo que não. Enquanto se afastava, pensei sobre tudo, e bebi alguns goles de vodca enquanto pensava, e quando decidi que era o momento perfeito, era a pessoa

certa para eu dar o pontapé inicial, o procurei. Encontrei ele beijando um menino.

Era isso.

Eu havia perdido.

Não.

Era minha chance.

Empurrei o menino que ele beijava e o beijei. Era diferente do beijo com a ruiva. Lábios confusos meus, contra os desejosos dele. Me apertou contra o corpo dele e permiti. Colocou a língua entre meus dentes e deixei. A música havia se fundido ao nosso corpo e só se sentia sua vibração, sem som, sem letra. Nosso corpo tremia. Aos poucos minha consciência foi indo embora e eu pude sentir o contato da mão sobre minha pele se transformando numa só pele. Era um beijo de verdade. Era como os beijos deveriam ser. Ao voltar à minha consciência, notei meu pau duro. Eu era gay. Sim. Isso era desejar outro homem. Não havia dúvidas. Não, eu não voltaria atrás. Tinha urgência em provar a mim mesmo o que eu era, com medo de que na manhã do dia seguinte, me culpasse tal qual me culpava depois que me masturbava. Não haveria caminho de volta. Eu comeria as migalhas de pão do chão, para nunca mais encontrar o caminho de volta.

Pedi que saíssemos dali. Ele entendeu. Enquanto saíamos da boate, num canto entrevi Henrique. Fez um brinde mudo a mim, e sorri num agradecimento sincero.

Entramos num motel barato próximo. Tiramos a roupa com urgências diferentes mas que se encontravam num mesmo ponto. Meu pau continuava duro, o dele também. Lembrei dos filmes que assistia nas madrugadas da Band. Virei ele com carinho. Antes de penetrá-lo peguei uma camisinha no criado-mudo. Nunca havia usado uma. Depois meti e em poucos movimentos, o gozo se aproximou e ele pediu que viesse, permitiu, gemia e me beijava. Depois continuou me beijando apesar de eu querer respirar um pouco, sem querer que ele ficasse em meu peito.

Depois de gozar uma sensação de tarefa cumprida me assomou. Examinei a camisinha de perto para saber se estava inteira. Um incômodo foi tomando conta de cada parte de meu corpo. Por que eu continuava naquela cama com ele que eu nem gostava? Mas ele me amava. Tive que continuar.

Enquanto nos vestíamos notei pela primeira vez o corpo dele. Magro, desengonçado, cabeça desproporcional ao corpo. As mãos balançando desconjuntadas. Me viu olhando, pensou que o admirava e sorriu. Veio ao

meu encontro e me beijou. Tive nojo e tive vontade de mais uma vez empurrá-lo, continuar rejeitando seu carinho. Retribui a boca aberta, a língua dentro, as mãos explorando o corpo asqueroso sabendo como agir automaticamente. Atuando mais uma vez. Me chamou de volta para a boate, mas falei que tinha que voltar para a faculdade, estava quase de manhã. Pediu o número de celular e por sorte eu não tinha, era um item de luxo. Talvez tenha notado meu constrangimento e não insistiu. Me despedi com um beijo e corri para um ônibus mesmo que não fosse o meu.

Na outra sexta, fiquei reticente para voltar lá, mas tinha que voltar, reencontrar Henrique, pegar meu óculos de volta, minha cabeça doía, devia ser a miopia. Voltei. Pablo estava lá, sim, ele tinha nome como todos naquela boate, e ao me ver correu como quem reencontra a parte faltante do casal. A boca procurou a minha mas encontrou minha bochecha. Por uns instante tentou fingir que não estava entendendo mas ele não era criança e logo entendeu. Continuou me fazendo companhia mesmo sem eu pedir, minha cabeça doía, minha barriga fervilhava querendo que ele fosse embora, não queria saber que ele me amava, eu não o amava, ele era feio, ele era estranho. Henrique! Henrique deu sinal com a mão entre amigos e corri em sua direção. Havia me salvado mais uma vez. Meu salvador. Eu sentia algo por ele?

Não, era apenas amizade. Me sentia agradecido por ter me mostrado outro mundo. Não devia confundir. Irônico, falou se não ia chamar meu namoradinho, eu disse que não era meu namorado, mas um conhecido que havia dado oi, ele nem fingiu que não acreditava, deu de ombros como não se importasse. Falou que estava com meu óculos. Agradei e ele mesmo colocou em meu rosto. Tirou o casaco vermelho e colocou nos meus ombros.

Você combina com ele, ele falou, e eu o observava sua pele perfeita, seus cabelos ainda mais sedosos. A boca era tão macia que se sentiria a distância. Disse que devíamos comemorar nossa amizade, já nos conhecíamos há um bom tempo. Foi pegar bebida, me deu uma. Brindamos. Pensei que ele ia se declarar, pedir um beijo mas não. Chamou para o meio da pista enquanto dançava e dançava. Dançava para mim dessa vez. Me olhava nos olhos ciente do que me provocava. Não queria deixar nenhuma dúvida do poder que tinha sobre mim. Era um demônio sensual que depois de me ensinar o que tinha para ensinar queria devorar o aluno. Dançava junto ao meu corpo e sem querer meu pau logo ficou duro e ele sorria sabendo o que aquilo significava. Eu podia ser lido. Ele lia minha mente da mesma forma que meu pai na minha infância. Eu não conseguia esconder nada dele. A boca se aproximou

de meu ouvido e disse que ia ao banheiro mas voltaria logo. E foi.

Continuei dançando, feliz por ter conseguido alguém como eu queria, bonito, que chamava a atenção dos outros. Ele seria meu. E todos me invejariam. Pablo estava perto e me encarou com raiva. Não me importei. Ele me amava. Eu não o amava. Da mesma forma que já amei e não fui correspondido. A vida era assim. De ausências, de decepções. Acostume-se, Pablo, e eu ria feliz, dançava feliz. As nuvens negras haviam ido embora e eu leve provava a felicidade.

Henrique não voltou. Diminui o ritmo da dança, a cabeça ao invés de girar ao ritmo da música, o procurava. Tomei mais uma dose e resolvi procurá-lo. Não demorei para o achar. Estava perto do banheiro aos beijos com outro. Bonito como ele. Não era feio como eu. Se esfregavam. Pensei em puxá-lo, dar um soco, dizer oi, estou te vendo, mas não foi necessário. Ele mesmo beijando, abriu os olhos, deixando claro que não gostava do menino que beijava, me viu e sorriu. Voltou a fechar os olhos e a beijar. Mais violentamente. Fingindo paixão. Ele era um ótimo ator. Os demônios são ótimos atores.

Minha cabeça doeu de uma vez. Meus pés ficaram leves querendo sair do chão. Eu não devia continuar ali. Eu tinha que sentar. Sentado o mundo pararia de girar. Evitaria o banheiro. Eles estavam próximos. Próximo a mim, vi uma porta e sem pensar muito corri em direção a ela. Uma escada. Não sabia onde daria mas uma escada é uma rota de fuga nem que seja para o pulo. Continuei correndo com a cabeça prestes a explodir, me segurando nas paredes para não flutuar. Degrau a degrau procurando o ar para continuar respirando. Uma porta vermelha indicou o fim da escada. O fim da linha. Saí por ela e a minha frente estava o topo da boate. Um telhado amplo.

Parei e respirei.

— Você está bem?

Um rapaz estava em cima do telhado sentado, tomando uma cerveja. Me ofereceu, e eu com a boca seca fui em sua direção sem pensar. Ele pegou na minha mão, tenha cuidado algumas estão mais frágeis, pisa aqui, aqui. Ao chegar no ponto certo, sentou-se e eu sentei ao lado dele. Tomei o resto da garrafa em poucos goles. Quando entreguei a garrafa vazia de volta, notei minha falta de educação e ele riu, dizendo que não tinha problema, depois compraria outra. Tentei evitar o olhar dele e olhei para a frente. Dali dava para ver as luzes da cidade, os outros telhados, uma Frederica vazia ao contrário da que estava embaixo de nós fervilhando.

Quando me voltei para ele, estava deitado sobre as telhas e admirava o céu. Fiz o mesmo. Me deu a mão. A noite estava quente mas com o contato entre as mãos ficou ainda mais quente e apesar disso eu não soltei a mão dele. Fazia tempo que não via estrelas, a noite, o céu. Todas as estrelas, mortas ou vivas estavam lá. Elas não tinham vergonha de nós, nem nos julgavam. Viam nossas mãos dadas e continuavam a nos iluminar, ou nos iluminavam para ver nossas mãos dadas.

— O que foi? — ele perguntou ao ver meu sorriso amarelo.

— Não sei. Parece um déjà vu — ele não se importou e continuou olhando as estrelas — Qual seu nome?

Ele olhou para mim rindo. Tentei ler os pensamentos dele mas não consegui

— André.

Soltei a mão dele.

— O que foi?

— Preciso ir.

— Mas você acabou de chegar.

Falei que estava com dor de cabeça, algo estava errado, que tinha que entregar a camisa de meu amigo, e fui me despedindo mesmo sem saber porque estava me despedindo. Sentia a necessidade de fugir dali e me ver livre de alguma maldição.

Procurei em todos cantos por Henrique, queria devolver a camisa vermelha, não queria ficar com nada dele na minha casa, se ficasse com aquilo estaria levando aquele mal agouro para perto de mim. Ele já havia sumido. Vi o menino que ele tinha beijado mas fingiu não saber de quem se tratava, quando perguntei. Devia ter sido humilhado também. O monstro atacava vítimas diversas durante a noite.

Durante o caminho pensei em manter a camisa comigo. Roubaria para mim. Teria uma nova caixa de furtos onde guardaria tudo o que pudesse me preencher. Uma nova caixa de furtos para suprir as ausências. A cada nova despedida um novo furto. Uma disputa com meu destino viciado em lacunas.

Não, não regrediria ao que era. Não era mais criança, nem adolescente. Tinha que crescer. Voltei para o dormitório decidido a encontrá-lo no outro dia na faculdade e findar de uma vez aquela relação abusiva. Ele ria minha cara, fingindo que não havia sido de propósito mas eu não ouvia.

Dormi sem mesmo tirar a roupa.

Acordei pela manhã com a mesma decisão. Não havia mudado. Mas a camisa não estava comigo. Lembrava de ter dormido da mesma forma que havia chegado. Embaixo da cama. No armário. Nada. Alguém devia ter roubado. Impossível. Não tive coragem de acusar ninguém. Tentei rever meu caminho. A escada, o telhado, o ônibus. Sempre com a camisa. Nada.

Isso não demoveria minha vontade de encontrá-lo. Iria encontrá-lo e dizer que havia perdido a camisa vermelha. Que era a penalidade por me tratar como havia tratado. Era isso. Tentei assistir a aula mas sem sucesso. Sai antes. Antes que desistisse. Antes que a raiva escoasse. Queria resolver a situação com raiva.

Por sorte, na sala dele estava tendo aula. Olhei de fora mas não conseguia vê-lo. Esperei. Ele não teria como fugir. Esperei mesmo com vontade de vomitar de tão nervoso. Quando as primeiras pessoas saíram, me levantei. Foram saindo um a um e nada dele. Outro. Outra. Nenhum era como ele. Devia ter faltado. Eu iria encontrá-lo de qualquer forma

— Moça, Henrique não veio hoje?

Ela encarou a amiga ao lado.

— Temos algum Henrique na turma?

A outra negou veementemente, se desculparam e saíram.

Devia ser algum engano. Talvez um segundo nome.

Fui a secretaria e peguei a lista de alunos. Procurei e nada. Nem primeiro, nem segundo, nem terceiro nome. Nome nenhum. Minha cabeça voltava a doer. Chamei a secretária e falei desse aluno. Descrevi cada mínimo detalhe dele. Respondeu que não conhecia, nunca tinha visto, ela lembraria, todos aparecem por ali, e o que você tem, o que você está sentindo?

Falei que devia ter me alimentado mal, que estava tonto, gelado, os pés voam quando se come mal, se vê até fantasmas, e enquanto eu passava mal e torcia para que Henrique surgisse para me salvar, afinal ele aparecia nos piores momentos, ela segurou minha mão, pediu para respirar, disse que eu estava tendo um ataque de pânico.

*

As semanas que se seguiram foram difíceis. Após nomear o mal, me pareceu que ele se sentia um familiar cuja identidade fora reconhecida na justiça. Fazia questão de me acompanhar a cada passo. Minha tontura, meu

estômago borbulhante, meus pés de asas eram síndrome de pânico. Pessoas próximas diziam que uma tia já teve, um primo enlouqueceu, que era algo simples, que era algo muito difícil.

Não sabia de onde vinha aquilo. Disseram que eu estava estudando demais, me esforçando demais, eu precisava ser mais leve. Duvidei. Estudei muito, me esforcei, era pesado como todos de minha família, e nunca senti nada daquilo. Eu lembraria. Ninguém em casa tinha problemas apesar da vida complicada e difícil. Todos eram normais e fortes. Eu também era normal e forte, senão muito mais normal que eles. Não tive coragem de dizer a nenhum deles o que estava sentindo. Minha mandaria eu voltar para casa, eu devia deixar essa bobagem de estudar, melhor seria trabalhar na nossa cidade mesmo, numa farmácia, ou vendendo sapatos. Ou talvez não liguei porque tinha medo de que ela não se importasse e logo depois de eu contar do que estava acontecendo ela dissesse que tinha feito tapioca com café.

Um dia liguei para paiinho e ele perguntou se estava tudo bem. Por um segundo pensei que ele teria percebido algo na minha voz, ainda lia meus pensamentos, tinha intuído meu princípio de loucura. No outro segundo, lembrei que nossa conversa se resumia a isso, e para não o importunar respondi que sim, eu também, respondeu, que bom, repliquei.

Me recusei a fazer terapia, apesar de dizerem ser isso que eu precisava. Precisava era voltar aos estudos, isso sim. Focando nos estudos, esqueceria os sintomas. Eu havia tido um passado igual a tantos os outros, não precisava me vitimizar. Aquilo era frescura, sim, frescura. Isso, ao invés de tratá-lo com um monstro, o trataria com um bichinho bobo e ridículo. Frescura. Frescura.

Infelizmente, piorou. A taquicardia voltava quando eu menos esperava. Comecei a ter medo da taquicardia. Que ela voltasse. E ao sentir meu batimento eu já sabia que ia aumentar o ritmo, e mais e mais e mais. E eu já estava com peito feito bumbo. Andava como se estivesse normal, mas dentro me tremia e muitas vezes o corpo tremia por fora também. Apesar de sofrer por dentro, eu tentava segurar meu corpo para evitar que percebesse que algo estava acontecendo. Não queria que sentissem pena de mim. Não queria que chamassem de louco.

Se antes eu me preocupava com minha voz fina, minha munheca quebrada, meu jeito de andar, agora eu também tinha que me preocupar se meus olhos não estavam agitados demais, se minha mão não tremia, se meus pés não estavam realmente saindo do chão e além de viado saberiam claramente que eu era um louco.

Se antes apenas olhando os olhos dos outros, sabia que eles guardavam o mesmo segredo que eu, passei a me atentar o quanto de dor e tristeza também represavam. Olhos pedindo ajuda, olhos que pouco dormiam, olhos que queriam estar dormindo, olhos que viam fantasmas, olhos que tinham medo de ver. Reconhecia e me reconhecia neles. Todos continuavam fingindo estar bem mas os olhos se entregavam.

Fingiam estar bem. Tinham medo de serem descobertos e serem chamados de loucos. Fingiam não estar loucos mas todos estavam ficando loucos.

Estudar. Eu tinha que estudar. Mas até nisso, uma das poucas que me traziam prazer, não me provocavam mais nada. Os livros eram chatos, as pessoas que estudavam comigo eram chatas, os professores me entediavam. Era tudo sério demais. Não tinha a emoção dos livros que eu lia quando mais novo. Aquelas linhas sim, eram emocionantes. Talvez porque me transportavam para fora desse mundo sóbrio e chato. O que me sobrou foi conhecer o mundo como ele era. Não conseguia me adequar. Um homem inadequado.

De qualquer forma eu não desistiria. Os professores diziam que era inteligente, que me daria muito bem. Seriam um bom advogado. Seria aprovado em um bom concurso. Ter dinheiro resolveria essas minhas bobagens. Essas bobagens eram por causa da minha falta de dinheiro. Quando tivesse dinheiro, e não precisasse mais estudar iria me divertir, viver a vida, não teria como ser pesado. Teria apenas uma opção: ser feliz. Era isso. Estavam certos. Mesmo assim ao abrir os vademecuns, as teorias constitucionais, os códigos penais, calculava para onde eu estava indo.

Henrique não reapareceu. Nem a camisa dele. Por vezes pensei ter sido apenas alucinação, um querer de ter alguém para diminuir minha solidão. Não era diferente das outras figuras que me acompanharam e em dado momento sumiram. Meu gato. Titio. Meu pai. Existiram e um dia se foram. Fantasmas. Eram de uma matéria diferente de Henrique, que não existira e eu fiz questão que se materializasse. Depois de tantos abandonos, eu fazia questão de criar meus próprios personagens. Soube criar, acostumado às ficções que me nutriram. Mas desconhecia a maneira de mantê-lo junto a mim, desacostumado a ter laços contínuos, por viver no por enquanto do que nasce e se evapora. Mesmo sendo minha criação, mesmo sendo de matéria diferente dos outros que sumiram, ele também era um fantasma. Eu criador dos meus próprios fantasmas.

Estava perto do fim do ano, e eu havia decidido não voltar para casa.

Tinha medo de perder o controle e ter um ataque de pânico em casa, na mesa da cozinha enquanto comia cuscuz com leite, ou tremer e babar quando ouvisse as brigas entre minha e minha irmã. Sair flutuando pela cidade e meu irmão ver da janela e contar para todos que eu havia ficado louco de vez e, como se não bastasse, eu pensava ser pássaro.

Eu tinha que ficar sozinho. Quem sabe desopilar um pouco. Sair, tentar me divertir.

Numa sexta feira, antes do natal, decidi que voltaria à Vogue. Dançaria. Beberia um pouco. Se alguém tentasse algo, eu não o empurraria. Beijaria, transaria, o que fosse.

O dormitório estava vazio, estavam viajando para visitar suas famílias. Me arrumei, ajeitei minha cara, tratei de treinar meu sorriso no espelho.

Peguei o ônibus de sempre. Algumas coisas permanecem. Nem tudo evapora. Frederica estava iluminada, luzes de natal, risos de natal, alegria de natal. No meio da Lagoa uma grande árvore de natal feita de luzes. Lembrei das vezes ali no ônibus com Henrique. Ele dançando espevitado sem vergonha de ser o que era. Como devia ser bom assim.

— Como você está?

Fingi não ter ouvido. Ele se sentou exatamente o meu lado. Usava a regata com o casaco vermelho. Por isso não encontrei. Estava com ele o tempo todo. O ônibus estava vazio e ele não aceitando que eu o ignorava, dançou pelo corredor, pulando de cadeira em cadeira e rodopiando. Eu olhava para a janela, via a cidade, mas de canto de olho não conseguia o ignorar. Estava ainda mais bonito. Viçoso. Feliz. Quando tentou pegar meu óculos, peguei a mão dele e o puxei.

— Você não existe.

Falei no ouvido dele. Ele sorriu. Pensei que ficaria magoado, se irritaria, gritaria comigo. Mas sorriu. Tocou meu rosto, fez carinho. Beijou minha testa. Puxou a cordinha do ônibus e o motorista parou. Henrique desceu e o ônibus seguiu.

*

Eu precisava beber para voltar sentir a música, a vibração. Poder dançar. Tocar, ser tocado. A boate estava cheia. Talvez cheias de pessoas como eu que preferiam ficar entre iguais do que voltar para casa. Talvez também tivessem motivos para esconder, suas próprias tremedeiras e tonturas e em

meio ao álcool e às drogas pudessem esquecer ou até ser outro alguém.

Depois de alguns goles eu consegui sentir a velha sensação de leveza. Devia ser o que painho sentia. Ele estava certo em usar o álcool para aliviar a dor. Era um meio rápido. Esquecia dos problemas. Meu corpo esquecia que tremia. Os pés fincados no chão só pensavam em passos de dança. Quem sabe eu comprasse uma garrafa de uma bebida barata. Tomaria escondido no quarto nesses dias que ficaria sozinho. Isso. Eu não era meu pai mas poderia ser.

Eu conhecia muitos daqueles rostos. Tantas vezes indo ali reconhecia as pessoas, e elas provavelmente me reconheciam. Uma família sem sangue, sem raízes. Se sentássemos para conversar perceberíamos o quanto éramos parecidos. Tínhamos histórias parecidas. Escondíamos algo, medos iguais, desejos reprimidos. Uma família que aconteceu ali mesmo por causa do que se era.

A música parou e paramos. Nosso roteiro era seguro. Ali dentro tudo acontecia da forma esperada para nos sentirmos em casa. A luz no palco acendeu, a drag apareceu e dessa vez não dublou. Cantou com a própria voz. Nunca tinha ouvido aquele tipo de voz. Não era de homem. Nem de mulher. Era a voz dela mesma. A voz que eu devia ter quando mais novo que mandavam eu corrigir e no banheiro eu treinava para mudá-la. A voz que perdi no banheiro estava em alto e bom som no palco. A letra era triste mas feliz ao mesmo tempo. Eu conhecia esse sentimento. Tinha esse amálgama de sentimentos em cada gota de sangue. Todos ali deviam reconhecer porque ao final da música choravam e riam sem perceber que os sons tão antagônicos eram parte de cada um.

A música voltou e tomei goles e mais goles. Quem tentava me beijar era beijado. Podiam me tocar. Tocava eles de volta. Aquela era minha noite. Noite feliz. Que todas noites fossem assim. Os dias também. Seria. Bebi mais. Queria chegar onde nunca chegu

o vi.

O homem beijava o outro, mas ele não era como os outros. Sérgio. Sérgio de tito. Beijava o outro no meio da pista, e o outro tocava na sua bunda, apertando, dizendo que era dele. Ele não era mais de titio. Nunca fora. Era Sérgio de qualquer um menos do meu tio. Mainha havia alertado que fora ele que matara o irmão dela. Ele era o culpado. No meio da pista exibia o direito que tinha de continuar apesar do fantasma de meu tio que se recusava a me abandonar. Ele não. Obedecera o comando de deixá-lo em paz. Meu tio que

pediu para ele não o fazer feliz. Como se soubesse de antemão que ele seria incapaz disso. Era isso. Até então pensei que meu tio rejeitava a felicidade. Era impossível. Todos queriam ser felizes. Meu tio também era assim. Ele não pensara que Sérgio seria infeliz ao lado dele, por causa de sua doença, mas sim, ele sabia que Sérgio nunca teria capacidade de fazê-lo feliz.

Eles continuavam se beijando e beijando apesar de eu olhá-los, querendo bater nele e destruir aquela cara infame. Eu deveria ir logo ao meu dormitório, pegar aquela carta e entregar a ele. Não era minha responsabilidade aquela dor. Nunca fora. Ficaria livre. Mas não havia tempo. Devia resolver de imediato. Corri em direção a eles e bati em Sérgio. Lembro da cara assustada dele e das pessoas ao meu redor, antes de os seguranças me jogarem na rua.



09.

Devia estar uns 40 graus. No céu, nenhuma nuvem. Nenhuma sombra me protegia. Naquele quintal, anos atrás, subia na goiabeira e via o telhado de casa e dos vizinhos. Dessa vez não. Não havia mais goiabeira. Pior. Existia. Estava no mesmo lugar, próxima ao muro mas cortaram ela no meio de seu caule. Parecia uma punição. Ao invés de arrancarem sua raiz, e deixaram ela descansar em paz, amputaram-na. Sem chances de voltar a crescer. Mas ainda ali. Ocupando um lugar de memória do quintal, lembrando a ela, o fracasso no propósito de ser uma árvore que alimentaria gerações, que as protegeriam do sol. Melhor eu entrar antes de ter uma insolação.

Dentro estava claro. Mainha havia colocado mais telhados de vidro, aberto uma janela no meio da sala, mesmo dando para o beco e parede da vizinha. Antes era tudo escuro. Ela ficava deitada na cama, eu lendo livros na minha. Cada um protegido pela escuridão.

Antes da decisão de vir, cruzar o portão e voltar a ser filho, a síndrome do pânico estava piorando cada vez mais. Um dia li uma notícia de uma mulher que depois de um acidente de carro, saiu ilesa mas desenvolveu uma espécie de cegueira psicológica. Durante uma semana tive medo de fechar os olhos. Se voltasse a abri-los estaria totalmente cego. A taquicardia era corriqueira. Andando, comendo, parado: não resistia a nenhum verbo. A sensação de voar, de despertencimento, sempre ao meu lado. Pegar no sono também era difícil. Depois de três dias acordado, entendi que era hora de procurar ajuda.

Me indicaram um psicólogo que atendia gratuitamente os alunos da faculdade. No primeiro dia, por uma hora, me calei, apenas chorava. Nada saiu. Morcegos voavam dentro de minha cabeça e faltou coragem de abrir a boca para deixar eles saírem. Cada um guinchava em tons diferentes, ou apenas batiam as asas para que os outros não pudessem ser ouvidos.

Até que falei.

Disse que tinha medo. Muito medo. Eu estava morrendo de medo.

— De quê?

Parecia uma pergunta tão simples, procurei a resposta. Os morcegos pararam. Quietos, esperando curiosos. Havia aquela comichão que me punha medo, me colocava para tremer e voar, me deixava sem dormir, mas medo de

quê? Nunca pensei nisso.

— De ficar louco.

E naquele instante as peças se encaixaram. Longe de estar resolvido, mas ouvi um click dizendo, ei, essa é a resposta correta. Não sei se iria me ajudar, mas soube que era o início de uma investigação sobre mim mesmo.

Foi difícil voltar àquela casa. Sua casa, mainha repetia, repetia suspeitando meu distanciamento. Em tão pouco tempo deixou de ser minha. O terapeuta insistiu que era necessário, tinha que lidar com os meus lutos, enfrentar meus medos, enxergar minha família de frente, eu não estava sozinho no mundo, eles me ajudariam, estando perto deles, entendendo eles melhor, eu me entenderia melhor. Hora de me conhecer.

De qualquer forma, omiti o que estava acontecendo. Cheguei com minha pequena mala onde coube todos meus pertences. Menti que estava de férias, ia passar o mês. Seria fácil: o desinteresse pela vida dos outros a não ser a dela, eliminaria qualquer pergunta sobre mim. Mas logo pela manhã, depois de me fazer comer duas tapiocas, fritar queijo de coalho, perguntar se queria café, numa dedicação que cheguei a desconfiar, me perguntou como estavam as aulas.

Quem era aquela mulher? Estava com o cabelo cortado, com roupas normais e não uma camisola como me acostumei a vê-la. A casa limpa, organizada. Esperei alguns segundos, fingindo comer, para assim ela esquecer da própria pergunta e falar de outro assunto, contar os próprios problemas, mas o rosto dela continuou me encarando esperando a resposta.

— Tudo bem, mainha.

Eu não podia falar que havia desistido do curso de Direito e por causa disso não mais moraria no dormitório da faculdade. Ela não fazia a mínima questão que eu estudasse, repetia que eu era ganancioso, que o meu lugar era ali, nosso lugar. Mas depois que consegui, se vangloriava do filho que iria ser doutor.

Não podia contar da síndrome de pânico, das tremedeiras, que eu tinha medo de fechar os olhos, medo de ficar louco. Sei o que ela iria dizer: falta de deus. A falta de deus era a explicação de boa parte dos problemas e quanto a mim havia sido prevenida. Era melhor eu voltar para a igreja, ir a igreja no domingo com ela, não, não, hoje mesmo visitaríamos o padre.

Meu plano era simples: ficaria ali em casa, ficando, ficando, e sem ela perceber eu continuaria. Faria parte da casa novamente. Algo temporário, diria caso perguntasse. Mas eu não sabia quanto tempo. E nem se aguentaria.

— Ele vem hoje?

Tentei falar como algo trivial apesar de ser um tanto doloroso. Painho havia voltado. Há dois meses havia largado o emprego longe e retornou para a casa de mainha, A minha casa. A dele, novamente. Como explicar que não houve pedido de perdão, ou volta, propriamente dita? Por todos esses anos meus pais continuaram falando, se tratavam como casados apesar da distância. Apesar de mainha despejar em nós argumentos para odiá-lo. Ele não mandava dinheiro para casa. Ele nos abandonara. Não nos amava. Um bêbado irresponsável. O problema parecia restrito a paternidade mas não ao matrimônio. Ao dizer que estava voltando, estava cansado de tentar viver num lugar daqueles, teve as portas abertas sem nenhum senão, ou sem um conquanto.

Mainha venceu. Se outros membros de nossa família estavam se divorciando, ela vencera, perseverara, manteve o casamento porque era para isso que casamentos serviam: para durarem a vida inteira. Deus devolveu seu amor. A casa devia ser arrumada, tirado o pó, mais luz para que lembrasse a época em que ele ainda estava lá. Como se o ato dele não tivesse feito diferença em nenhum de nós.

— Passou a noite no pai dele, mas deve estar chegando.

Por sorte, ela lavava os pratos e não percebeu que eu tremia. Não sabia bem o porquê. Eu não o odiava. Meus irmãos sim, se negavam a voltar para casa desde que ele voltou. Desde a saída dele, adotei um discurso de harmonia que impedia minha revolta ou ódio com o mundo. Meu pai livre de culpa. A falta de educação e estudo por culpa de sua infância pobre. Refugiou-se no álcool devido ao ambiente falido onde estava inserido. Fugiu de suas responsabilidades porque...era fraco. Para cada fato havia uma desculpa para que eu não explodisse e abraçasse meus algozes. Talvez eu só parasse de tremer quando explodisse.

Tentei ver televisão mas zapeei e nada me chamou atenção. Evitei ficar no terraço olhando a rua para não ter a surpresa de vê-lo chegar, ter que recebê-lo. Me parecia constrangedor um reencontro com o próprio pai tantos anos depois.

Lembrei da caixa onde guardava meus livros de antigamente, cadernos, folhas soltas. Procurei e nada. Perguntei para mainha e mandou eu não mexer, estava dentro da despensa cheia de pó, eu ia ficar espirrando, depois se eu quisesse tiraria para mim. Minha primeira reação foi pensar em me rebelar e dizer que queria a caixa, queria rever o que era meu, me rever. Mas

me calei. Era melhor evitar atritos pelo bem da minha saúde. E no mesmo momento entendi que era uma péssima ideia. Melhor deixar certos sentimentos numa caixa. Estava muito sensível para me ver ali dentro, ouvir minha voz, reconhecer sonhos antigos. Faltavam nervos para lidar com fantasmas guardados em caixas.

Ao mesmo tempo me senti comovido por mainha ainda manter nossos objetos. Mesmo que em difícil acesso. Ou talvez isso os deixassem mais especiais: seriam acessados caso fosse necessário, quando perdêssemos a memória, os objetos ali dentro reativariam nossa história, nosso inconsciente, sonhos. Ela guardava não por isso, claro, ela guardava porque da mesma forma que tinha dificuldade de se desvencilhar do meu pai, não conseguir jogar no lixo meu primeiro caderno de caligrafia, nem a agenda da sexta série. Tudo era foto. Tudo era prova de que fomos família. Mesmo se não voltássemos mais para casa, mesmo que todos a odiassem, ela teria dentro daquela despensa a prova de que por um período ela foi mãe e esposa.

— Aquela tua amiga já teve outro filho.

— Que amiga?

— A ruiva.

Era estranho receber essa notícia. Queria ter ciúmes, ou inveja. Nada. Alguém que eu pensei que amava. O amor era algo que desapareceria assim ou nunca amei? Tinha medo de estar evitando o amor. Pessoas. No medo de sofrer, evitava o mínimo gérmen de sentimento. Se virasse algo mais forte, se lembrasse sangue, o vermelho da emoção, eu já estaria longe.

Mainha sentou na cadeira de balanço. Era com um convite para eu sentar no sofá ao lado e ouvir. Eu não tinha muita paciência para ficar ouvindo. Ela costumava dar voltas e voltas num assunto. Parecia esquecer do que estava falando e entrava noutro. No final, porém, chegava ao ponto inicial e me surpreendia: eu pensava que ela estava perdida em pensamentos mas na verdade não. Consciente de sua narrativa. Quem sabe ao invés de meus livros havia sido mainha a primeira centelha que eu tivera ainda criança para contar histórias. Centelha que foi se perdendo na minha incapacidade de continuar a ouvindo. Dessa vez parei, sentei no sofá, com real interesse.

— O menino ainda não falou. Tem uns dois anos e ainda falou nada. Cabelinho vermelho que nem o dela mas feio que nem o pai. Se fosse teu, já teria falado. Se fosse teu, além de ser inteligente seria bonito. Você sempre foi muito inteligente. Bonito era quando nasceu e agora tá voltando a ser bonito. Essas espinhas a família toda teve, eu era cheia de espinha, Heleno

principalmente, cheio de espinha mas depois ficou aquele homão bonito. Você tá a cara dele. É que você espichou logo, era feinho. Mas nasceu gordinho, gordinho. 4 kilos. O último e teve que ser cesariana. Olhão esperto. Calado. Não lembro você chorando. Sempre observando, observando. Mamava que até babava. Tu e teu irmão, mamavam tanto que escorria no canto da boca. Com uns sete meses mudou. Não dormia. Chegava no berço e você tava com uns olhos aboticados, olhando pro escuro, pro vazio. Eu balançava e balançava e você não dormia. Teu pai ficava preocupado, a gente a madrugada acordado, porque você não chorava mas também não dormia. Daí parou de comer. Era tão gordinho. Começou a emagrecer. Colocava o peito, começava a mamar e colocava tudo pra fora. Nem dormia, nem comia. Dava uma dó. Eu não sabia mais o que fazer. Quando tua madrinha veio aqui queria levar pra passar uns dias com ela, eu disse que não, você tava doente. Muito doente. Ela perguntou de quê? e eu não sabia. Eu me senti uma mãe muito ruim porque meu filho não dormia, nem comia, e eu nem sabia porque era. Devia saber né? A gente sente, é uma ligação tão forte que a gente tem que sentir. Falei que você não ia. Ela contou pro teu padrinho e ele que tinha mais dinheiro, mandou pro médico que ele conhecia. Ele era bom. Atendeu muito tempo aqui na cidade. Daí te examinou e falou pro teu padrinho pra te levar pra capital naquele dia mesmo. Se esperasse mais um dia você ia morrer. Não ri, Júnior. Foi assim mesmo. Podia ser tarde demais. E era meu filho mais bonito, inteligente. Eu já sabia. 7 meses e eu já percebia que era sabido. A gente te levou pro hospital e você ficou lá. Eu nunca tinha me separado de um filho meu. Nunca tinham me dito que eu não ia poder salvar um filho, que tinham que tirar de meu braço um filho porque eles é que poderiam salvar. Eu ficava lá pelos corredores chorando, chorando. Teu pai comigo. Uma mulherzinha, muito boazinha, me apoiou. Acho que ela tava esperando. Tinha a minha cara dolorida mas mesmo assim me ajudava. Disse pra eu fazer uma promessa. Tinha que fazer uma promessa pra meu filho continuar vivo. E eu disse que não. Que Deus ia te deixar vivo se fosse o certo. Se eu fosse merecedora. Rezei pra Nossa Senhora da Conceição. Entreguei nas mãos dela. Por isso ela é sua protetora. Disse, Maria Santíssima, se é da tua vontade cura meu filho, deixa ele crescer junto comigo. No segundo dia voltei e não deixaram te ver. Não estava bem. Eu e teu pai pensava que já tinha te perdido. No terceiro dia nada. No quarto dia a gente chegou no hospital e disseram que você tinha tido alta. Eu fiquei esperando num corredor do hospital, eu e outro casal. Eles também estavam

esperando o filho. Daí veio a enfermeira com um menino no braço. Magrinho, magrinho. Cabeça toda raspada, e ele era tão magrinho que a cabeça parecia enorme. Teu pai falou, é ele? eu falei, é não, é não. Deve ser do outro casal, e eu fiquei torcendo para que você viesse logo, que não fosse mentira. Quando a enfermeira passou por mim, o bebê nos braços dela me viu e falou mamãe. Mamãe. Você me reconheceu e falou pela primeira vez. Eu não reconheci porque tava tão diferente, meu filho era gordinho, cabelo crescendo. Mas você viu e falou mamãe. A gente te abraçou chorando, e você sem entender nada, só feliz em ver a gente. O filho da tua amiga já tem dois anos e falou nada ainda. Se fosse teu já teria falado.

Ela não tinha noção do que tinha acabado de falar. Pensava estar falando sobre o filho com problemas de fala de minha ex-amiga. Já eu ouvia uma declaração de amor, a primeira da boca dela, a primeira que eu tinha conhecimento. Não tinha noção do que tinha dito e levantou e passou a limpar os móveis da sala, a varrer a casa. O amor dela vinha assim sem cerimônia, sem um grande palco ou palavras milimetricamente pensadas. O amor assim me pareceu bom.

*

Minha irmã ligou e conversamos quase uma hora. Estava de férias da faculdade e do trabalho - tinha ido com umas amigas para praia, mainha tinha me dito, mas eu sabia que ela devia estar com algum namorado. Falou dela, eu inventei sobre mim não querendo preocupá-la. Estava num hotel bonito, o café da manhã era incrível, coisa de cinema, que a praia tinha a água azulzinha. Disse para não contar para mainha mas estava com um namorado lá. Fingi surpresa, pedi para ter cuidado. Me senti ainda escrevendo o diário dela. Antes de desligar prometeu que quando eu voltasse para a Frederica nas aulas ia sair comigo. Ir na boate que eu ia, que não tinha preconceito, falou assim como se fosse novidade nenhuma. Ela sabia. Era como se também escrevesse um diário para mim mesmo distante.

Perguntei a mainha se meu irmão ligava, e disse que ele tinha parado de falar com ela desde que painho voltou. Era passageiro. Com o tempo ele iria entender. Quando tivesse a mulher dele, iria entender.

Era quase hora do almoço e nada de painho. Mainha agia normalmente. Ele não ligou, nem avisou de atraso. Ela ia para um lado e outro da casa, e eu ficava observando, tenso, antes com o simples reencontro e dessa vez com

aquele atraso que me lembrava tempos de outrora em que chegava bêbado e eu esperava na beira da cama, ajoelhado rezando.

Depois que comemos, ela foi na casa da vizinha, o que estranhei afinal não era muito dada a amizades, enfiada no próprio telhado. Voltou com um menino novinho, devia ter uns dez ou onze anos. Ele veio atrás dela, se escondendo e calado. Explicou que era o filho da vizinha, muito inteligente como eu. Adorava ler. Trouxe para eu conhecer. Não sei se ele ou eu estava com mais vergonha. Odiava quando mainha ficava me apresentando a outras pessoas. O filho que vai ser doutor. O filho inteligente. Mas ao ver os olhos dele, minha vergonha virou carinho. Dessa vez ela estava certa, me reconheci naquele menino franzino e tímido.

Mainha disse que ia tirar a caixa que tinha meus livros, meus cadernos que eu tinha pedido. Ele ficou procurando o chão com os olhos evitando me encarar.

— Você gosta de ler?

— Gosto.

Falou baixinho, mas pude identificar que voz era aquela. Já tive essa voz. Ele era como eu fui. Nesse momento, senti vontade de protegê-lo, dizer as táticas para se proteger, para que não notassem o que eu acabei de notar, se notassem ele iria sofrer, iam fazer ele sofrer. Consertar a voz, o jeito das mãos, o andar. Se ele fizesse isso logo cedo, iria passar despercebido.

— Mas não tem muito livro lá na escola.

Quando mainha voltou com a caixa, colocou ela no chão, nos sentamos. Disse que tinha me esperado para abrir porque aquilo era meu. Entendi que ela estava querendo passar aqueles livros adiante. Me senti enciumado um pouco. Meus livros, minha formação. Quando o menino viu o tanto de livro que havia dentro, os olhos se arregalaram, a boca de felicidade gigante. Aquela reação me fez ter um sentimento feliz que há tempos não tinha. Uma criança feliz ao se deparar com um livro é das cenas mais preciosas possíveis. Ele apagou nossa existência, e passou a existir apenas aquela caixa e ele. Foi tirando os livros de dentro, olhando as capas maravilhado, tocando como se fossem brinquedos caros, de última geração, brilhantes. Um tesouro.

— Posso ficar com um?

Mesmo com uma arca inteira, pediu apenas um. Me imaginei guloso querendo todos, ficando triste se dissessem que não. Éramos parecidos mas não iguais. Falei que sim. Podia escolher qualquer um. E que quando terminasse voltasse aqui em casa e pegasse outro, e depois outro e outro.

Leria todos, e no final se quisesse ficaria com eles. Seriam dele, mas um por vez. Eu queria ver aquela alegria várias vezes. Meu plano era que não tivesse vários ao mesmo tempo e achasse algo normal. Queria que cada ida, ele abrisse o baú e de dentro tirasse uma nova barra de ouro sob seus olhos reluzentes.

Escolheu um com uma menina na capa abraçando um ursinho. Sozinha no mundo, o título. Vi o símbolo no canto do livro e lembrei que era da minha coleção favorita. Vagalume. Ele falou que leu alguns daquela coleção. Me senti colega dele mesmo com a diferença de idade. Teria sido bom se ele tivesse nascido na minha época, então eu teria um amigo como eu, conversaríamos sobre livros, e quem sabe escrever juntos nossas próprias histórias.

— Mas esse é um pouco triste— alertei.

Na história a menina saía com mãe num ônibus a procura do tio que morava na capital. No caminho a mãe morria e ela retomava a busca sozinha. Mesmo que fosse uma aventura cheia de reviravoltas não sei se ele estaria pronto pra algo daquele tipo. Ou eu não queria que ele lesse algo do tipo, queria protegê-lo.

— Eu gosto de histórias tristes.

Eu o abracei, disse que o livro era dele.

Mainha mandou ele pra casa, que a mãe dele ia ficar preocupada. Ele saiu pedindo mil obrigados, repetindo que ia cuidar muito bem do livro, nem dobrar a pontinha da página iria, que ele costumava marcar a página com folha de árvore. Saiu saltitando e mainha falou 'fresquinho, o bichinho'. Reclamei, disse que ele podia ouvir, e ela deu de ombros. Fiquei com raiva lembrando de mim mesmo quando ouvia algo assim, e me foquei em meu conserto como se estivesse quebrado. Mesmo com o tempo, seguidas tentativas, cheio de rachaduras. Prestes a quebrar de vez.

*

Estava quente, tentei dormir um pouco, coloquei o ventilador quase na minha cara mas nada. Mais de uma hora deitado tentando parar de pensar, mas pensando em tudo. Bati punheta algumas vezes, parava, continuava, mesmo assim não dormia. A tarde seguiu. Mainha saiu para resolver coisas e fiquei com medo que painho chegasse antes dela. Eu teria que explicar quem eu era, ele sem lembrar de meu rosto, meu corpo.

Fiquei com medo de que fosse menos filho dele. Mainha estava certa em querer manter todos juntos. A cada volta teríamos que gastar um tempo explicando quem cada um era, o que era para o outro.

Fiquei com medo de que ele chegasse bêbado. Tanto por lembrar eu criança rezando ajoelhado naquela mesma cama, pedindo que deus o curasse. Quanto por entendê-lo um pouco, entender o álcool, saber que o demônio estava por perto e até dentro de nós.

Entendi que meu medo não era pela chegada de um desconhecido mas porque eu entendia o mecanismo que fazia meu pai continuar. E ver o quanto era parecido com o meu. Logo o homem que desde pequeno tento me distanciar e ser diferente. Naquele dia, enquanto estava pendurado pela corda no pescoço, a vida me deu a dica: ambos calados diante da tragédia. Hoje eu com medo de enxergar nele, eu mesmo.

Mainha voltou falante e animada. Tinha comprado queijo de coalho, macaxeira molinha do jeito que eu gostava. Ia fazer um jantar gostoso para gente. Falou 'a gente' e fiquei sem saber se éramos apenas nós dois ou estava contando com painho. Ela sabia de algo que não queria me contar? Começou a falar sobre a vizinh

Ouvi a gargalhada.

Da esquina ouvi a gargalhada de painho. Mainha ficou tensa. O rosto tentando encontrar no meu algum sinal. Acho que tinha medo que eu me escondesse ou evitasse painho. Ou brigasse com ele. Eu ainda não sabia minha reação mas fingi normalidade. Dentro tudo estava caindo, se desmanchando. Mesmo assim fui para porta.

Outra gargalhada.

E painho abriu o portão.

Estava de bermuda e sem camisa, segurava ela na mão. Era ele mesmo? Tinha o rosto parecido, um pouco mais envelhecido mas sim, parecido. O bigode estava lá. A gargalhada era a mesma. Como se tivesse sido gravada desde da primeira risada para nunca se diferenciar da outra. Mas algo não encaixava. Painho era um homem magro e enorme quando saiu. Lembro dele dizendo para me cuidar e saindo pela porta. Esse homem, porém, que se aproximava com grandes dentes para fora, era menor que eu. Pequeno.

— Júnior.

Falou antes de me abraçar, e quando abraçou tive certeza que era menor que eu, não era impressão. Nunca soubera desse poder da distância de apequenar pessoas. Abracei meu pai. Com força. Quem sabe apertando forte

ele voltaria ao tamanho normal. Mas não. Mesmo depois de soltá-lo continuou o mesmo. Sorri para ele.

— Mainha fez macaxeira pra gente.

*

Estávamos na mesa de jantar, comendo, conversando. Não lembrava de mainha sorrindo tanto. Painho tinha um leve cheiro de álcool mas estava feliz. Eu estava feliz também.

— Você continua o mesmo olho de bode.

Tinha esquecido desse apelido. Desde pequeno, painho me chamava de olho de bode. Era muito míope e olhava com os olhos apertados. Aos oito anos ele me levou para a cidade grande fazer exame de vista. Saí de lá com óculos fundo de garrafa. Nesse dia, me levou para um lugar onde eu escolheria o que colocar no prato. Um self-service. Eu estava maravilhado com todas as possibilidades de comida que existiam no mundo, os tipos de feijão, de carnes, nem sabia se algumas eram carnes, não sabia o que era metade da comida que coloquei no prato. O atendente riu ao pesar, havia ultrapassado um quilo. Painho se divertia lendo meus pensamentos. Como eu não consegui comer um terço, ele me ajudou. Se mainha estivesse comigo nesse dia, ela teria decidido o que eu comeria, cada item, e brigaria se eu deixasse resto.

Os três sentados como uma família completa iam comendo. Ele com a boca aberta, fazendo barulho, mas dessa vez não me importei. Não tinha mais pensamentos ruins quanto a ele para me envergonhar. Não teria que des-pensar para ele não ler meus pensamentos.

Testei.

Pensei: se ele estivesse lendo meus pensamentos ele piscaria para mim.

Painho piscou sorrindo para mim, ao me ver olhando para ele.

Continuei olhando, tentando conter o choro. Pensei o que eu vinha aguentando, meus problemas, as noites sem dormir, as tremedeiras, meu coração que disparava. Pensei e continuei olhando para ele. Queria que ele me respondesse. Me ajudasse. Fosse meu pai.

Ele tocou na minha mão e fez carinho.

Chorei.

Primeiro tentando conter o choro, espasmos por tentar conter o choro. Depois entendi que não havia mais o que esconder. Chorei de verdade.

Deixando as lágrimas caírem. Sem esconder o rosto. Chorando para libertar meu corpo da dor.

Mainha e painho se levantaram e me abraçaram.

*

Estava há duas horas me masturbando, tentando dormir, me virando de um lado para o outro da cama, me masturbando mais, tentando relaxar, o sono não vinha quando ouvi gritos. Me levantei assustado e me escondi atrás da cortina da janela.

Do terceiro andar puder ver dois homens batendo numa travesti. As outras correram enquanto ela era empurrada. Pegaram a cabeça dela e bateram no capô do carro. Pareceu perder os sentidos. Um entrou no carro, enquanto o outro empurrava ela em direção à parede. O cara no volante gritou para o outro entrar, mas esse só parou depois de dar outro chute nela, já desfalecida.

O carro cantou pneu e foi embora.

A rua continuou vazia, e a travesti parecia morta no chão. Acho que eu sabia quem era ela. Toda vez que eu chegava a noite do trabalho, ela estava próximo a esquina. Ela e mais duas. Dizia alguma graça e eu sorria em resposta. Mainha tinha dito que o menino da minha rua, Douglas, que tinha minha idade, virou travesti, foi para Itália. Às vezes eu olhava para elas tentando reconhecer meu ex-vizinho que tão pouco contato tive, mas sabia bem quem era. E se ele fosse aquela estendida na rua? Queria ajudar mas tive medo de descer. Eles poderiam voltar. Ou a polícia chegar e pensar que eu havia a matado.

Fiquei parado em minha janela, esperando alguém aparecer, eu avisaria sobre o corpo no chão, pediria ajuda. Se eu tivesse celular, teria ligado mas nessa época ainda era muito caro e meu salário na biblioteca mal dava pro aluguel. Por meia hora fiquei parado junto a janela sem fazer nada.

Então ela se mexeu. Tentou se levantar enquanto gemia. Se equilibrando no salto alto, ajeitando a roupa. Sentou na calçada por uns cinco minutos. Levantou. Passou as mãos no cabelo até ficar satisfeita. Foi para a esquina. Ficou em pé na esquina. Um carro passou e ela sorriu fazendo sinal com a mão.

*

Ainda na minha cidade recebi ligação da biblioteca de uma faculdade particular. Tinha deixado currículo lá antes de ir embora, e me chamaram. Era pouco mas ao menos continuaria em Frederica.

Depois de dias com meus pais entendi que eu não cabia mais naquele ‘a gente’. Era a chance de eles serem novamente um casal e eu atrapalharia os dois. Não contei que desisti do Direito. Um dia revelaria a verdade. Um dia saberiam de tudo o que eu escondia. Mas não nesse momento.

E foi na biblioteca, com tempo livre, aproveitando que estava tantas vezes vazia, que planejei como chegar até Sérgio e de uma vez por todas entregar a carta que meu tio havia escrito para ele. Queria me ver logo livre dessa memória. Com o tempo livre também voltei a escrever. Ficava rabiscando uma frase e outra. As linhas saíam meio tristes, meio acidentadas então acabavam na lixeira. Estava decidido a escrever algo feliz. Tentaria até conseguir.

— Por que você não tenta um livro infantil?

Meu namorado falou um dia na cama. Devia ser meu terceiro namorado. A cada dois meses eu tinha um diferente. Pensava amar, me entregava totalmente, mas em pouco tempo uma angústia ia tomando conta, uma vontade de ficar só, uma necessidade de sentir dor. E eu me afastava. Sumia. Sumir sem dar explicações passou a ser minha forma de alívio.

— Não consigo escrever algo leve.

Respondi para ele mas vez ou outra essa pergunta reaparecia no meu ouvido.

*

Aproveitei os computadores do trabalho para pesquisar sobre Sérgio. Ainda ensinava na minha antiga faculdade. Tinha um currículo extenso. Participava de várias bancas de graduação. Entre uma pesquisa aqui e outra acolá consegui encontrar seu endereço. Evitei ir até lá, não parecer um louco, um intruso. Ainda tentava controlar minha síndrome de pânico com terapia e remédios então preferia depender da sorte de encontrá-lo ao acaso do que programar um momento de tensão.

Andava com a carta no bolso. Assim, se o visse aleatoriamente em qualquer lugar, entregaria. Não explicaria nada. Apenas entregaria, a carta falava por si só. Era clara. Se eu não entendia quando criança, hoje compreendia cada vírgula, cada palavra virulenta, o ódio e amor distante em poucas linhas.

Lia a carta várias vezes ao dia. Sabia de cor. Mesmo assim tirava e lia na esperança de ver algo novo, uma palavra que fugiu de minha atenção. Torcia para encontrar nela uma centelha de felicidade. Que naqueles últimos dias, titio tenha sentido algum alívio ou esperança.

Houve pouco avanço quanto àquela doença. Novos remédios surgiam, coquetéis, notícias de novos testes, capas de revista com o título alardeando a proximidade da cura, mas a cura não chegava.

Eu fazia testes todo mês. Sempre transava com camisinha, a cada transa olhava no fim se ela estava inteira, e mesmo assim tinha medo. Mesmo paquerando alguém numa boate eu imaginava se ela teria ou não, aquela feridinha ali, um pouco magro, safado demais. Não, melhor não arriscar.

E não arriscava mais em nada. Queria a segurança da solidão, do trabalho sem reviravoltas, da rotina sem surpresas. A vida foi desbotando e eu preferi assim.

*

Num sábado à noite, decidi ir a casa de Sérgio. Era num bairro residencial tranquilo. Eu teria que ir de ônibus e andar mais um pouco até chegar lá. Respirei várias vezes. Desisti várias vezes. Dentro do ônibus cheguei a descer para voltar, mas peguei outro novamente e segui em direção ao meu destino. Não sei o que realmente esperava daquele encontro.

Desci do ônibus e caminhei vagorosamente. Ele devia saber. Todos têm o direito de saber que foram amados. Ele ficaria feliz em saber que meu tio o amou, que o amava tanto que teve que se afastar. Não queria infectá-lo. Queria ele vivo como prova do amor dos dois. Era isso.

Cheguei ao endereço. Uma rua tranquila. Queria morar num lugar tranquilo assim, sem me preocupar com gritos da rua no meio da noite, ou o perigo de ser assaltado. A faculdade devia pagar bem, ele tinha uma boa vida. Era uma casa simples mas bonita. Pequena, com jardim na frente bem cuidado.

Subi, os degraus da frente, bati a porta e esperei.

Ouvi umas vozes, ele não devia estar só. Me tremendo, dei a volta, era melhor ir embora, a porta abriu.

Era uma menina linda, devia ter uns sete anos. Cabelos longos pretos, usava óculos.

Voltei.

— Sérgio mora aqui?

— Painhoouoo.

Ela gritou e eu não soube o que dizer. Antes que eu me movesse uma mulher simpática surgiu, perguntou se eu era aluno, que o marido estava no banho e já sairia, que eu poderia esperar, mas eu não ouvia mais nada. Falei gaguejando que havia sido um engano. Um total engano. Eu não devia estar ali. Eu não tinha motivo nenhum para estar ali. E me afastei tentando controlar as mãos trêmulas.

Aos poucos o ar foi voltando. Com o tempo conseguia controlar mais rapidamente os ataques. Eles vinham mas desapareciam mais rapidamente. Fiz o caminho de volta com pressa, com medo de que Sérgio procurasse quem havia batido na casa dele. Eu não queria mais saber disso. Não.

Pare de tentar me fazer feliz. Tanto tempo para entender essa frase mas naquele dia fez tanto sentido. Ele ao descobrir que tinha AIDS, foi morar longe em São Paulo, pediu que Sérgio não o procurasse. Não insistisse. Era para o bem dele. Não só pelo perigo de morrer do mesmo, mas se continuasse ao lado dele, seria visto como. Ele mesmo saudável morreria em vida pelo que os outros iam falar. Ele ganhou a chance de recomeçar, retentar, renascer. O primeiro passo seria deixando ele morrer sozinho. Deixando titio sozinho, desistindo de fazer o bem, ele não precisaria levar nenhum pedaço dele ao morrer. Nada de titio restaria nele. Sem fantasmas. Sem pesos. Livre. Feliz.

Eu fazia meu caminho de volta para o ponto do ônibus e escrevia mentalmente o resto da narrativa. Se eu definisse o que tinha acontecido, como cada um agiu, não precisaria mais revisitar a história. Não precisaria de outras versões, de outros lados. Eu tinha que inventar as lacunas dessa história e de uma forma me livrar dela.

A carta não fora extraviada. Titio nunca quisera entregá-la. Ele nunca quisera que ela fosse encontrada. Devia ter sido um rascunho, um desabafo. Talvez tenha guardado num livro para depois jogar fora, mas ficou mais doente, esqueceu da carta, esqueceu de Sérgio.

Talvez o fantasma dele estivesse perto, me pedindo para jogar a carta fora. Não. Eu tinha que parar com talvezes e quem sabes.

O fantasma dele estava perto, me pedindo para jogar a carta fora. Devia me livrar desse peso. Não havia tarefa nenhuma. Não era minha responsabilidade. Eu podia ser leve se quisesse. É tempo de recomeçar. Jogue a carta, me deixe livre, fique livre, não somos os mesmos.

No ponto do ônibus, tirei a carta do bolso, e olhei pela última vez. Tive medo de deixá-la voando sem destino. Tive medo que alguém a pegasse e o

fantasma fosse transferido. Eu devia ser mais enérgico. Sim, coragem Ícaro. Picotei a carta em tantos pedaços que nunca fariam mal a ninguém. Aquela história nunca mais seria contada.

Entrei no primeiro ônibus que passou, mesmo sem saber o destino. Sentei e evitei as janelas. Olhei para a frente. Só para a frente. Não queria correr o risco de tentar juntar e colar os pedaços que livres alçavam vôo.

Epílogo

Quando saí do prédio e cheguei à portaria o gato miava e miava. Estava com fome, ou pedia socorro, ou algo doía. Era novinho. Deviam ter jogado ele, ou se perdeu da mãe. Estava no canteiro próximo ao portão. Os pêlos amarelos rajados com branco. Fiquei com pena, mas estava atrasado para o encontro. Evitei olhar nos olhos dele. 'Nem tudo é minha responsabilidade', vinha trabalhando isso na terapia. Era melhor me apressar.

O cara estava na frente do restaurante concentrado no celular quando me aproximei. Sorri para que ele me visse sorrindo na primeira vez. Talvez assim se apaixonasse à primeira vista. Eu odiava esses primeiros encontros, apesar de tê-los frequentemente. Meus namoros continuam curtos. Minhas tentativas de relacionamento estão diminuindo. Tenho trinta e dois anos e me parece que não sou uma pessoa feita para uma vida a dois.

Aperta minha mão ao me ver, sorri, entramos no restaurante, mesa para dois? sim, sentamos, pedimos um drink, começamos a conversar. Conheci ele por um aplicativo de celular, da mesma forma que os outros nos últimos anos.

Evito sair, festas, conhecer pessoas numa boate. Não tenho mais síndrome de pânico e um pouco disso deve ser porque passei a evitar pessoas. Faço compras do supermercado pelo celular. Farmácia pelo celular. Transporte, restaurantes, exercícios, livros, cinema: tem aplicativo para tudo. Um mundo perfeito em que tudo funciona, inclusive as paqueras. Ao vivo normalmente saem de meu controle.

— Você então escreve livros infantis?

Confirmo. Evitei falar em nossas conversas mas deve ter pesquisado. Falo dos livros que já publiquei, que vendem bem, que a literatura no Brasil não dá tanto dinheiro mas ao menos eu faço o que gosto. Ao menos esse drink posso pagar, faço piada e ele ri. Tem o sorriso bonito. Evito sorrir para que ele não descubra meus dentes tortos. Mexo no cabelo para parecer tranquilo. Ele finge estar interessado no assunto. Não tem cara de quem lê. Não lê, disse que dá sono. Falo que ok, às vezes dá sono mesmo. Finge ser atencioso ao menos no primeiro encontro para transarmos.

— Mas por que livros infantis?

Por essa eu não esperava. Sinto o amargo do gin e mexo no pedaço de limão no copo. Antes de cair num abismo, lembro de manter a normalidade,

ele não pode me achar estranho, tenho que ser interessante. Volto a olhar para ele e respondo sorrindo.

— Por que livro infantil tem gosto de final feliz. Ao contrário da vida real, ali tudo se encaminha para dar certo.

Falo e na mesma hora me arrependo. Odeio parecer pessimista ou depressivo. Tento esconder minha depressão, neuras. Ninguém gosta de problemas. Sorrio tentando despistar mas tenho medo de fazer meu sorriso de louco. Tento achar no rosto dele algum sinal de que está me odiando. As mãos dele estão quietas na mesa, não está nervoso. A mulher da mesa ao lado estava me olhando? Mexo o cabelo de novo.

Meu celular toca, me salva e peço licença para atender.

É mainha. É domingo e todos estão na casa dela em Pedra Bonita para o almoço de domingo. Em casa, quer dizer, ela insiste em dizer que continua sendo nossa casa. Painho, minha irmã e as filhas, meu irmão com a esposa e os filhos. Depois de um tempo cada peça se encaixou e eles estão juntos, compartilhando a vida, a felicidade. Eu estou longe deles.

Do celular ouço a gritaria de crianças pela casa, as conversas dos adultos. Ela pergunta se estou bem, como está o clima em São Paulo. De verdade. Sabe o que passei, os problemas que tive, e mesmo dizendo que é falta de deus, que se resolveria se eu entregasse minha vida nas mãos de nossa senhora da conceição, sei que se preocupa. Entendo que queria ter sido uma mãe melhor. Ter me dado uma vida tranquila. Digo que estou. Pergunto se ela já votou, responde que sim, logo cedo, todo mundo lá em casa votou. Me arrependo de nunca ter transferido meu voto. Meu título ainda é de lá, e me sinto omissos, irresponsável.

Minha irmã toma o telefone e fala comigo. Pergunta como está meu encontro, fala que ele é bonito, que gostou das fotos que mandei. Rio sem graça. Ela mais que ninguém sabe que aquilo não vai ter futuro. A interrompo quando lembro o que vi minutos atrás..

— Você lembra de Fofinho? Aquele gato que eu tinha? Sumiu quando a gente era criança.

— Claro né. Mas ele não sumiu não. Ele morreu.

— Como assim morreu?

— Ele morreu na frente da gente, Júnior. Deve ter sido veneno. Você chorou a semana toda. Mas por que você lembrou dele?

Explico do gato parecido que vi. Ela fica calada. De onde estou vejo o cara do encontro no celular, digitando mil coisas, provavelmente falando o quanto

sou estranho. Preciso voltar. Mando beijo, digo que estou com saudades, desligo, queria estar em casa, minha casa, não deveria ter saído hoje.

Volto para mesa e ele continua mais um minuto no celular, diz que está terminando uma conversa. Ele já é cinquenta por cento menos bonito do que uma hora atrás. Precisamos sair dali logo e transar antes que eu perca totalmente o interesse. Peço outro gin.

— Você acredita na sua memória? Tipo, você acha que a gente altera as próprias memórias para se proteger?

Ele arregala os olhos, torce a boca. Deve ter tido curto-circuito ao pensar. Rio explicando a conversa com minha irmã, o gato que nunca sumiu mas morreu, *imagina só uma história inteira desencadeada por uma mentira*, ele tenta dar uma resposta inteligente mas entendo que é burro como uma porta. Cancelo o gin, pedimos a conta, tenho pressa.

No caminho tento dar a mão para ele, mas ele tira, olha para os lados, diz que é melhor quando estivermos sozinhos. Entendo. Os anos se passaram mas as coisas não mudaram tanto assim. Pessoas caminham vestindo a camisa da seleção, animadas, felizes, certas do futuro. Torço para que estejam erradas.

Somente quando entramos no apartamento dele, ainda no escuro, nos beijamos. Pensei que ele não estava interessado, me achado feio, mas apenas estava evitando me tocar em público. Me explica que temos que nos dar respeito em público, evitar que as pessoas se constranjam e finjo não escutar, querendo logo transar. Se eu ouvir ele mais um pouco vou perder logo o tesão.

Nossa transa não merece nenhum parágrafo. Ele vai para o banho, e sem que perceba, procuro a camisinha que usamos. Inteira. Fico deitado na cama sem saber se ele quer que eu fique, se vamos comer algo depois, se é melhor que eu vá embora. Odeio primeiros encontros.

Fogos de artifício espocam lá fora. Olho o relógio. Já deve ter saído o resultado da eleição. Tenho medo de procurar no celular alguma notícia. Na tela há várias mensagens mas evito olhar.

— Posso ligar a tv?

De dentro do banheiro confirma e ligo. Na tela está o que mais tinha medo. Ele discursa como presidente eleito. O blazer é bem cortado mas usa uma camisa clara para fora da calça, a gola desabotoada. Quer parecer despojado apesar do blazer claro. Não me engana. Sinto uma pontada no estômago que há tempos não sentia.

— Agora, sim, o Brasil vai para frente.

O cara fala da porta ainda nu. O pau mole pequeno. Sinto nojo. Por sorte ele voltou para dentro do banheiro.

Minha cara está congelada em frente a tv. O futuro presidente está cercado de pessoas de verde amarelo, de branco. Nenhum deles me engana. Um senhor ao lado dele inicia uma oração. De olhos fechados, todos rezam juntos. Fazem uma oração. Meu estômago remexe, e minha taquicardia perdida no passado volta. Minha velha conhecida quer mostrar o quanto ainda está forte e viva, anos depois da última visita e quase estoura meu peito. Eles rezam. Conheço esses olhos fechados e esse deus. ele não me engana.

Visto minha roupa correndo e antes de sair ainda ouço o cara chamando meu nome, para onde você vai? Ícaro, o que aconteceu?, e o som vai ficando distante, sinto meus pés flutuarem, para longe dali, longe de tudo que me faz mal, voar é bom.

São Paulo é enorme. Por mais que eu voe não consigo vê-la inteira. Fogos de artifício, apartamentos piscando as luzes. Consigo ouvir a buzina dos carros. A cidade está em festa. Eu de cima contemplo, sou um monstro que voa, distante de todos.

Vaguei durante a noite, procurando saídas, caminhos mas não encontro. Apenas quando terminam de festejar me sinto seguro para voltar. Tenho que voltar. Ali estava meu prédio. Ali. Se eu ficasse dentro de meu apartamento nada aconteceria a mim. Se precisasse sair, atuaria. Sempre atuei. Sempre me escondi. Sei como fazer.

Diminuo a velocidade do voo e aos poucos vou pousando. Aterrisso em frente ao meu prédio. Antes de abrir o portão, ouço os miados. O gato continua lá. Ninguém dava ouvidos a ele. Continuava com fome ou com dor. Cheguei perto. Era pequeno. Uma pequena bolinha de pelos amarela. Devia estar com frio uma hora dessas. Tive medo de tocá-lo e me arranhar, mas ao aproximar minhas mãos, ele parou de miar. Olho nos olhos dele e entendo. Deixa ser tocado. Coloquei nas mãos e ficou quieto. Entrei no prédio, subimos juntos no elevador, ele calado me olhando, tentando entender o que eu era. Abri a porta do apartamento e estava todo escuro. Entramos, fechei a porta e continuamos no escuro. Estávamos seguros.



Agradeço a meu Deus toda vez que me lembro de vocês.
Filipenses 1:3